

Carlos Alberto Simões

UM HOMEM NA ESTRADA



UM HOMEM NA ESTRADA

Carlos Alberto Simões

UM HOMEM NA ESTRADA



Aprender sempre ao longo da vida e fazer de cada situação uma oportunidade de aprendizagem!

Este livro de Carlos Simões mostra-nos uma pessoa que apesar de todos os problemas que teve de enfrentar ao longo da sua vida, tem uma postura optimista que o ajudou sempre a ultrapassar as situações difíceis e a aceitar desafios superando-se.

Alguém que saiu de Alfândega da Fé, uma comunidade isolada e muito pobre na altura da ditadura de Salazar para Angola, já jovem adulto, mas que apesar das suas circunstâncias sempre olhou o novo e o diferente com curiosidade e admiração.

Alguém que aceitou sempre novos desafios, sendo a curiosidade e a vontade de conhecer outras pessoas e outras culturas uma motivação para aceitar viver em países diferentes e aprender línguas diferentes.

Alguém que sempre nos habituou à sua vontade de participar na vida comunitária, de ser interventivo e generoso.

Alguém que agora como sénior é professor da Universidade Sénior, conselheiro municipal e aluno de teatro e de outras disciplinas, porque a sua vontade de aprender é a sua motivação para ser aluno e ser viajante.

Enquanto trabalhador emigrante sempre aproveitou para conhecer novos países e novas culturas e agora como viajante continua a aprender, a socializar e a nunca ter medo de ser humano, confiante e genuinamente interessado pelos outros seres humanos desta terra.

Este livro é um testemunho de um homem que ama a humanidade e por isso quer conhecer melhor... talvez uma forma de dar sentido à vida.

Berta Nunes

Presidente da câmara de Alfândega da Fé

Escrever o prefácio do livro do nosso Pai evoca muitos sentimentos, entre eles orgulho, coragem, alegria e entusiasmo. Neste livro, Carlos Simões, pai, avô e sogro, oferece ao leitor o relato das vicissitudes da vida, narrando vivências da sua juventude, experiências profissionais e partilhando conhecimento das viagens realizadas pelo Continente Europeu, Africano e Asiático.

Retratando-lhe a alma, põe em relevo o ser Alfandeguense e dá dicas para atenuar a solidão, problema que afeta grande parte da população da nossa sociedade.

Durante a vida, não há como escapar de alguns acontecimentos que avassalam a nossa alma: os momentos de perda de um Ente Querido. É uma dor na alma e uma crescente Saudade...

E foi nesse momento difícil que começou a aprender a interagir com as novas tecnologias, como forma de distração e interação com o mundo, conhecendo novas pessoas, enriquecendo a sua cultura através da partilha de experiências, praticando a língua inglesa, dialogando on-line com outras pessoas, reciclando conhecimentos, enviando mensagens de correio electrónico para a família, conhecendo novos mundos e culturas.

Uma coisa é certa, não há idade para se aprender!

Ainda com o mesmo objectivo de combater a solidão, faz parte do grupo de teatro de Alfândega da Fé, leciona inglês na Universidade Sénior e sempre que possível viaja.

É com este este intuito, que menciona no livro:

Digam resolutamente alto e bom som:

Solidão vai-te embora

Fica de mim ausente

Estás comigo a toda a hora

Não te posso aturar sempre

Quer de noite quer de dia
Estás sempre à minha beira
Será que eu não podia
Viver doutra maneira?

A Família

All life is a path
over and through of the works,
seeding and harvesting and plowing,
forward leads like clock.
All life is a path
good and bad carousel

You cannot stand, still have a lot to find.
I wish you a great success with your book.

Anne

--

*Toda a vida é um caminho
Que “sobrevoa” e atravessa trabalhos
Semeando, colhendo e lavrando
Em frente seguindo como um relógio
Toda a vida é um caminho
Bom e mau carroucel*

*Não podes parar, ainda há muito a encontrar.
Desejo-te um grande sucesso com o teu livro*

Anne

Saudação a um viajante

Uma das características do ser humano é curiosidade perante o desconhecido e outra, que resulta desta, é a de procurar em cada momento uma explicação para todas as coisas. Certamente que ao longo dos tempos estas características contribuíram para o desenvolvimento da própria espécie e talvez para a sua sobrevivência face a outras que por razões naturais, ou pela ação do próprio homem, foram ficando pelos caminhos da história do nosso planeta.

Nesta busca da explicação para o desconhecido cabe também a aventura da viagem, uma realidade que nós portugueses conhecemos bem, pois somos seguramente uns viajantes natos, quase por necessidade existencial, muito embora na maior parte dos casos tenha sido, e ainda é, por necessidade de sobrevivência. O certo é que viajar, muitas vezes em direção a paragens longínquas, das quais nada ou pouco sabemos, tornou a nossa cultura mais rica e diversificada e tem contribuído para engrandecer o património cultural daqueles que passaram ou continuam a passar por essa experiência.

O livro que se apresenta é disso um bom exemplo. Carlos Simões começou cedo a diáspora pessoal, por necessidade primeiro e durante muitos anos, por puro aventureirismo e prazer pelo desconhecido nos últimos anos e, como ele próprio refere, de preferência para paragens que tenham culturas diferentes.

Fica assim esclarecido que este nosso amigo viajante tem como grande finalidade aprender e enriquecer culturalmente. Na fase em que as viagens foram uma necessidade de sobrevivência essas aprendizagens também aconteceram, embora não fossem o objetivo principal. Numa segunda fase o objetivo é mesmo aprender, mas entretanto havia surgido outro problema que era necessário resolver: a solidão.

Tendo o prazer de ser amigo há longos anos do autor e de, por essa razão, conhecer bem a sua forma de ser e de estar na vida, podemos assegurar que muito mais do que a descrição

de países, cidades, hábitos, usos e costumes de outros povos, este livro é um grito de sobrevivência, de liberdade e de combate à solidão.

Entendido desta forma percebe-se por que razão a escrita simples e direta deste alfundeguense não comporta juízos de valor depreciativos e insiste na importância da aprendizagem, do convívio entre as pessoas, da necessidade imperiosa de se fazer um esforço para não se estar só, dos perigos que a solidão comporta, das vantagens que a sociabilização transporta para a vida de cada um e para as dinâmicas de cada coletividade.

Pelo que se disse e apesar do título da obra, este livro não fala apenas de viagens, pois elas, em si mesmo, não foram o objetivo central do autor. Este livro fala de pessoas, de culturas, de partilhas, de associativismo, de companheirismos e deixa claro que um homem nunca fica só quando faz da amizade a alavanca da sua vida!

Francisco José Lopes

Agosto de 2015

O livro de Carlos Alberto Simões é um relato intenso e detalhado do tempo vivido desde o seu nascimento na década de quarenta do século passado na curiosa data de 26 de Abril até aos dias de hoje. Apetece-me dizer *o tempo perguntou ao tempo quanto tempo o tempo tem e o tempo respondeu ao tempo que o tempo tem tanto tempo quanto tempo o tempo tem!* A energia saudável deste meu amigo que ao invés de envelhecer isolado e amargurado utiliza o último *tempo* numa frenética actividade ocupacional num conjunto diversificado de acções dinamizadoras no seu meio sociocultural: as terras e gentes de Alfândega da Fé.

Ao viajar pelos quatros cantos do mundo, por paragens umas profissionais outras de lazer onde o elemento cultural cimentou muitas das experiências que agora deixa descritas nesta obra para memória futura, de que os seus mais directos familiares se orgulharão seguindo-se-lhe os amigos e todos aqueles que queiram bisbilhotar a Biblioteca Municipal/Centro de Documentação de Alfândega da Fé.

Este escrito não é mais do que um relato diarístico da vida de um transmontano dos quatro costados, vivenciado e viajado, o ilustre alfandeguense Carlos Alberto Simões.

Quiseram os *tempos* de 2011 que a Filandorra se deslocasse para o Concelho de Alfândega da Fé no âmbito de um Protocolo de Cooperação com a Câmara Municipal para aí desenvolver actividades de produção, formação e animação teatral. Em boa hora, no espaço da Escola Municipal de Teatro/TAFÉ entre os muitos participantes, surgiu um *sénior* a quem todos tratavam por Senhor Carlos que, logo no início do processo propedêutico de integração e das dinâmicas de grupo de que veio a resultar a constituição do grupo TAFÉ – Teatro de Alfândega da Fé, mostrou total disponibilidade e empenhamento nas artes do palco com um carácter de humildade e sabedoria natural que ao longo dos três anos em que vivenciamos esta experiência era modelo de referência para todos os envolvidos no empenhamento enquanto actor nas várias produções do TAFÉ, de que destaco a sua interpretação na personagem de Homem Bom na recreação da

Lenda dos Cavaleiros das Esporas Douradas em Maio de 2013 e na personagem de Pêro Marques da obra vicentina *A Farsa de Inês Pereira*, que teve a sua estreia em Setembro de 2013.

Pelo facto de neste seu livro o autor ter a gentileza de referir a sua participação em projectos com a Filandorra – Teatro do Nordeste, fica este testemunho em meu nome e de toda a equipa da Filandorra, com votos para que nos próximos... *tempos*, sejamos contemplados com novos escritos em... próximos *tempos*.

David Carvalho

Director Artístico

Filandorra - Teatro do Nordeste



Em primeiro de tudo e como prova de humildade tomo a liberdade de pedir desculpa a todos os leitores pelos lapsos que eventualmente tenha cometido. Esforcei-me por fazer o melhor possível, essa é a minha íntegra convicção.

Não obstante ter já uma idade avançada, lembrei-me daquele provérbio que diz *"mais vale tarde do que nunca"* e perante isso avancei com firme determinação, apostando em chegar a porto seguro e estou plenamente convencido de que a meta que me havia proposto atingir, modéstia à parte, te-la-ei atingido em toda a sua plenitude. Sabia de antemão que as minhas carências de carácter cultural não eram as que eu mais desejaria para levar a cabo missão tão espinhosa, mas isso não foi obstáculo suficiente para que deixasse tão complexa empreitada ficar no puro esquecimento. Faço um relato mais ou menos detalhado dos lugares que visitei, não apenas de Portugal mas também de outros países, como por exemplo o Irão, Israel, Palestina, Egipto, Estónia, Letónia e Inglaterra, que fazem parte da Ásia, África e Europa.

Desde episódios verdadeiramente hilariantes, passados em inúmeros locais que tive o privilégio de visitar, não apenas em Portugal, mas também no estrangeiro, dou particular ênfase aos problemas que afligem as pessoas da terceira idade, designadamente a solidão, temas de pertinente importância e que foram inseridos nesta humilde obra. Sendo alfundeguense, não podia deixar de fazer uma particular referência à minha terra natal, Alfândega da Fé, como obviamente, estarão todos de acordo.

Procurei dentro do possível evitar as redundâncias e a minha grande preocupação foi a de que o livro fosse completamente

acessível a todos os leitores, independentemente do grau académico que possuam. Foi meu objectivo primordial ser o mais claro possível e conciso. Tê-lo-ei conseguido? A resposta virá de todos os que tenham a gentileza de perder algum tempo lendo-o. Se não atingi a meta que havia programado não foi por falta de esforço e empenho. Procurei, através da inclusão de inúmeras fotografias e documentos tornar toda a temática mais acessível e atraente, tendo como pano de fundo uma leitura totalmente clarificante, compatível com leitores de todos os quadrantes académicos. Consequentemente desejo que a leitura deste livro seja agradável para todos. Quando cito profissões, governos etc., não o faço com intenção de ferir susceptibilidades, pois tentei unicamente relatar factos reais, dentro da minha óptica, como se depreende.

Sendo este o meu primeiro livro é normalíssimo que haja motivos que sirvam de crítica que poderá ser em sentido negativo ou positivo. Seja de que índole for, ela será sempre bem-vinda com inteira satisfação. Será sempre valiosa e estarei inteiramente disponível para aceitá-la com a minha melhor atenção e posso afirmar desde já que jamais cairá em saco roto, desde que daí saia algo de frutuoso. Que não surjam problemas, sejam de que tipo for, inerentes à leitura e interpretação deste texto, são os meus sinceros votos. Se eventualmente existirem problemas, no que concerne a essa matéria, tal facto deixar-me-ia descontente. Faço votos que isso não venha a acontecer. Espero, isso sim, de todos os leitores sem quaisquer excepções e com verdadeira expectativa, que venham a gostar da obra e estou confiante que me transmitirão a vossa total compreensão e o vosso imprescindível apoio.

Antecipadamente aceitem os meus agradecimentos. Desde já o meu sincero obrigado e bem hajam.

Carlos Alberto Simões

Parte I

Alfândega da Fé, 1942-1959

Nasci em Alfândega da Fé, em 26 de Abril de 1942. Aos sete anos de idade fui para a escola primária e tive como professor o Sr. Horácio Paulo. Antes de entrar para a escola primária andava muito preocupado porquanto era voz corrente dizer-se que os senhores professores batiam sem dó nem piedade nos meninos, mesmo que estes tivessem apenas sete anos de idade. Comummente ouvia dizer que o senhor professor Horácio Paulo batia com uma grossa régua de madeira nos alunos e em algumas ocasiões com extrema violência. Como se calcula andava apavorado com notícias tão aterradoras e encontrava-me seriamente traumatizado. Que agredia todos aqueles que ele achasse que eram merecedores de castigo. Era uma decisão exclusivamente sua, tendo na maioria dos casos o beneplácito dos pais. Que usava uma régua de madeira grossa e que doía muitíssimo quando dava as palmatoadas. Muito embora não existisse qualquer lei que permitisse tal maneira de agir por parte dos professores, eles na sua maioria procediam como se fosse uma lei emanada e aprovada na Assembleia Nacional. Consequentemente, quando entrei para a escola as pernas começaram-me a tremer como varas verdes e logo que avistei a famigerada régua de madeira junto ao quadro quase que ia desmaiando devido ao impacto negativo que se havia apoderado de mim. Pensei para com os meus botões, debaixo de um nervosismo que quase me levava ao choro, confirma-se absolutamente tudo o que havia ouvido e prova indesmentível disso era o facto de estar a visualizar a tal arrepiante régua. Se dúvidas havia elas dissiparam-se integralmente devido à prova cabal da sua existência. Disse para comigo, é com aquela régua que o senhor professor castiga. Ainda pensei em fugir, pois o medo havia-se apoderado de mim e só não se concretizou essa ideia, porque oito dias antes havia ouvido uma conversa em que o meu pai terá autorizado o senhor professor a bater-me, mesmo severamente, desde que o meu comportamento não fosse do

seu agrado. Ele tinha o completo beneplácito dos meus pais, podendo bater desde que a minha conduta não fosse a mais adequada. O que ele teria que fazer em relação a mim era o seguinte: tinha que fazer com que eu fosse um bom estudante e acima de tudo um homem, terá pedido meu pai. Por consequência, a ideia de fugir da escola estava totalmente fora do baralho. Essa atitude era completamente inviável. Perante a conversa ouvida entre os dois, não havia qualquer outra alternativa senão aguentar, independentemente de vir a ser severamente punido ou não. Diga-se, porém, que inerente a essa matéria a montanha havia parido um rato, na medida em que nunca fui castigado, quiçá devido ao meu comportamento ser exemplar e ser bom aluno, na ideia do senhor professor, como é evidente. Contudo, inúmeras vezes assisti, atônito e horrorizado, alguns alunos serem agredidos de uma maneira desproporcionada o que não beneficiava em nada o bom relacionamento que devia imperar entre professores e alunos. Terminada a quarta classe, ou segundo grau, fui trabalhar para o comércio.



Década de 60 - Alfândega da Fé

Os meus pais acharam que devia ir para o comércio aprender as técnicas comerciais, tendo por objectivo alguns anos mais tarde ir para Angola trabalhar nesse campo. A continuidade em estudar estava posta de parte, na medida em que teria de ir para Bragança ou Porto e isso era impraticável, pois as condições financeiras dos meus pais eram totalmente incompatíveis com tal ideia. Era impensável continuar os estudos devido à carência de recursos financeiros por parte da minha família. Todavia, havia uma pequena percentagem de alunos bafejados pela sorte que continuavam os seus estudos, devido aos seus pais terem meios para os mandarem estudar para fora de Alfândega da Fé. Isso acontecia com uma minoria, que após terminarem a quarta classe continuavam a estudar, tendo para isso que se deslocar para o Porto ou Bragança. Porém, para a grande maioria, muito embora muitos deles desejassem ardentemente prosseguir os estudos, essa via estava-lhes completamente vedada.

Era uma autêntica miséria que imperava em Portugal naquela época. Por essa razão, apesar do meu desejo de continuar a estudar, não restou outra alternativa senão ir trabalhar para o comércio. Fui trabalhar para a firma Magalhães, Martins & C^a Lda, onde fiquei até 1959. Nessa altura em Alfândega da Fé as casas de habitação que estavam dotadas de luz e água eram uma percentagem residual. Os alfandeguenses faziam as suas necessidades fisiológicas em diversos locais, mais ou menos recatados. O meu local preferido era onde se encontrava o antigo celeiro de trigo da Federação Nacional de Produtores de Trigo (F.N.P.T.) próximo da Praça do Município.

A mortalidade infantil era assustadora. O poder de compra era insignificante. Como justificação para tal afirmação, temos os seguintes exemplos. O meu pai, trabalhando de sol a sol, recebia a pequena quantia de 15\$00 (isto acontecia em 1954) e com isso a minha mãe comprava uma barra de sabão, ou adquiria 2 kg de açúcar branco. A maneira de viver era verdadeiramente dramática. Teria imensos exemplos que poderiam corroborar tal situação de verdadeira miséria mas creio que é suficiente, para se fazer uma ideia concreta das

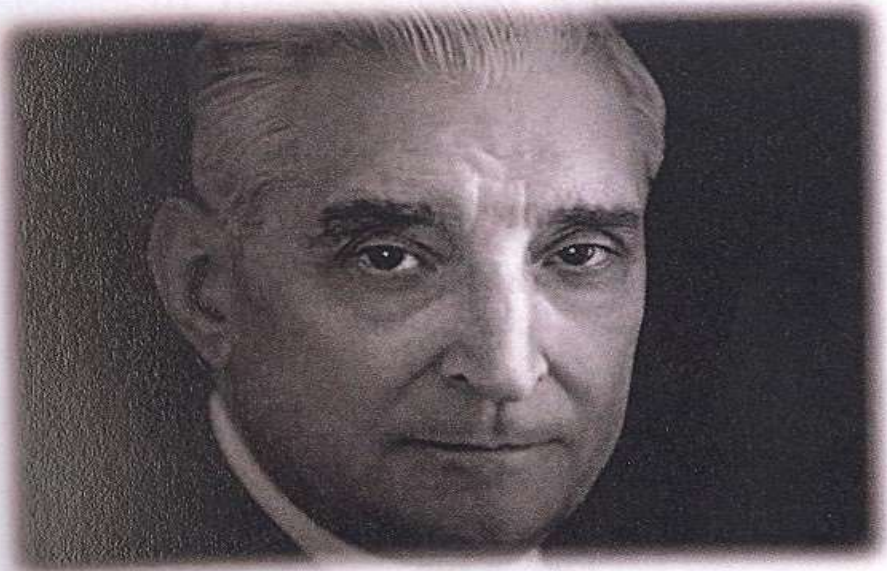
condições de verdadeiro dramatismo e profunda carência que grassava naquela época, não só em Alfândega da Fé, mas em Portugal inteiro. Era um tipo de viver realmente dramático. Não se vivia, vegetava-se e tínhamos como Presidente do Conselho de Ministros o Senhor Doutor Oliveira Salazar.



*1959 - Casamento
do meu irmão
Armando*



*1959 - o meu irmão
António Luís*



*Dr. Oliveira Salazar
Presidente do
Conselho de
Ministros*

Portanto, nasci no tempo de Salazar e conheci tão bem, como as minhas mãos, quais eram os seus ideais. Era um ditador não comunista e cuja rectidão era demais. O povo encontrava-se totalmente à deriva quando começou a governação deste homem muito sabido de Santa Comba Dão. Antes da entrada de Salazar para o poder em Portugal, todos os sectores estavam a sofrer devido à inércia da governação de portugueses que, de útil, nada estavam a fazer.

Salazar, com grande garra e tenacidade, valorizou o nosso dinheiro que não tinha qualquer valôr. Foi um governante que obrigou todos os portugueses a trabalhar com determinação e quem não estivesse de acordo com a sua orientação ia parar à prisão. Ele mandava em tudo. É esta a minha convicção. Para valorizar o escudo, mandou apertar o cinto até ao último furo.

A situação no país, em todos os domínios, era extremamente complexa. Reinava uma grande confusão e ele conseguiu impor na nação, ordem, paz e união. Criticar Salazar era impensável e se alguém ousasse criticar a sua rígida atitude a Guarda Nacional Republicana - G.N.R., tratava-lhes imediatamente da saúde. Em todos os departamentos públicos a sua fotografia estava sempre bem localizada, ele não queria eleições pois no seu entender não serviam para nada.

Não havia quaisquer sindicatos a dar ordens nem se permitiam manifestações. Era de sol a sol a trabalhar e não havia reclamações. Revolucionários e políticos que não

estivessem de acordo com a sua política eram mandados prender, tendo muitos deles sido levados para o Campo do Tarrafal, em Cabo Verde.

A Guarda Nacional Republicana trazia-nos permanentemente assustados. Os que não respeitassem a sua orientação adivinhava-se, de antemão, a sua sorte.



Estação do Rossio

Minha mãe andava assustada, só porque tinha uma galinha. Um dia essa galinha foi apanhada na via pública e teve que pagar uma multa pesadíssima, no valor de 15\$00. Atendendo a que a multa era desmesurada ela chorou e suplicou ao guarda, mas este manteve-se irredutível e não houve qualquer perdão. Aplicavam multas por tudo e por nada, como por exemplo isqueiros, chiar de carros de bois, cães, gatos, burros, cabras, ovelhas, patos e por aí adiante!

Os ricos pagavam a seu belo prazer na indústria e na agricultura e o pobre trabalhador lá ia vivendo, sobrevivendo sob forte escravatura. A trabalhar era forçado, a barriga estava quase sempre vazia e não era permitido emigrar legalmente, portanto outra solução não havia, exceptuando trabalhar, trabalhar e trabalhar. Muitos portugueses arriscavam-se a sair de Portugal numa aventura assustadora, desafiando a guarda-fiscal que era senhora e mandadora. A sua maneira de agir

pautava-se diariamente numa perigosidade bem patente. Milhares de portugueses atravessaram a fronteira a salto indo trabalhar sobretudo para França, enfrentando perigos de toda a ordem e pondo a própria vida em risco. Foi um período deveras sombrio da nossa história recente. A maioria dos portugueses que se arriscaram a essa aventura não tinham uma profissão defenida e não sabia uma palavra de francês. Podemos imaginar os riscos que tiveram de correr para terem uma vida mais em consonância com o ser humano.

Façamos uma ideia do que seria hoje viver sem reformas, nem pensões. Trabalhando apenas debaixo do arbítrio dos patrões! Seria extremamente desastroso, como é óbvio. Havia famílias numerosas sem quaisquer condições para criar seus filhos. Por isso, viam-se obrigados a entrega-los aos patrões, apenas a troco de comida.

Só uma pequena percentagem de portugueses aprendiam a ler e a escrever, pois era imperioso começar a trabalhar ainda de tenra idade. Não havia só carências como se depreende. Também existia abundância em alguma coisa. Por exemplo havia uma farturinha imensa de percevejos, pulgas e piolhos. O cinto era um barço apertado. Temos que reconhecer que a comida e isto é 100% verdadeiro, era pura, mas não chegava à mó do cabo. Contar-vos-ia muito mais, inerente aos tempos de Salazar, mas creio que com o que acabo de relatar já terão ficado razoavelmente elucidados.

Por volta de 1955 tentei a minha sorte como jogador de futebol, tal como se passou em relação a tantos jovens da minha idade, mas sem quaisquer resultados práticos, pois não havia qualquer ajuda, fosse de quem fosse.

Devido à falta de estradas e meios de transporte, Alfândega da Fé ficava muitíssimo longe dos centros de decisão, que eram Lisboa e Porto e portanto estávamos como que abandonados e totalmente esquecidos. Constantemente desato a rir quando ouço dizer que estamos esquecidos e longe dos locais onde tudo se decide. Presentemente a situação nada tem de análoga com a de então. Hoje é incomparavelmente melhor do que a que se vivia naquela época.



Em pé
Esquerda : Fernando Castro - António Maria - Álvaro Parada - Carlos Simões - Mário Vilarés - Fernando Silva - António Simões - Fernando Gouveia - Álvaro Legoinha - Artur Cordeiro -
 António Vilarés - João Pedro - António Clemente.
Joelhos
Esquerda : Carlos - Manuel - João Franco - Acácio Vilarés - Carlos Simões - Joaquim Silva - José dos Santos - Fernando Silva - José dos Santos - Fernando Silva - Fernando Lopes -
 Fernando Vilarés - João Artur
 Sentado : Armando Lopes

Anos 60 - Equipas de futebol

Em 1959 parti rumo a Angola. Saí de Alfândega da Fé num autocarro da Empresa Alfandeguense com destino a Torre de Moncorvo. Tinha começado a grande viagem entre Alfândega da Fé – Luanda (Angola). O meu primo Fernando Manuel Borges, infelizmente já falecido, havia-me enviado a carta de

chamada que me habilitava a ir para Angola. Nessa altura era necessário a carta de chamada para se poder ir para as então designadas províncias portuguesas de África.

Minha mãe havia-me aconselhado que quando tivesse qualquer problema na obtenção de informações devia perguntar sobretudo aos agentes policiais ou a funcionários do estado, pois no seu entender a polícia e os funcionários do estado estariam mais capacitados para prestar esse tipo de apoio. Chegado ao Pocinho e tal como a minha mãe me havia aconselhado, perguntei ao chefe da estação dos caminhos-de-ferro como é que se apanhava o comboio para ir para o Porto. Eu nunca havia visto um comboio antes e estava muito inseguro. O funcionário da C.P. apercebeu-se de imediato que eu estava muito preocupado. Sabendo que eu não me encontrava bem pediu-me para não perder a calma e mandou-me sentar. Respondeu-me com toda a clareza e com educação a todas as interrogações com que era fortemente bombar-deado. Com o intuito de me acalmar disse-me que logo que chegasse o comboio ele mesmo tomaria providências no sentido de me levar para dentro da carruagem. E assim foi. Logo que o trem chegou ele próprio me levou para o lugar que deveria ocupar. Foi de uma amabilidade invulgar, tendo-me conduzido ao interior daquele meio de transporte. Perguntei-lhe se tinha que pagar algo e ele respondeu-me: *“Está calado rapaz e boa viagem”*. Agradei-lhe a delicadeza que tivera comigo e desejei-lhe boa sorte no seu trabalho.

À chegada à estação de São Bento resolvi dar uma voltinha pelo Porto. Nunca havia visitado este lugar tão importante de Portugal e estava deveras entusiasmado em o conhecer.

Fiquei completamente estupefacto perante cidade de tão elevada grandeza. Há milhares e milhares de carros e pessoas andando numa azáfama estonteante. Sentia-me deveras excitado por estar num mundo completamente diferente do de Alfândega da Fé, onde imperava a pacatez e a calma absoluta. Como não estava habituado a andar pelas artérias do Porto, por um triz que não fui colhido por um automóvel ao atravessar uma das suas avenidas. Sentia-me atónito com a imponência

da cidade. Em Alfândega da Fé havia somente duas dezenas de automóveis e no Porto esse número era incontável. Era, de facto, de uma grandeza colossal.



Estação Ferroviária de São Bento – Entrou ao serviço no dia 7 de Novembro de 1896, mas só a 5 de Outubro de 1916 é que foi inaugurada oficialmente. Situa-se na Praça Almeida Garrett no Porto.



Painel da Conquista de Ceuta, na Estação de São Bento.

Apanhei o comboio às 23:00 horas, com destino a Lisboa, chegando à estação de Santa Apolónia por volta das 7:00 horas da manhã do dia seguinte. Portanto, a viagem durou 8 horas. As pessoas que iam para o Brasil e para os territórios que estavam debaixo da governação portuguesa, principalmente Angola, Moçambique e São Tomé, em África, habitualmente solicitavam os eficientes serviços do Sr. José Maria Cordeiro, conceituado comerciante em Alfândega da Fé, para lhes tratar de toda a documentação exigida. No meu caso, encarreguei-me de toda a papelada por minha conta e risco, pois tratei de tudo directamente com a Companhia Nacional de Navegação, C.N.N, tendo por meta poupar dinheiro, como se depreende. No entanto, necessitei de algumas informações em relação a essa matéria e não tive quaisquer hesitações em perguntar ao referido comerciante, tendo-me esclarecido de tudo o que pretendia com toda a prontidão e sem cobrar um tostão. Seguindo com a máxima observância o ditado que diz "*Quem tem boca vai a Roma*", tive de fazer inúmeras perguntas, mas no final sentia-me totalmente satisfeito com o trabalho conseguido, pois tudo acabou sem quaisquer sobressaltos.



155. LISBOA. Vista d'avião.

Vista aérea de Lisboa

Se me havia admirado da grandiosidade do Porto, mais admirado fiquei com a de Lisboa. Era de uma espectacularidade impressionante. Estava fascinado de uma maneira inacreditável. Estava totalmente deslumbrado com a capital de Portugal.



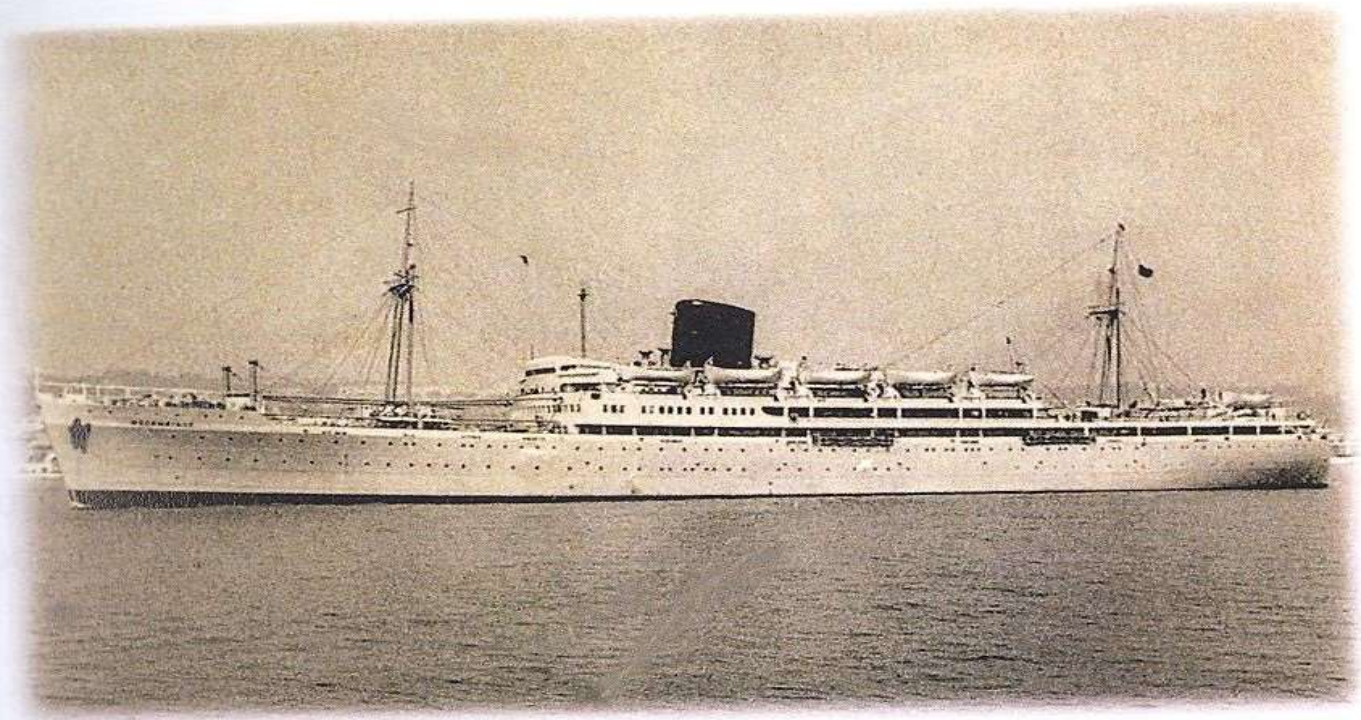
Estação de Santa Apolónia



Praça dos Restauradores e Avenida da Liberdade - Lisboa

Em Alcântara, após ter procedido a todas as formalidades alfandegárias exigidas, entrei no paquete Moçambique, da Companhia Nacional de Navegação, cujas condições achei admiráveis.

Porém, pude constatar mais tarde que as condições comparativamente a outros navios, quer da mesma companhia, quer da Companhia Colonial de Navegação, não eram assim tão excelentes como inicialmente as adjectivava.



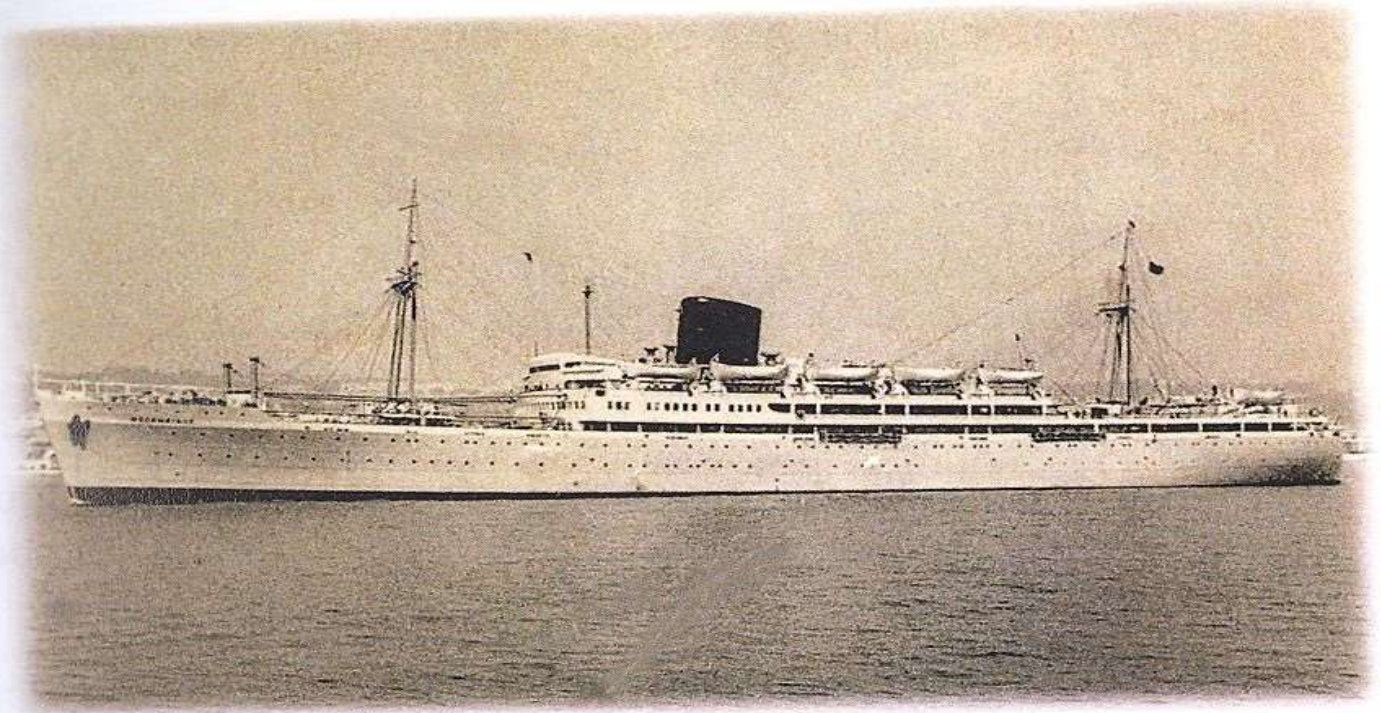
Paquete Moçambique

Quando me instalei comodamente no navio que me levaria a Luanda (Angola) disse para mim mesmo, *“até que enfim, eis-me dentro do barco”*. A viagem até ao Funchal decorreu sem problemas. Porém, houve muitas pessoas que enjoaram. Obviamente aproveitei a oportunidade para visitar o Funchal.

Ainda não existia porto de mar. Fui de barquinho, que era um autêntico berço, mas o meu comportamento, no que respeita ao enjôo, foi de cinco estrelas. No Funchal aproveitei o ensejo para endereçar um postal aos meus pais, dando-lhes nota como a viagem estava decorrendo. Regressei ao barco e reiniciou-se a viagem até São Tomé e Príncipe. Ali chegado optei por não sair. Permaneci no camarote, lendo algo. Na

Em Alcântara, após ter procedido a todas as formalidades alfandegárias exigidas, entrei no paquete Moçambique, da Companhia Nacional de Navegação, cujas condições achei admiráveis.

Porém, pude constatar mais tarde que as condições comparativamente a outros navios, quer da mesma companhia, quer da Companhia Colonial de Navegação, não eram assim tão excelentes como inicialmente as adjectivava.



Paquete Moçambique

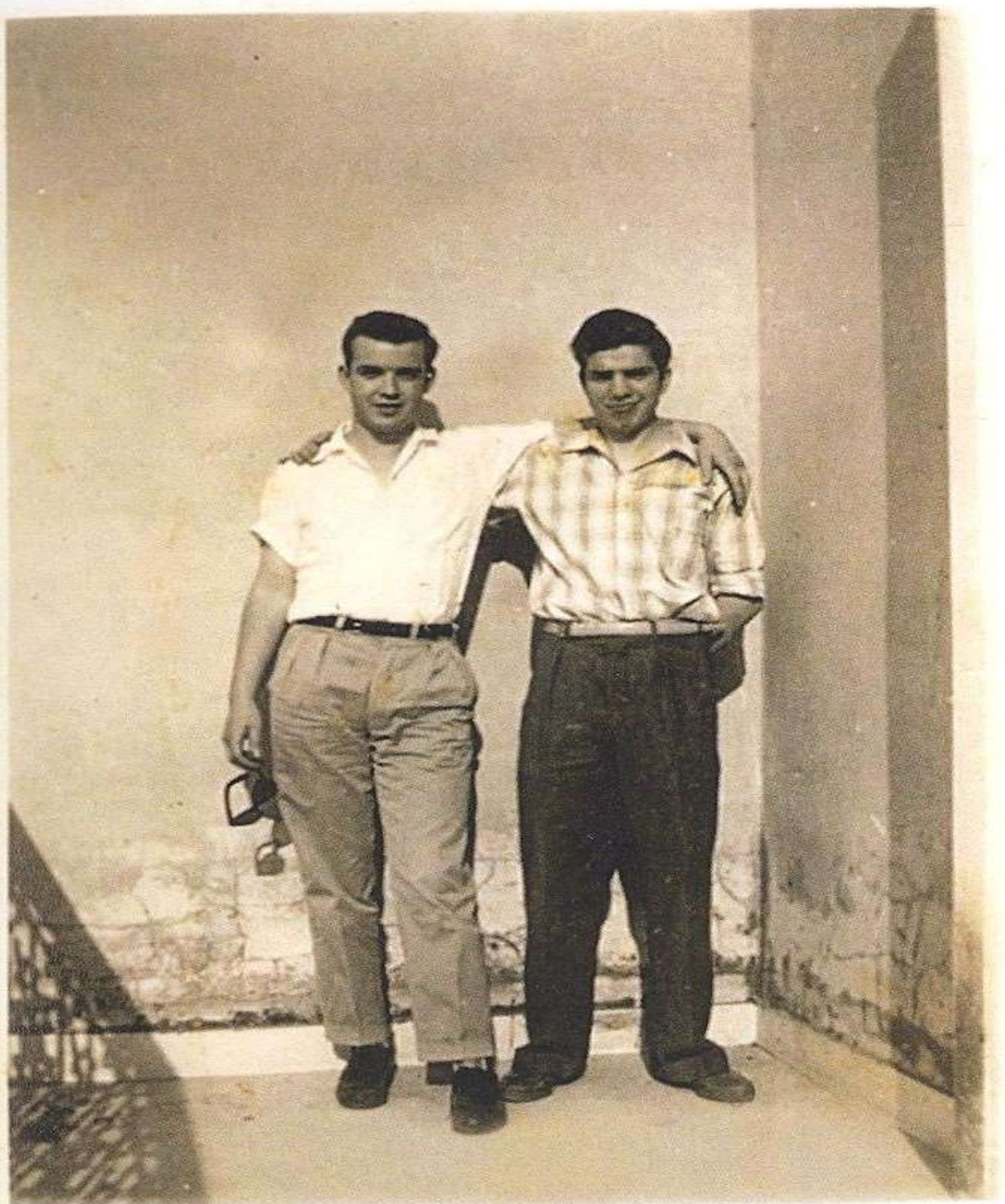
Quando me instalei comodamente no navio que me levaria a Luanda (Angola) disse para mim mesmo, *“até que enfim, eis-me dentro do barco”*. A viagem até ao Funchal decorreu sem problemas. Porém, houve muitas pessoas que enjoaram. Obviamente aproveitei a oportunidade para visitar o Funchal.

Ainda não existia porto de mar. Fui de barquinho, que era um autêntico berço, mas o meu comportamento, no que respeita ao enjôo, foi de cinco estrelas. No Funchal aproveitei o ensejo para endereçar um postal aos meus pais, dando-lhes nota como a viagem estava decorrendo. Regressei ao barco e reiniciou-se a viagem até São Tomé e Príncipe. Ali chegado optei por não sair. Permaneci no camarote, lendo algo. Na

Parte II

Por terras de Angola

Trabalhei no sector comercial em Malange e em algumas localidades do distrito.



1959 - Malange. Eu e o meu amigo Armando Almeida

Fiquei em Malange até 1961, altura em que, devido à situação no sector comercial estar péssima e as condições de empregabilidade não serem as mais desejáveis, fui até Luanda na tentativa de conseguir algo melhor. E foi nessa ocasião,

mais concretamente a 13 de Março de 1961, que encontrei dois amigos alfandeguenses no Largo da Mutamba, centro nevrálgico de Luanda. Era o mais importante local da capital de Angola. Era por aquele local que praticamente todos os machimbombos (autocarros) passavam. Era vulgaríssimo dizer-se, nessa altura, que Angola era Luanda e a capital...o Largo da Mutamba!



1959 - Associação Comercial e Industrial de Malange.



1960 - Malange. Eu e o meu primo Rogério assistindo a um desafio de futebol.



Luanda -Angola

Esses alfandegueses viviam no Norte de Angola e encontravam-se na capital tratando de assuntos referentes à sua atividade profissional. Após breve troca de palavras peço-lhes para me arranjam algo onde pudesse trabalhar visto encontrar-me numa situação bastante delicada. Porém, com imenso pesar deles, não foi possível acatar o meu pedido. Muito tristemente disseram-me que seria completamente impossível arranjam-me um lugar onde exercer a minha actividade no Norte de Angola, na medida em que grassava uma crise gravíssima no sector cafeeiro e com uma tendência bem defenida no sentido de se agudizar ainda mais.

Inevitavelmente caminhava-se a passos largos para um dramatismo em todo o sector do café, consoante estava bem gizado mediante o desemprego que subia a galope diariamente nessa área. Era um período de verdadeira confusão. Não me terem arranjado um lugar para trabalhar no Norte de Angola foi um mal que tive que aceitar, mas há males que vêm por bem porquanto dois dias depois, a 15 de Março de 1961, aquando de seu regresso a casa provenientes de Luanda, foram assassinados pelos guerrilheiros da União dos Povos de Angola (U.P.A.).



Carmona - Norte de Angola

Se me tivessem arranjado algo, ter-me-ia acontecido o mesmo que a eles, como se depreende. Nesse dia, centenas de fazendas foram incendiadas, milhares de angolanos do Sul de Angola e de portugueses entre homens, mulheres e crianças, foram chacinados pelos guerrilheiros da União dos Povos de Angola (U.P.A.) cujo líder era Holden Roberto.

Esta rebelião foi perpetrada pela União dos Povos de Angola (U.P.A.) a 15 de Março de 1961 e tinha como objectivo o aniquilamento do colonialismo português. Por outro lado, outro movimento, designado de Movimento Popular de Libertação de Angola (M.P.L.A.) já havia dado início às hostilidades, a 4 de Fevereiro do mesmo ano, com diversos ataques à Sétima Esquadra da Polícia de Segurança Pública, na Estrada de Catete e Prisão, na Estrada do Cacucaco. Nos confrontos havidos entre revolucionários e forças da ordem registaram-se vários feridos e mortos.



Nova Lisboa (Angola)

Quer o M.P.L.A., quer a U.P.A., quer ainda a União Nacional para a Independência Total de Angola (U.N.I.T.A.) começaram a luta armada devido a Salazar ter recusado sistematicamente tudo o que pusesse em causa a integridade territorial de Portugal, que defendia como una e indivisível e que dizia ser do Minho ao Algarve, de Cabo Verde, Guiné, Angola, Moçambique, Macau a Timor. Porém, quando fazia esses discursos já havíamos perdido alguns territórios sob a administração portuguesa na Índia, como por exemplo os enclaves de de Nagar Haveli e Dadrá em 1954. Goa, Damão e Diu foram ocupadas pela União Indiana em Dezenbro de 1961, tendo Portugal apenas declarado essa acção como um facto consumado aquando da Revolução dos Cravos em 25 de Abril de 1974.

Regressei a Malange onde permaneci trabalhando no sector comercial até 1963. Nesse ano fui de Malange para Nova Lisboa, num autocarro de uma empresa de camionagem denominada E.V.A. - Empresa Viação de Angola e assentei praça no C.I.C.A. - Centro de Instrução Condutores Auto em Nova Lisboa, junto à Praça Norton de Matos.

No ano de 1964 sou transferido para Luanda e passei a pertencer ao A.S.M.A – Agrupamento Serviço Material de Angola. Neste quartel encontrava-se, nessa altura, o cantor angolano Bonga. Dali segui para Carmona - Uíge, tendo permanecido um ano no quartel do Batalhão Caçadores 3. Na capital do Uíge participei, na serra com o mesmo nome, em alguns recontros com guerrilheiros da U.P.A., que lutavam contra o colonialismo português. Nessa serra também se encontravam aquartelados elementos que estavam integrados numa organização pró-militar designada Organização Provincial de Voluntários e Defesa Civil de Angola (O.P.V.D.C.A.) que constantemente eram chamados a entrar em acção. Naquele local as flagelações por parte dos guerrilheiros eram o quotidiano.

Em 1965 retorno a Luanda e em 1966 sou chamado a fazer parte integrante de uma relevante operação denominada *Operação Kissonde*. Era composta por uma importante elite de

tropas, cujo desígnio principal era desencadear uma gigantesca operação que tinha como principal objectivo instalarmo-nos, quanto mais próximo melhor, junto dos santuários das forças que lutavam contra a presença portuguesa em África, desalojando essas forças dos seus esconderijos, capturando-as ou liquidando-as. Os lugares mais críticos, onde a presença de guerrilheiros mais se fazia sentir, eram nas cercanias de Nambuagongo (Mata do Inda) Úcuá, Bessa Monteiro, etc.



1965 - Angola

O comandante dessa grandiosa operação era o *Comandante Totobola*, e tinha a patente de Coronel. Tal cognome foi-lhe dado pelos homens que tinha sob o seu comando, pelo facto de dar três disparos quer à saída, quer à chegada ao aquartelamento. Como se depreende, o significado dos três disparos eram o 1X2 do jogo do totobola e assim ficou alcunhado de *Totobola*, alcunha que, no meu entender, não lhe desagradava.

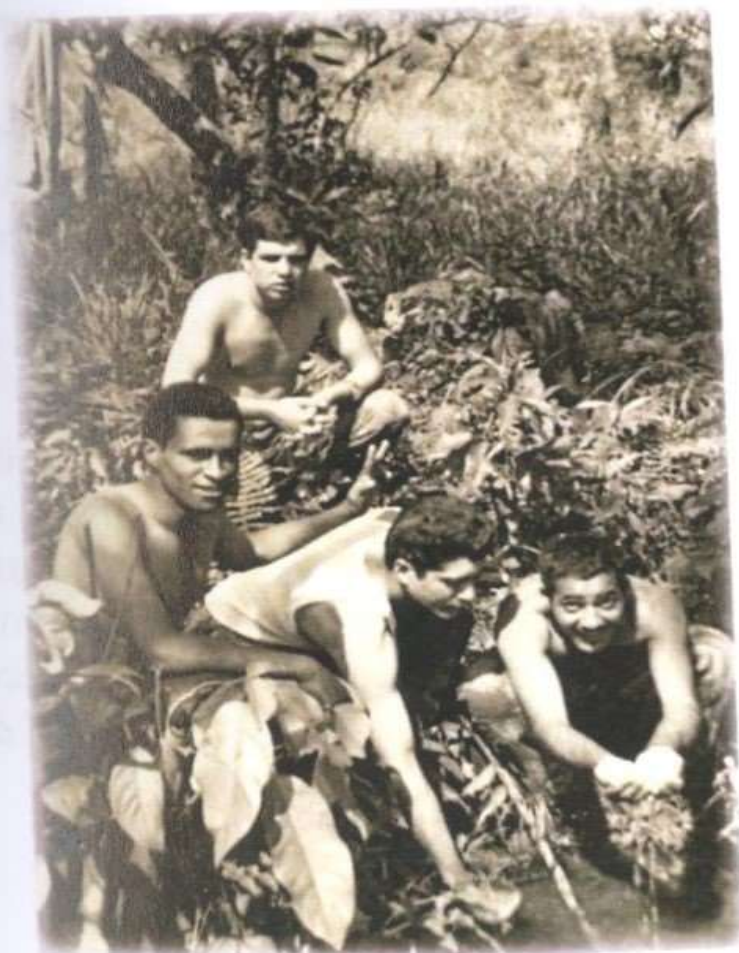
Não obstante estivéssemos aquartelados em lugares inóspitos, no respeitante à alimentação não havia quaisquer problemas. A alimentação que nos era fornecida não era como se estivéssemos hospedados num hotel de cinco estrelas, como é evidente. Contudo, realce-se que, salvo raríssimas excepções, não existiam motivos que pusessem em causa a comida que nos era servida, independentemente de ser praça, sargento ou oficial. Em missão de combate a maneira como as refeições eram confeccionadas e servidas a todos os que fizessem parte integrante do exército português poder-se-á dizer que eram boas. Por isso, embora não houvesse liberdade de expressão, eu auscultava quotidianamente outros elementos do exército e a opinião deles alinhava pelo mesmo diapasão. O equipamento de que dispunhamos nessa altura era, não diria óptimo, mas suficiente para suprir eficientemente as necessidades básicas. A alimentação agradava-nos, quer qualitativamente, quer quantitativamente, o que nos deixava plenamente satisfeitos. A corroborar o que acabo de dizer, sublinho o facto de termos pão fresquinho todos os dias, fabricado no local por militares que eram extraordinários profissionais e que faziam parte integrante do exército português.

Fomos inúmeras vezes atacados, designadamente nas imediações de Nambuanguo. Nesses combates, infelizmente, registavam-se quase sempre baixas. Em frente à Igreja Matriz, em Nambuanguo, existia um cemitério onde foram sepultados alguns camaradas caídos em combate. Como não podia deixar de ser e sempre que me era possível, visitava aquele sagrado local, prestando sentida homenagem aos

militares ali sepultados, que haviam caído em defesa da continuidade da presença portuguesa em Angola.



1966 - Norte de Angola



*1966 - Nambuangongo
(Norte de Angola)*

Estive no exército Português 40 meses. Fui desmobilizado em Janeiro de 1967.

Nesse ano vim a Portugal, na altura metrópole, a bordo do paquete Príncipe Perfeito, barco de características muito superiores ao Moçambique que me havia levado para Angola em 1959. Já na minha terra natal, no dia 22 de Abril de 1967, casei com Maria Amélia Franco, filha de Agostinho do Carmo Franco e Laura Roberta Cabreira e volvidos dois meses partimos para Angola.

Havia a promessa de duas hipóteses em Angola para onde poderia ir trabalhar, sendo a primeira no Campo Militar do Grafanil e outra no Laboratório de Engenharia de Angola (L.E.A.).

O comandante da companhia à qual pertencia quando era militar havia-me assegurado que me arranjaría emprego como escriturário no Campo Militar do Grafanil, que fica aproximadamente a oito quilómetros de Luanda. Ali trabalhavam muitos civis e tinha emprego nesse local. A segunda hipótese era o L.E.A., em Luanda.

Optei pela segunda hipótese e mantive-me ali até 1973, tendo pedido a demissão nesse ano.

A situação no Laboratório de Engenharia de Angola tornou-se insustentável e completamente incompatível com a minha continuidade naquele departamento. Assim, arranjei uma nova entidade, para desempenhar as minhas funções, que foi no Gabinete de Estudos da Junta Autónoma de Estradas de Angola (G.E.J.A.E.A).

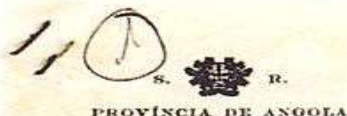
Enquanto trabalhei no Laboratório de Engenharia de Angola percorri grande parte daquele território, desempenhando as mais variadas tarefas. A 3 de Julho de 1967, consoante guia 113/67, fui para Moçâmedes, a bordo do paquete Pátria, com o objectivo de colaborar na construção do Porto Mineiro do Saco, que ficava sensivelmente a dez quilómetros daquela cidade do Sul de Angola.



22 de Abril de 1967 - O meu casamento



Eu e alguns colegas de trabalho num dos departamentos do Laboratório de Engenharia de Angola.



LABORATÓRIO DE ENGENHARIA
DE
ANGOLA

GUIA N.º 113/67

Por este Laboratório de Engenharia de Angola se faz constar às autoridades a quem o conhecimento desta competir, que segue viagem desta Cidade - Luanda para Moçâmedes, por via marítima, no próximo dia 12 de Julho de 1967, o operário de 2ª. classe, assalariado eventual, deste Laboratório, CARLOS ALBERTO SIMÕES, devidamente autorizado, por meu despacho de 3 de Julho de 1967, que será submetido a confirmação superior, a fim de auxiliar o trabalho de controle do Sr. GASTAO GALIER DE OLIVEIRA FERNANDES.-

com passagens pagas à custa do Estado.

E para que se lhe não ponha impedimento mandei passar a presente guia, que vai por mim assinada e autenticada com o selo destes Serviços

Luanda , 5 de Julho de 1967

PEL' O ENGENHEIRO DIRECTOR.
ENGENHEIRO DIRECTOR

Alberto Simões
Alberto Simões

83

APRESENTADO.-

Grupo de Missões do Projecto Mineiro de Cassinga, em Moçâmedes, aos 14 de Julho de 1967.-

O ENGO. CHEFE DA MISSÃO ESPECIAL Nº. 1,

Agostinho A. S. de Almeida

Agostinho A. S. de Almeida.-

-----Depois de cumpridos os fins indicados no verço, regressa à procedência em 7-8-967, a bordo do paquete "PÁTRIA" da Companhia Colonial de Navegação.

Grupo de Missões do Projecto Mineiro de Cassinga, em Moçâmedes, aos 5 de Agosto de 1967.-

O ENGO. CHEFE DA MISSÃO ESPECIAL Nº. 1,

Agostinho A. S. de Almeida

Agostinho A. S. de Almeida

Declaro que saí de Moçâmedes com destino a Luanda viajando a bordo do paquete Pátria, no dia 7-8-967 pelas 01,01 hs. e cheguei a Luanda às 15,30 hs. do dia 8 do corrente mês.

Luanda 16 agosto de 1967

Carlos Alberto Simões

Expediente nº 1000/1967
20/08/1967

Luanda, 16 de Agosto de 1967

Atentamente
Carlos Alberto Simões

Declaro que saí de Luanda às 16h
do dia 9 de Agosto de 1967 e regresso
a esta cidade, às 23 horas do dia
de Agosto de 1967.

Luanda 16 Agosto de 1967
Carlos Alberto Simões

2 Brigada de Transportes em Luanda
14 Agosto

Após a chegada de fôrmas de Ombre e fôrmas em Transporte
Realizadas no próximo dia 20.

Luanda, 12 de Agosto de 1967

PROVINCIA DE ANGOLA

LABORATORIO DE ENGENHARIA DE ANGOLA

Declaro que saí de Luanda
às 7 horas do dia 21 do corrente mês
e cheguei ao local dos Trabalhos às
23 horas do mesmo dia.

Acompanamento do B.E.A em Jambú-Cunha
aos 21-8-67.

Carlos Alberto Simões

Visto:

Declaro em chancela a este acompanhamento em dia 21

de Agosto de 1967

Acompanamento do B.E.A em Jambú-Cunha aos 21/8/67

Atestado do Engenheiro

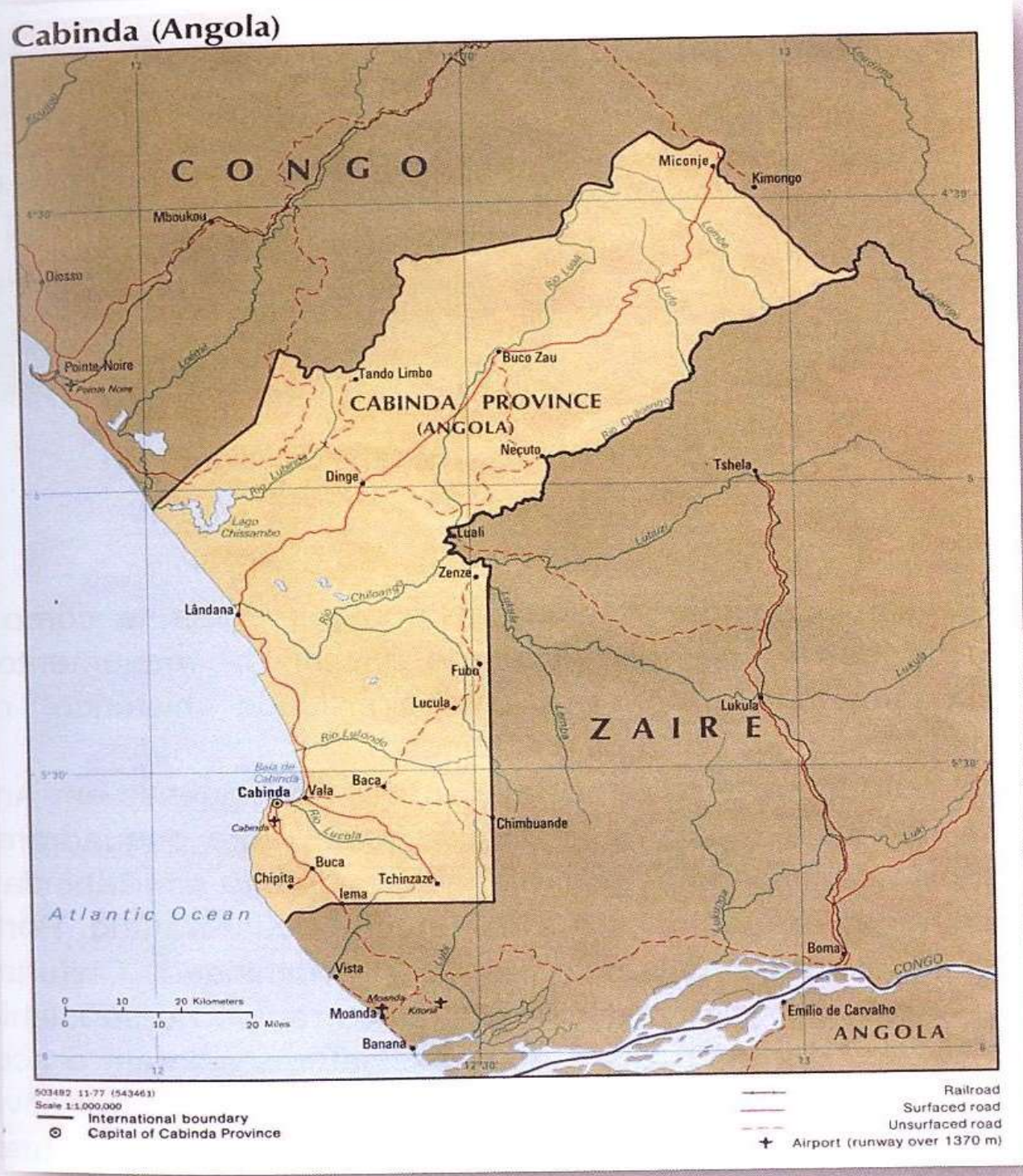
Administrador de 1967

Nota: Por ter terminado o serviço para o qual fui
nomeado regresso a Luanda em Transporte Mecânico
no próximo dia 20

Acompanamento do B.E.A em Jambú-Cunha aos 21 de Agosto de 1967

Carlos Alberto Simões

Em 19 de Março de 1968 procedi, em Cabinda, a sondagens para o estudo de fundações da ponte sobre o rio Chiloango, perto de Dinga.



Mapa de Cabinda



Anos 60 - Cidade de Cabinda

Percorri Cabinda (Angola) de ponta a ponta, e como não podia deixar de ser, tive de visitar o monumento de Simulambuco, que tem um significado histórico muito importante para Portugal e Cabinda.

É histórico o facto da instalação dos portugueses em Angola ter sido feita mediante o uso da força, sem enquadramento jurídico participado pelos indígenas, enquanto em Cabinda isso aconteceu, de facto, com a celebração deste tratado. Portugal havia celebrado mais dois tratados, denominados Chifuna e o da Chicamba, mas o de Simulambuco, anulou e substituiu os anteriores. Vinte cruces e duas assinaturas selaram o acordo. Não obstante se ter consumado a anexação administrativa de Cabinda, este território sempre foi entendido como matéria distinta de Angola.

Documentos

V



LABORATÓRIO DE ENGENHARIA DE ANGOLA

CÓPIA DA GUIA DE MARCHE Nº. 49/68, DE 15 DE MARÇO DE 1968, CONFERIDA A OPERÁRIO Nº 18, CLASSE, ASSOCIADO AVANÇADO, DIST. LABOR. Nº 10, CARLOS ALBERTO SIMÕES.

Por este Laboratório de Engenharia de Angola se faz constar as autorizações a quem o conhecimento desta compete, que segue viagem desta cidade - Luanda para Cabinda, no transporte aéreo, a operário nº 18, classe, associado avançado, deste Laboratório, CARLOS ALBERTO SIMÕES, devidamente autorizado por seu despacho de 19/3/68, que tem subscrito a confissão superior, e vi se proceder a três balneios de condagem para os estudos de fundações da costa do rio Inhamitanga, com passagem pagas à conta do Estado.

É para que se lhe não ponha impedimento nenhum para a prática das mesmas, que vai por via noticiosa autenticada com o selo deste Laboratório.

Luanda, 19 de Março de 1968.

Pol.º Engenheiro Director - O engenheiro Subdirector - Acção de Antilografado sob o selo branco - Alberto Simões. - Dep. e.

Com o cartão de tinta e óleo com os seguintes dizeres:

J.A.M.A. - Direcção Regional de Estradas de Cabinda. - 09. Apresentado. Declarou ter chegado às 8,30 horas de dia 22/3/68, regressou a Luanda, dia 5 de Agosto de 1968, às 18,40 de avião da D.F.A.

Cabinda 3/8/68. Averbada por: assinado - ilegível. - O Director Regional - Assinado com cartão de tinta e óleo - 11/8/68.

Declarou se foi a Luanda em 22/3/68 pelas 7,30 horas e chegou a Luanda no mesmo dia pelas 8,30 horas. Foi de Cabinda ao dia 5 de Abril pelas 8,00 horas e chegou ao local dos trabalhos "zona do rio" no mesmo dia pelas 10 horas. Declarou ainda que regressou a Luanda directamente de Luanda ao dia 1 de Agosto pelas 18 horas pelo avião da D.F.A. pelo D.F.A. Foi de Luanda ao dia 8 de Agosto pelas 18,40 horas directamente a Luanda onde chegou às 18 horas do mesmo dia.

Luanda, 6 de Agosto de 1968.

Assinado - Carlos Alberto Simões. - Operário nº 18, classe.

ASSISTENTE Nº 18, CLASSE, ASSOCIADO AVANÇADO, DIST. LABOR. Nº 10, CARLOS ALBERTO SIMÕES.

Com o cartão de tinta e óleo com os seguintes dizeres: 09. 49/1968.

Apresentado, tendo chegado ao dia 5/ 68 às 18 h.

Laboratório de Engenharia de Angola.

Luanda, 8 de Agosto de 1968.

Pol.º Engenheiro Director - O chefe do serv. Adm. - Assinado - Joaquim Alves Gil.

Obs: Continuar a fazer visto por despacho de 4/8/68, do Secretariado e Secretariado provincial de Obras Públicas e Comunicações, exte de 28 Informação nº. 101/4.10/8/68, de 25 de Março de 1968.

O chefe do serv. Adm. - Assinado - Acção de Antilografado sob o selo de tinta e óleo - Cláudio Rodrigues.

Secretaria do Laboratório de Engenharia de Angola, em Luanda, aos 8 de Agosto de 1968.

O chefe do serv. Adm. Assinado Cláudio Rodrigues

H



PROVÍNCIA DE ANGOLA

LABORATÓRIO DE ENGENHARIA DE ANGOLA

CÓPIA DA GUIA DE MARCHA Nº. 151/68, DE 30 DE AGOSTO DE 1968, CONFERIDA AO OPERÁRIO DE 1ª. CLASSE, ASSALARIADO EVENTUAL, DESTA LABORATÓRIO, CARLOS ALBERTO SIMÕES.

- Por este Laboratório de Engenharia de Angola se faz constar às autoridades a quem o conhecimento desta competir, que segue viagem desta Cidade - Luanda para a região do Sendi (Sã da Bandeira) em transporte mecânico (carreira), o operário de 1ª. classe, assalariado eventual, deste Laboratório, CARLOS ALBERTO SIMÕES, devidamente autorizado por seu despacho de 30/8/68 que será submetido a confirmação superior, a fim de se integrar na Brigada do L.E.A., da Barragem do Sendi, com passagens pagas a custa do Estado.
- E para que se lhe não ponha impedimento mandei passar a presente guia, que vai por mim assinada e autenticada com o selo deste Laboratório.
- Luanda, 30 de Agosto de 1968.
- Pel'O Engenheiro Director - O Engenheiro Subdirector - Assinado e dactilografado sob carimbo de tinta a óleo - Alberto Simões cap. e. r.
- Declaro que saí de Luanda dia 2 de Setembro pelas 7H00 e cheguei ao local dos trabalhos (Sendi) no dia 3 pelas 19H00.
- Sendi, 3 de Setembro de 1968 - Assinado - Carlos Alberto Simões.
- Visto. Acompanhamento da Junta Provincial de Povoamento.
- O Regente agrícola - Assinado - ilegível.
- Declaro que saí do local de trabalho (Sendi) no dia 15/10/68 pelas 18h00, com destino a Luanda. Forneitei em Sã da Bandeira e embarquei na carreira da E.V.A às 7H00 do dia 16, tendo chegado a Luanda no dia 17/10/68 pelas 20H00. Esta deslocação foi ordenada pelo telegrama 31/6/SG/68 do L.E.A.
- Luanda, 18 de Outubro de 1968.
- Assinado - Carlos Alberto Simões.
- Tem um carimbo de tinta a óleo com os seguintes dizeres:
 - Nº. 118/1968.
 - Apresentado, tendo chegado no dia 17/10/68 às 20H00.
 - Laboratório de Engenharia de Angola.
 - Luanda, 18 de Outubro de 1968.
- Pel'C Engenheiro Director - O Chefe do Serv. Adm. - Assinado - Joaquim Alves Gil.
- OBS:- Confirmada a deslocação por despacho de 6/9/68, do Excelentíssimo Secretário Provincial de Obras Públicas e Comunicações, exarado na informação Nº. 262/4.10/1/968, de 3 de Setembro de 1968.
- O CHEFE DA SECRETARIA - POR SUBSTITUIÇÃO - Assinado e dactilografado sob carimbo de tinta a óleo - Clevo Rodrigues.

==== ESTÁ CONFORME =====
Secretaria do Laboratório de Engenharia de Angola, em Luanda, aos 19 de Outubro de 1968.-

O CHEFE DA SECRETARIA
POR SUBSTITUIÇÃO
Clevo Rodrigues

/JC.-

R.  R.
PROVINCIA DE ANGOLA

LABORATÓRIO DE ENGENHARIA
DE
ANGOLA

GUIA N.º 49/68

Por este Laboratório de Engenharia de Angola se faz constar às autoridades a quem o conhecimento desta competir, que segue viagem desta Cidade - Luanda para Cabinda, em transporte aéreo, o operário de 2ª. classe, assalariado eventual, deste Laboratório, CARLOS ALBERTO SIRÓES, devidamente autorizado por seu despacho de 19/3/68 que será substituído a confirmação superior, a fim de proceder a trabalhos de sondagem para os estudos de fundações da ponte do rio Chiloango.

com passagens pagas à custa do Estado.

E para que se lhe não ponha impedimento mandei passar a presente guia, que vai por mim assinada e autenticada com o selo deste Laboratório.

Luanda, 19 de Março de 1968.

Pal' o ENGENHEIRO DIRECTOR.
O ENGENHEIRO RESPONSÁVEL

I. R. E. R.		DIRECCION REGIONAL DE ESTADISTICA	
N.º		APRESENADO	
a Luanda, dia 5 de Agosto de 1968, fe- las 17, 46 no avião da T. S. A.			
3/8/68			

Declaro que saí de Luanda em 22/3/68 pelas 7:30 horas e cheguei a Cabinda no mesmo dia pelas 8:30 horas. Saí de Cabinda no dia 6 de Abril pelas 8:00 horas e cheguei ao local dos tractos e Fazenda Sicuter no mesmo dia pelas 10:00 horas. Declaro ainda que regressei da Fazenda Sicuter para Cabinda no dia 1 de Agosto pelas 19 horas onde cheguei no mesmo dia pelas 21,00 horas. Saí de Cabinda no dia 5 de Agosto pelas 18:00 horas com destino a Luanda onde cheguei às 21:00 horas do mesmo dia.

Luanda 6 de Agosto de 1968
 Santos Alberto Sicuter

Laboratório de Engenharia de Angola

Cidade - Luanda Sá da Bandeira (região da barçagem do Sandi),
 no próximo dia 27 de Junho de 1969, o operário especializado de 2ª.
 classe, assalariado eventual, deste Laboratório, S. ALBERTO VI-
 NÍCIOS, devidamente autorizado por despacho de 24/G/69, do Excmº Di-
 rector deste Laboratório, que será submetido a confirmação superior,
 a fim de verificar os trabalhos de controle da execução da barçagem
 do Sandi,

e Laboratório

Luanda, 26

Junho

69

NESTE LUGAR DE
SIMULAMBUCO
FOI ASSINADO EM
1 DE FEVEREIRO DE 1885
O TRATADO QUE INTEGROU
O TERRITÓRIO DE CABINDA
NA NAÇÃO PORTUGUESA



O Padrão de Simalambuco



Salazar o principal obreiro da Constituição Portuguesa de 1933.

A própria Constituição Portuguesa de 1933 cita Cabinda de forma específica e distinta de Angola, (nº 2 do Artigo 1º - garantias fundamentais).

Conheci Cabinda em 1968 e fiquei impressionado com o nível cultural dos Cabindenses, superior em todos os campos às gentes de Angola. Mesmo as pessoas que viviam no interior, gente humilde, tinham conhecimentos que superavam os da população indígena de Angola. As mulheres vestiam-se com extrema elegância e as suas casas eram duma construção mais moderna.

Colaborei no controlo da barragem do Sendi, no distrito de Sá da Bandeira – Huíla.

Particpei nos trabalhos de terraplanagem e controle da barragem de Gove, na província do Huambo.

Particpei na resolução da erosão dos taludes de uma obra de grande envergadura da engenharia portuguesa, que foi a construção da estrada da Leba, na serra do mesmo nome, na província de Huila, cuja capital era Sá da Bandeira.



PROVINCIA DE ANGOLA

LABORATÓRIO DE ENGENHARIA DE ANGOLA

ESTO É PAGO DE G. Engenharia

GUIA N.º 123/70

*9 de Maio
fotografado
29.5.70*

Por este Laboratório de Engenharia de Angola se faz constar às autoridades a quem o conhecimento desta compete, que segue viagem desta Cidade de Luanda para a região do Gova, em transporte automóvel, no próximo dia 6 de Maio corrente, o operário especializado de 2ª. classe, assalariado eventual deste Laboratório, CARLOS ALBERTO SIMÕES, devidamente autorizado por meu despacho de 4/5/70, que será submetido a confirmação superior, a fim de assistir aos trabalhos de terraplenagem e controlo da barragem do Gove,

com passagens pagas à custa do Estado.

E para que se lhe não possa impedir mandei passar a presente guia, que vai por mim assinada e autenticada com o selo deste Laboratório

Luanda, 5 de Maio de 1970

[Handwritten signature]
ENGENHEIRO DIRECTOR

Henrique Novais-Ferreira

Declaro que parti de Luanda com destino à Brigada no Gove dia 7 de Maio pelas 07,30 h. onde cheguei dia 8 de mesmo mês pelas 18,30.

Brigada do B.E.A no Gove 8/5/70
Carlos Alberto Simões

Visto. O chefe da Brigada do B.E.A no Gove
Batista Jacinto
Experienciados 3.ª classe

Declaro que cheguei a Luanda dia 21 de Agosto de 1970, pelas 19,30 h. tendo vindo da Barragem do Gove de onde parti dia 20 pelas 21.00 h.

Luanda 21 de Agosto de 1970

Carlos Alberto Simões

Declaro que estive acompanhado de dia 8 de Maio ao dia 30 de Agosto

Simões

91 20
21/8/70
Agosto

LABORATÓRIO DE ENGENHARIA DE ANGOLA
Forum Processados
104 dias de subsídio de campo (mapa nº 526/70)
3 dias de alojio de custo (mapa nº 124/70)
Período de 7/5/70 a 21/8/70
O chefe de Secção de Engenharia

Declaram que partir de Luanda com
destino à Brigada no Gove dia 7 de
Maio pelas 07,30 h. e mais chegada
dia 8 de Maio pelas 18,30.

Brigada de E.E.A no Gove 8/5/70

Carlos Alberto Simões

Visto. O chefe da Brigada de E.E.A no Gove
António José Simões

Experimentador 3.ª classe

Declaram que chegaram a Luanda
dia 21 de Agosto de 1970 pelas 19,30 h.
Tendo vindo da Baía de Benguela do Gove de
onde partiram dia 20 pelas 21.00 h.

Luanda 21 de Agosto de 1970

Carlos Alberto Simões,

Declaram que
é o companheiro de
infecto de Luanda
dia 21 de Agosto

Simões



Serra da Leba - fase da construção, em 1970.

1970 - Estrada da Leba em construção

5

REPÚBLICA
PROVÍNCIA DE ANGOLA
LABORATÓRIO DE ENGENHARIA
DE
ANGOLA

GUIA N.º 269/71

Por este Laboratório de Engenharia de Angola se faz constar de
quantidades a quem o conhecimento desta empresa, que segue viagem desta
Cidade de Luanda para São da Bandeira, em transporte automóvel,
no próximo dia 22 de Setembro de 1971, o operário especializado
de 2.ª classe, assalariado eventual deste Laboratório, CARLOS
ALBERTO SIMÕES, devidamente autorizado por seu despacho de 21
de Setembro de 1971, que será submetido a confirmação superior
a fim de verificar a erosão dos taludes das estradas a visitar
os lacetes da estrada da Serra da Leba.-----

com passagens pagas à custa do Estado

E para que se lhe não ponha impedimento mandei passar a presente
guia, que vai por mim assinada e autenticada com o selo deste Laboratório

Luanda, 21 de Setembro de 1971.

o engenheiro director,

Henrique Sousa-Ferreira

Desloquei-me a Benguela, conforme guia nº 274/71, tendo como objetivo principal solucionar um problema do autódromo daquela cidade.



GUIA N.º 274/971

Por este Laboratório de Engenharia de Angola se faz constar às autoridades a quem o conhecimento desta competir, que segue viagem desta Cidade de Luanda para Malanje, em transporte automóvel, no próximo dia 6 de Outubro corrente, o operário especializado de 2ª. classe, assalariado eventual deste Laboratório, CARLOS ALBERTO SIMÕES, devidamente autorizado por meu despacho de 3 de Outubro de 1971, que será submetido a confirmação superior a fim de examinar as experiências executadas pela firma "EBAL" com "slurry seal" com vista a solucionar o problema do "Autódromo de Benguela".

com passagens pagas à custa do Estado.

E para que se lhe não ponha impedimento mandei passar a presente guia, que vai por mim assinada e autenticada com o selo deste Laboratório

Luanda, 4 de Outubro de 1971


O ENGENHEIRO DIRECTOR,

Henrique Novais-Ferreira

Em Luanda, prestei serviços controlando a camada de solo-cimento, nos armamentos da C.A.O.P (guia nº 126/73).

Realizei o controlo da sub-base, em solo-cimento, no troço da estrada compreendida entre a estrada da Funda e a zona destinada à montagem da Rádio Marconi, conforme a guia 169/73.

No Gabinete de Estudos da Junta Autónoma de Estradas de Angola (J.A.E.A.) que se localizava na Rua Serpa Pinto, próximo do Largo da Maianga, onde trabalhei de 1973 até Outubro de 1975, tive a oportunidade de me deslocar a diversas regiões de Angola, aliás conforme já havia feito ao serviço do Laboratório de Engenharia de Angola.


PROVÍNCIA DE ANGOLA
LABORATÓRIO DE ENGENHARIA
DE
ANGOLA

GUIA N.º 169/73

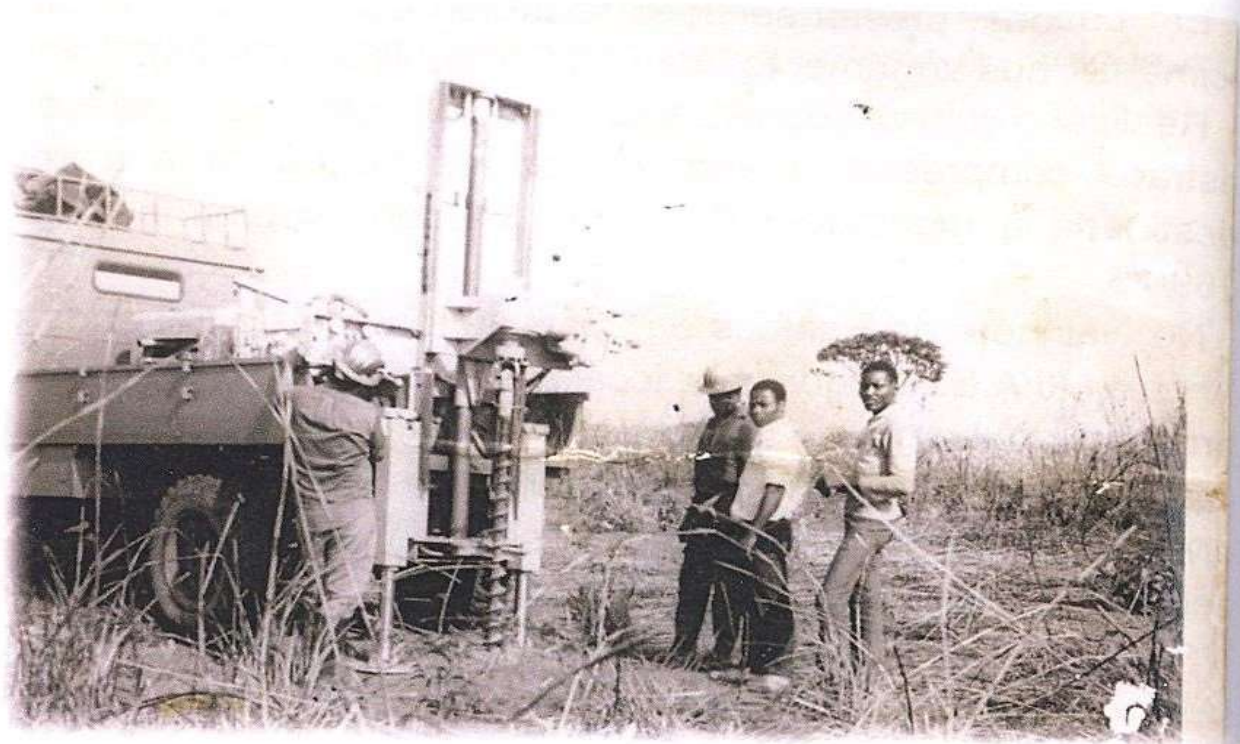
Por este Laboratório de Engenharia de Angola se faz constar às autoridades a quem o conhecimento desta compete, que segue viagem desta cidade de Luanda para Quifangondo, em transporte automóvel, no próximo dia 19 de Maio corrente, o operário especializado de 2ª classe, assalariado eventual deste Laboratório, CARLOS ALBERTO SIMÕES, devidamente autorizado por meu despacho de 16 de Maio de 1973, o qual será submetido a confirmação superior a fim de realizar o controlo da sub-base, em solo-cimento, no troço da estrada compreendida entre a estrada da Funda e a zona destinada à montagem da Rádio Marconi.

com passagens pagas à custo do Estado.

E para que se lhe não ponha impedimento mandei passar a presente guia, que vai por mim assinada e autenticada com o selo deste Laboratório

Luanda, 18 de Maio de 1973

O ENGENHEIRO DIRECTOR
H. Kovale-Ferreira



Angola - Vila Nova de Seles

Em Outubro de 1975 regresso a Portugal, tal como fizeram milhares de portugueses, devido à descolonização que levou a uma situação deveras periclitante e angustiante, designadamente da população europeia. Os combates entre as diversas forças que lutavam por conquistar a sua hegemonia e consequentemente o poder, como o M.P.L.A (liderado por Agostinho Neto) a F.N.L.A (liderada por Holden Roberto) e a U.N.I.T.A. (liderada por Jonas Sabimbi) e a atitude passiva do Exército Português face a tudo isto, fizeram com que houvesse uma autêntica debandada dos portugueses. Organizou-se uma ponte aérea monumental em que intervieram, além de Portugal, outros países europeus e retornaram à pátria de onde haviam saído milhares e milhares de portugueses. Daí o nome de retornados. Muito embora fôssemos perseverantes, não nos restava outra alternativa a não ser o regresso.

A situação, tanto no aspecto militar, como no campo político, não aconselhava a continuidade naquele território. Daí as medidas tomadas por milhares e milhares de cidadãos portugueses que se traduziram no seu regresso às origens.



Angola nos anos 70 - Eu e membros da minha família em Luanda.

Parte III

Tendo chegado a Portugal com apenas 5.000\$00, a situação vivida foi de extrema dificuldade. Todavia e felizmente, dei a volta a essa situação de verdadeiro dramatismo, pelo facto de ter ido trabalhar para o Irão, onde estive um ano o que, diga-se em abono da verdade, o pequeno pé-de-meia ali adquirido ajudou imenso.

Sempre gostei de viajar. Uma pessoa necessita por sua conta e risco visitar outras paragens não mediante histórias, imagens, livros ou TV. É imperioso visitar por si próprio, com os seus olhos e pés para se dar conta daquilo que é o seu património. Para mais tarde plantar no seu próprio jardim e dar-lhe valor. Familiarizar-se com o frio para poder usufruir do calor e o oposto. Ter bem presente a distância e o desconforto para conseguir estar como o peixe debaixo de água na sua própria casa.

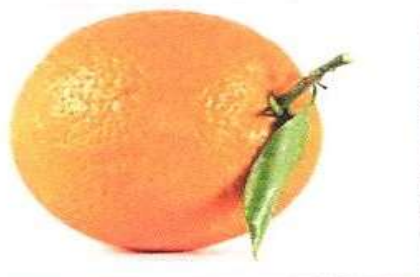
Sempre senti um surpreendente fascínio em conhecer outras culturas, outros povos. Um indivíduo precisa de viajar para locais desconhecidos para romper com essa teimosia que nos faz ver o mundo como é a nossa imaginação, e não como realmente é ou podia ser. Ele torna-nos doutores e professores daquilo que não vimos, quando era forçoso ser aluno e apenas ir ver. É preciso ir ver. É imperioso interrogar o que se aprendeu. É preciso tocá-lo. Pondo de parte todos esses considerandos e não querendo minimizar a nossa cultura, assim como a dos países lusófonos, quando me desloco ao estrangeiro dou absoluta prioridade em visitar países onde não se fale o português ou qualquer outra língua latina e cujos hábitos sejam diferentes dos nossos. Como emigrante, ou como turista, já visitei inúmeros países. Emigrei para o Irão onde trabalhei um ano conforme já referi.

Esta torre foi construída na altura das comemorações dos 2.500 anos do Império Persa, sendo inicialmente designada de Memorial dos Reis. A partir da Revolução de 12 de Dezembro de 1979 passou a designar-se Torre da Liberdade. A torre situa-se na Praça Azadi, cuja área é de 50.000 m². Nesta

Não obstante a temperatura ser altíssima àquela hora do dia, arrisquei e saí. Ando na ordem de trezentos metros e vejo entre trinta a quarenta pessoas na esplanada dum restaurante, resguardando-se do calor tórrido, conversando animadamente e bebendo refrigerantes diversos. Dirigi-me para lá com o intuito de beber algo fresco porquanto o beber uma bebida fresquinha sob temperatura tão abrasadora era excelente. Isto era ouro sobre azul, como habitualmente se diz. Entrei, cumprimentei todos os presentes e sentei-me. Inesperadamente, um individuo entra no restaurante e diz com voz forte, Portugal, sendo esta palavra pronunciada tal como um cidadão português a pronunciaria. Estive quase para o questionar se porventura se estava dirigindo a mim, se desejava falar comigo, enfim, se era meu conhecido. Optei por ficar silencioso. De seguida e em catadupa outras pessoas se seguiram, expressando alto e bom som, Portugal, Portugal, Portugal, como se fosse a claqué Portuguesa incitando a selecção nacional. Aquilo mais parecia uma verdadeira claqué. Seria que estariam a manifestar o seu contentamento inerente a Portugal por algo de positivo recebido do meu país? Não, não, isso era impossível. Pairava no ar uma panóplia de perguntas. Uma das questões que me ocorreu foi dizer, alto e bom som, aliás, como todos eles diziam, Portugal. A estratégia estava delineada era só levá-la à prática e aguardar as consequências. Avancei resolutamente. Primeiro enchi bem os pulmões de ar e depois disse alto e bom som, tentando imitá-los, Portugal. O efeito foi fulminante e um dos funcionários olhou para mim e com velocidade meteórica preparou-me e trouxe-me um enorme copo de sumo de laranja! Após ter bebido tão agradabilíssima bebida paguei e agradeci-lhe o facto de ter sido tão rápido face à minha solicitação.

Evidentemente que tive de saber as causas de a laranja ter o nome de Portugal. Só me responderam que a laranja significava Portugal. Vim a ter conhecimento, algum tempo depois deste interessante episódio, que os portugueses, nas suas viagens através de praticamente todos os cantos do mundo, divulgaram inúmeras plantas e alimentos. Por exemplo,

a mandioca foi levada do Brasil para África, onde se tornou a base da alimentação, em muitas regiões daquele continente.



Relativamente às laranjas perdura alguma controvérsia, por uma simples razão. Os árabes introduziram no Extremo Oriente a laranja amarga. A laranja doce foi, na realidade, transportada pelos portugueses do Extremo Oriente, no início do século XVI. A conquista deste novo fruto foi total e o seu cultivo disseminou-se meteoricamente por todo o país. A laranja propagou-se a toda a Europa e não foi surpresa o facto de se ter tornado, a curto prazo, num fruto absolutamente necessário para as longas viagens marítimas, pois actuava como antídoto contra o escorbuto. Nos claustros dos mosteiros portugueses passaram a ser plantadas laranjeiras, simbolizando as árvores do paraíso. De Portugal, a laranja doce passou para o Brasil, expandiu-se seguidamente para toda a Europa e para todos os países do mundo. Nas regiões cujo domínio está sob a alçada dos muçulmanos, o nome deste fruto acabou por se confundir com o nome de Portugal!

Regressei a Portugal de autocarro numa viagem que demorou vinte dias (da capital do Irão, Teerão, até Lisboa). Atravessei a Ásia para a Europa através do estreito do Bósforo. Estive dois dias em Istambul (Turquia) uma semana em Sófia (Bulgária) uma semana em Belgrado (Sérvia -antiga Jugoslávia) etc etc. Foi uma viagem memorável, altamente positiva sob todos os aspectos. Em suma, uma viagem, por que não afirmar, inesquecível.

Regressei a Portugal por motivos de índole pessoal. Conse-

-gui colocação na Missão dos Novos Empreendimentos Ferroviários M.N.E.F. – Fiscalização da Equipa da Área de Sines, onde me mantive em plenas funções, até 30 de Janeiro de 1980. Colaborei e tive sob a minha responsabilidade diversos trabalhos, tais como o controlo e compactação de solos e sua identificação, limites de Atterberg, ensaio Proctor e estudos sobre agregados classificados.

Israel

Além dos países mencionados, como por exemplo Angola e Irão, tive a oportunidade de me deslocar a Israel, Látvia, Estónia, Inglaterra, Alemanha, Egipto, Chipre, etc., etc.

Foi assinado um importantíssimo acordo designado de Camp David, nos Estados Unidos da América, a que não posso deixar de fazer referência antes de falar sobre a minha vida de trabalho e lazer em Israel.



Presidente Anuar Sadat, do Egipto, o Presidente Jimmy Carter, dos Estados Unidos e o Primeiro-Ministro Menachen Begin, de Israel – Assinatura do Acordo de Camp David em Maryland, na casa de campo de Jimmy Carter, nos Estados Unidos.

O Presidente Jimmy Carter, dos Estados Unidos, o Presidente Anwar Sadat, do Egipto e o Primeiro-Ministro Menachen Begin, de Israel, procederam a complexas negociações na casa de campo de Jimmy Carter, em Maryland, tendo por objectivo a assinatura de um acordo de paz duradouro entre o Egipto e Israel. As negociações tiveram como patrocinador e anfitrião Jimmy Carter, que teve um

desempenho preponderante para que o documento viesse a ser assinado. O acôrdo foi assinado na Casa Branca, em Washington, a 17 de Setembro de 1978.

Com a assinatura deste tratado a situação inamistosa que reinava entre Egipto e Israel ficou mais suavizada e trouxe mais esperança para que pudesse reinar paz naquela parte do globo deveras delicerada por conflitos constantes entre árabes e judeus. Infelizmente não houve quaisquer outras assinaturas de acordos entre árabes e judeus e o Presidente Anuar Sadat foi assassinado no Egipto, poucos anos depois da assinatura do acordo de Camp David.

Fiz uma referência circunstanciada deste documento porquanto foi de extrema importância não apenas para os beligerantes mas para todo o mundo. E foi através dele que ficou delineado construir uma grande Base Aérea no Deserto do Negev em Israel. Como naquela altura em Israel, pelo que pude apurar, escasseava mão-de-obra especializada, a Air Base Constructores abriu um escritório em Lisboa com o intuito de recrutar trabalhadores especializados portugueses para trabalhar naquele grandioso empreendimento.



Lisboa (Zona do Marquês de Pombal).

Numa visita casual a Sines, por parte de engenheiros americanos pertencentes àquela organização e após terem analisado o serviço que eu desempenhava, fui convidado a candidatar-me para ir trabalhar para o Deserto do Negev, em Israel, mas antes, obrigatoriamente, deveria ser submetido a uma entrevista. Teria que me deslocar a Lisboa para testarem a minha capacidade em relação à língua Inglesa, que no meu fraco entender era de uma precariedade de bradar aos céus e portanto encontrava-me numa situação bastante deprimida, atendendo que sob o meu ponto de vista o desfecho poderia muito bem ser um não rotundo por parte dos entrevistadores e conseqüentemente a minha não admissão na companhia.

Assim desloquei-me de Sines ao escritório da Air Base Constructors em Lisboa, com o objectivo de ser entrevistado. A entrevista, além de outros temas, consistia fundamentalmente em testar os meus conhecimentos de inglês, como referi. Encontrava-me pessimista devido aos meus conhecimentos serem deveras medíocres. Todavia enchei o peito de ar e avancei como se os meus conhecimentos fossem fabulosos.

Começa a entrevista, sendo o entrevistador de Dallas-Texas. Pede-me educadamente, alto e bom som, com o inconfundível sotaque daquele estado americano: Sente-se por favor... Ele estava de pé, questionando-me. Por essa razão respondi sem pestanejar: Perdão Senhor Larry. Sentar-me-ei como me está pedindo. Porém, tenha a fineza de se sentar primeiro. Agradeceu e sentou-se, tal como eu havia sugerido. Acho que terá sido da minha parte uma entrada deveras fulgurante e recheada de delicadeza. A entrevista demorou aproximadamente uma hora. Estava expectante, como se depreende, em saber o resultado do exame e perguntei-lhe que tal tinha sido o meu desempenho, tendo ele pausadamente respondido: O seu inglês ainda é muito rudimentar, contudo isso não o invalida de ir para Israel. Considere-se a partir deste momento funcionário da Air Base Constructors e vá para o Penta Hotel que já lá tem quarto reservado. Dentro de alguns dias chamá-lo-emos, para partir para Israel.

Estive hospedado 15 dias no Penta Hotel, onde os utentes

eram tratados como príncipes. Foram dias maravilhosos.

Após 15 dias de hospedagem em tão importante hotel, parto para Israel, onde estive 3 anos, não ininterruptamente porquanto de 5 em 5 meses vinha a Portugal, passar quatro semanas de merecidas férias.



Tel Aviv, Municipality Building

*Câmara
Municipal
de Telavive*



*Torre Shalom
(Telavive)*

Indubitavelmente era uma grandiosa companhia, dotada de trabalhadores especializados de diversas nacionalidades, cujo objectivo comum era a construção de uma gigantesca Base Aérea no Deserto do Negev. Foi um privilégio ter colaborado em tão monumental obra.

Em linhas gerais o anterior documento diz que estive empregado na Companhia Air Base Constructors de 04/80 até

25 de Maio de 1982. Fui contratado como efectivo para o Controle de Qualidade, tendo sido promovido para Quality Control Foreman. E para rematar, diz o mesmo documento que o meu trabalho foi satisfatório e portanto recomendam-me para um próximo emprego.

A passagem por Israel foi excepcional, visto todos os americanos com quem trabalhava terem uma enorme consideração por mim, assim como eu tinha por eles. Existia um entendimento recíproco, digno de ser realçado. Um relacionamento que eu recordo frequentemente.

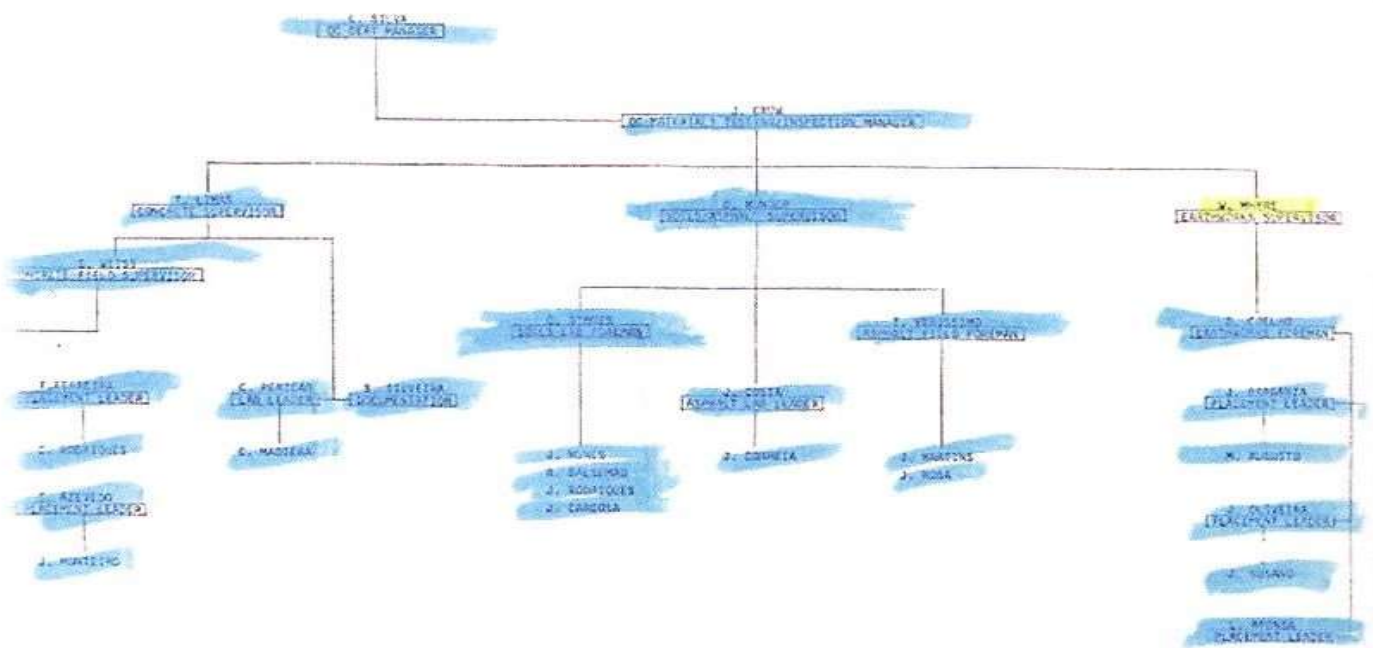
Jerusalem, partial view



Vista parcial de Jerusalém



Em pleno trabalho no laboratório, no deserto do Negev (Israel)



Organigrama do Quality Control -Control de Qualidade. Era chefe de uma secção

Em virtude disso, o tempo que ali passei esfumou-se num ápice. Como me encontrava como o peixe na água, pedi ao director do meu departamento para aceitar três portugueses, o qual aceitou o meu pedido de imediato. Assim foram contactados para irem trabalhar para Israel o meu cunhado, António Júlio Franco, o José Pacheco e o Joaquim Lopes. Dos três só acabou por ir o meu cunhado, António Júlio Franco. Os outros não foram por motivos diversos.

Quando completei os primeiros 5 meses de trabalho no Quality Control (Controle de Qualidade) vim a Portugal gozar quatro semanas de merecidas férias. No regresso a Israel notei que a minha invulnerabilidade, no respeitante ao chorar, não

era tão robusta como pensava pois, quando cheguei, todos os camaradas de trabalho, independentemente do seu grau hierárquico estavam, à minha espera no meu local de trabalho, dispensando-me uma recepção de boas vindas que me surpreendeu, fazendo com que ficasse de tal maneira emocionado que me vieram as lágrimas aos olhos. Momentos deste jaez jamais se esquecerão. Tiveram a delicadeza de afixar na parede um dístico que em inglês significa. Bem-vindo a casa Simões.

AIR BASE CONSTRUCTORS

TO WHOM IT MAY CONCERN

THIS WILL CONFIRM THE EMPLOYMENT OF MR. Carlos Avram Simões,
RACE NO. 01820, BEARER OF PASSPORT NO. 241010 WITH AIR BASE
CONSTRUCTORS IN RAMON, ISRAEL, ON THE RAMON AIR BASE PROJECT.
MR. Simões HAS BEEN EMPLOYED BY AIR BASE CONSTRUCTORS FROM 01/01/82
01/01/82 TO 01/01/82.
MR. Simões WAS HIRED AS A(N) Construction Worker, EFFECTIVE 01/01/82.
he WAS PROMOTED TO Senior Construction Worker AND ON 1/01/82 WAS AGAIN
PROMOTED TO Senior Construction Worker.
IT WAS IN THIS CAPACITY THAT HE FINISHED HIS EMPLOYMENT. DURING HIS STAY
WITH US HE PERFORMED HIS WORK SATISFACTORILY AND WE CAN RECOMMEND HIM TO
HIS NEXT EMPLOYER.

RAMON, 01/01/82 1982

AIR BASE CONSTRUCTORS
P.O. BOX 1000
RAMON, ISRAEL
RAMON AIR BASE
RAMON - ISRAEL

CC: Copy file

Certificado em como
trabalhei num local difícil que
foi no deserto do Neguev em
Israel em que as condições
de trabalho eram extremamente
difíceis, mas que tive o contentamento
de começar o empreendimento
e terminá-lo. A minha colaboração
na construção da Base Aérea no
Neguev foi reconhecida mediante
este certificado em como trabalhei
na defesa da paz no Médio Oriente.
O meu trabalho consistiu em
fazer algo em defesa da paz numa
parte turbulenta do mundo e sinto-
me honrado por esse facto.

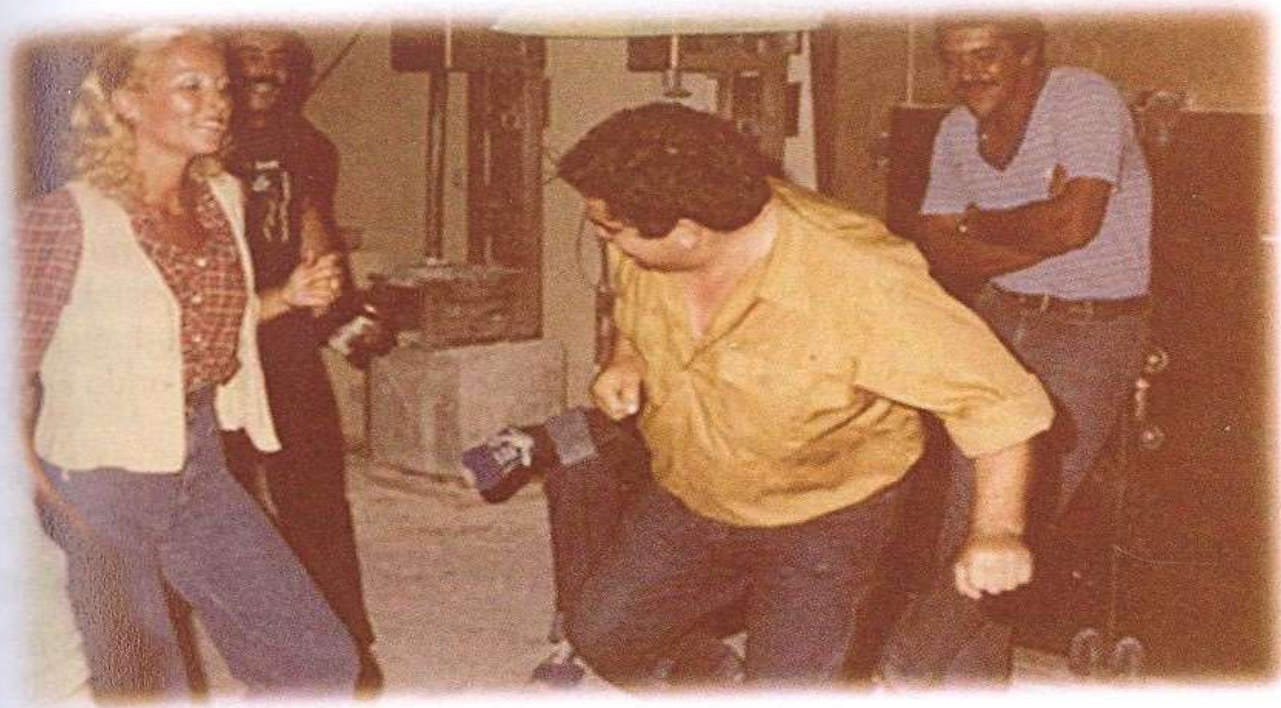
Carlos Simões



Visita a Hebron - Na altura sob a administração Israelita.



Cidade de Hebron



Frequentemente, após o trabalho, organizavam-se bailaricos onde todos participavam.



Militares do exército de Israel

elevada importância, pelo facto manifestamente conhecido de ser falado em todos os cantos do mundo.

Seria desnecessário confessar que a princípio sentia-me titubeante, inseguro, vacilante. Contudo, volvido algum tempo, como se tivesse um íman, consegui atrair uma dose indestrutível de confiança o que me permitiu, sem qualquer medo, visitar outros países com um certo conforto, sobretudo naqueles em que muitas gente fala a referida língua.

O facto de saber inglês não foi apenas vantajoso para me deslocar com uma certa frequência ao estrangeiro, mas também para que me visitassem pessoas dos lugares mais recônditos do mundo. Já me visitaram pessoas da Federação Russa, da Polónia, da Áustria, do Egipto, etc., etc..



Mosteiro dos Jerónimos (Lisboa). Visita a Portugal, a meu convite, de uma cidadã da Federação Russa

Na foto anterior uma das pessoas que já me visitou e me disse algumas vezes e com invulgar entusiasmo, que Portugal era um país digno de ser visitado devido à exuberante simpatia constantemente manifestada pelo nosso povo, pelas paisagens de rara beleza que possuía, pelo nosso clima mediterrânico, mas principalmente pela nossa gastronomia. Ficou realmente maravilhada pelo que viu, pela gastronomia de excelente qualidade, pela alta simpatia demonstrada, aliás como é

apanágio do povo português. Em suma, ficou altamente agradada com tudo o que sentiu e viu em Portugal. No tocante às outras pessoas que também me visitaram dos lugares mais díspares do mundo as suas opiniões alinharam, sem quaisquer excepções, pela mesma nota. E, perante estes factos indesmentíveis, apraz-me dizer alto e bom som que não somos tão maus como alguns *Velhos do Restelo* apregoam aos quatro ventos.

Já visitei inúmeras pessoas amigas, de diversas partes do mundo, designadamente do continente europeu. De entre as viagens que efectuei não posso deixar de fazer alusão às que fiz à Estónia, que é um dos três países Bálticos, situado na Europa Setentrional, constituído por uma porção continental e um grande arquipélago no mar Báltico. Tem como capital Tallinn, e é um dos países saído da desagregada União Soviética. É membro da União Europeia desde 1 de Maio de 2004 e da OTAN desde 29 de Março de 2004.



Lituânia, Estónia e Letónia, os três países bálticos. A primeira viagem à Estónia.

A primeira viagem à Estónia teve lugar em Janeiro de 2012. Em 2008 travei conhecimento com diversas cidadãs da capital da Estónia-Tallinn e começámos a conversar em inglês diariamente, o que originou uma amizade auspiciosa e recíproca. Assim, após a instalação de uma confiança mútua, sugeri-lhes que gostaria de visitar a Estónia tendo essa sugestão sido acolhida imediatamente com entusiasmo. Após aprofundada ponderação e tendo em consideração o entusiasmo manifestado pelas minhas amigas em redor dessa magnífica sugestão, tomei a decisão de visitar aquele bonito país báltico em Janeiro de 2012. Já visitei aquele bonito país duas vezes. A primeira vez que me desloquei à Estónia foi em Janeiro, no rigor do Inverno. Havia-lhes sugerido que desejava ir quando as temperaturas se encontrassem abaixo dos 25 graus negativos! Tudo aconteceu consoante o previamente delineado. Parti do Aeroporto da Portela, em Lisboa, em Janeiro de 2012.



Aeroporto de Lisboa

Havia combinado com a minha amiga Anne encontrarmo-nos no Aeroporto Internacional Lennart Meri Tallinn Airport, na capital da Estónia.

Todavia, levava comigo a direcção do hotel para, no caso de acontecer algum motivo imprevisto e a Anne não pudesse comparecer no aeroporto eu me poder desembaraçar, pelo que alugaria um táxi que me transportasse para o dito local.



Meriton Grand Hotel Tallinn, onde estive hospedado

Portanto, estava prevenido para essa eventualidade. Mas Anne estava lá, conforme havia prometido. Logo que libertei a bagagem ouvi uma voz chamando pelo meu nome. Lanço de imediato o olhar para o local onde essa pessoa se encontrava e reconheço que era a Anne. Fiquei imensamente satisfeito e altamente reconhecido, devido a não ter havido quaisquer falhanços. Cumpriu integralmente o que havia prometido. É uma obrigatoriedade dar os parabéns a pessoas íntegras e cumpridoras e como a Anne foi um exemplo de pessoa extremamente responsável, não me coibi de lhe dar os mais efusivos parabéns.



Anne esperando-me no Aeroporto

Após os cumprimentos habituais, trocados reciprocamente, dirigimo-nos directamente para o Vabaduse Café, antigamente designado de Moscovo Café



Tallinn (Capital da Estónia). Largo Vabaduse, vendo-se à nossa esquerda o Café com o mesmo nome.

Vabaduse, em estoniano, significa liberdade. Neste café bebemos algumas bebidas quentes e comemos deliciosos bolos de fabrico local. O que nos foi servido, quer qualitativa quer quantitativamente foi excelente. A temperatura no interior do café era boa, pois estava a 20 graus positivos. Mas o exterior estava a -29°!



*Café Vabaduse.
Fotografia tirada
aquando da 2ª visita
à Estónia.*

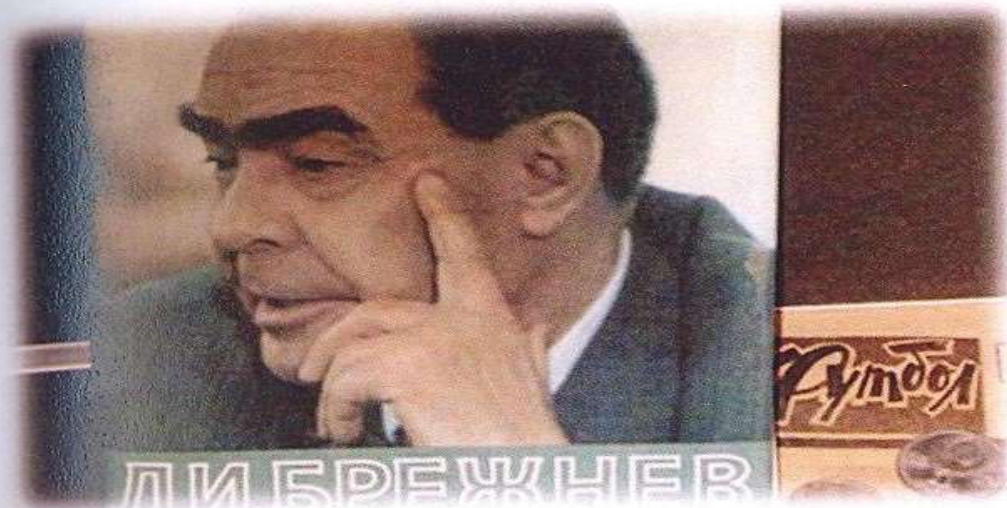
Este era o espaço privilegiado pelas mais altas patentes militares do exército da União Soviética, aquarteladas em Tallinn, para conversar, tomar o seu cafezinho, beber uma cerveja, um cálice de vodka, ou outra coisa qualquer. Como já referi, o café chamava-se Moscovo, tendo mudado para Vabaduse logo após a desagregação da União Soviética. A seguir ao colapso da União Soviética os países bálticos, Estónia, Letónia e Lituânia, que faziam parte integrante desse bloco, ascenderam à independência fazendo presentemente, todos eles, parte da União Económica e Política de 28 estados membros independentes que estão localizados no continente europeu.

Tallinn. Aqui existe um hotel onde outrora esteve instalada uma delegação da Polícia Secreta da União Soviética denominada K.G.B.



No edifício da foto anterior, mais concretamente no último andar, esteve instalada a polícia secreta da União Soviética. Sensivelmente e durante 20 anos, este espaço esteve debaixo da alçada dos serviços secretos russos. O edifício possui 23 andares, mas durante a Guerra Fria poucos tinham conhecimento disso, já que o último estava reservado ao K.G.B. A Polícia Secreta Soviética Responsável pela Investigação e Segurança Interna, foi criada em 1954. Aquele espaço vai ser transformado em museu. Muitas pessoas consideradas perigosas do Ocidente ficavam aqui hospedadas. Este hotel era um privilegiado ponto de encontro entre ocidentais e soviéticos e tinham de ser cuidadosamente vigiados. Pelo que me informaram “in loco”, irá ser instalado um

museu naquele espaço cujo objectivo principal será captar turistas. São histórias entre espíões com as quais o hotel quer captar clientes. É uma página de um passado recente que a Estónia quer rendibilizar e a pensar no futuro. Se me é permitido expressar a minha humilde opinião auguro um futuro promissor para este projecto. Evidentemente, se voltar à Estónia, não perderei o ensejo de ir visitar este museu.



Um dos principais líderes da União Soviética, Leonid Brejnev (1964-1982)

Leonid Brejnev comandou a União Soviética por 18 anos. Ele sucedeu a Nikita Khrushchov como Secretário-Geral do Partido Comunista em 1964 e ficou no poder até 10 de Novembro de 1982, quando faleceu. Durante o seu governo Brejnev teve de equilibrar a estagnação económica da U.R.S.S. com os gastos com a corrida armamentista contra os Estados Unidos da América do Norte. Também comandou a repressão ao governo reformista da Checoslováquia em 1968 e a invasão do Afeganistão em 1979.

Na primeira viagem que fiz à Estónia não saí da capital Tallinn e o balanço desta cidade e dos seus habitantes foi altamente positivo.

Percorri uma média diária de dez quilómetros durante os onze dias que ali estive. Tive o privilégio de visitar lugares inolvidáveis tais como o Museu da Marinha, onde como não podia deixar de ser, é feita uma especial referência a Vasco da Gama, bem como a outros grandes navegadores da Estónia e de todo o mundo.



Eu e a minha amiga Anne. Tallinn encontrava-se sob um manto espesso de neve e as temperaturas rondavam os 28 graus negativos



Vista de Tallinn



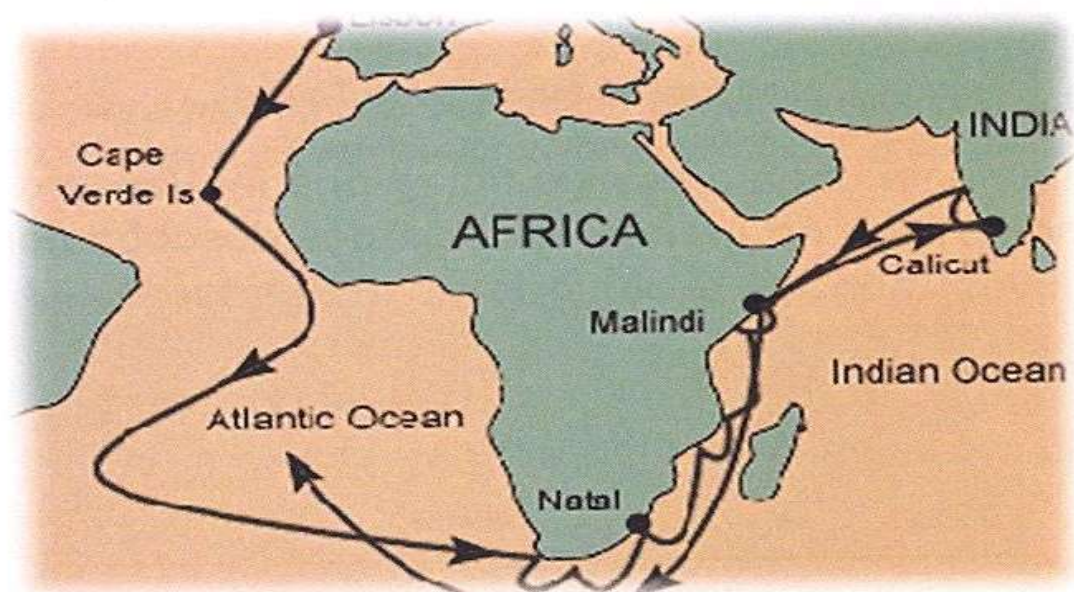
Museu da Marinha em Tallinn

Evidentemente dada a grande figura que foi Vasco da Gama, que se notabilizou na grande epopeia dos descobrimentos que deram novos mundos ao mundo no Reinado de D.Manuel I, este museu em Tallinn dá uma relevância compatível com a grande figura que foi aquele navegador português, que descobriu o caminho marítimo para a Índia.



Chegada de Vasco da Gama à Índia, em 1498.

O Diário da Viagem de Vasco da Gama é património mundial. O diário da descoberta do caminho marítimo para a Índia foi considerado e classificado histórico pela U.N.E.S.C.O. Inerente a tal documentação, a organização adianta ser um testemunho verídico da maneira como o notável navegador, na vanguarda da sua frota, descobriu a rota do caminho marítimo para a longínqua Índia. E diz ainda que nunca antes havia acontecido algo de tão grande envergadura em todo o mundo e que terá sido determinante para mudar o rumo da história. Constituiu uma das maiores façanhas executadas pelos europeus naquela época e ao mesmo tempo suscitou uma vaga de acontecimentos que alteraram o mundo.



Rota do Caminho Marítimo entre Portugal e Índia

Rota do Caminho Marítimo para a Índia.

Esta é a designação comum para a primeira viagem directamente da Europa para a Índia, levada a cabo sob o comando de tão notável navegador. Foi uma das mais notáveis viagens da era dos descobrimentos. Consolidou a presença marítima e o domínio das rotas comerciais pelos portugueses.

Visitei também o Museu da Ocupação, onde pude obter detalhadamente toda a informação relacionada com o sofrimento do povo estoniano a que foi sujeito aquando da invasão, quer por parte do Exército Nazi, quer por parte das

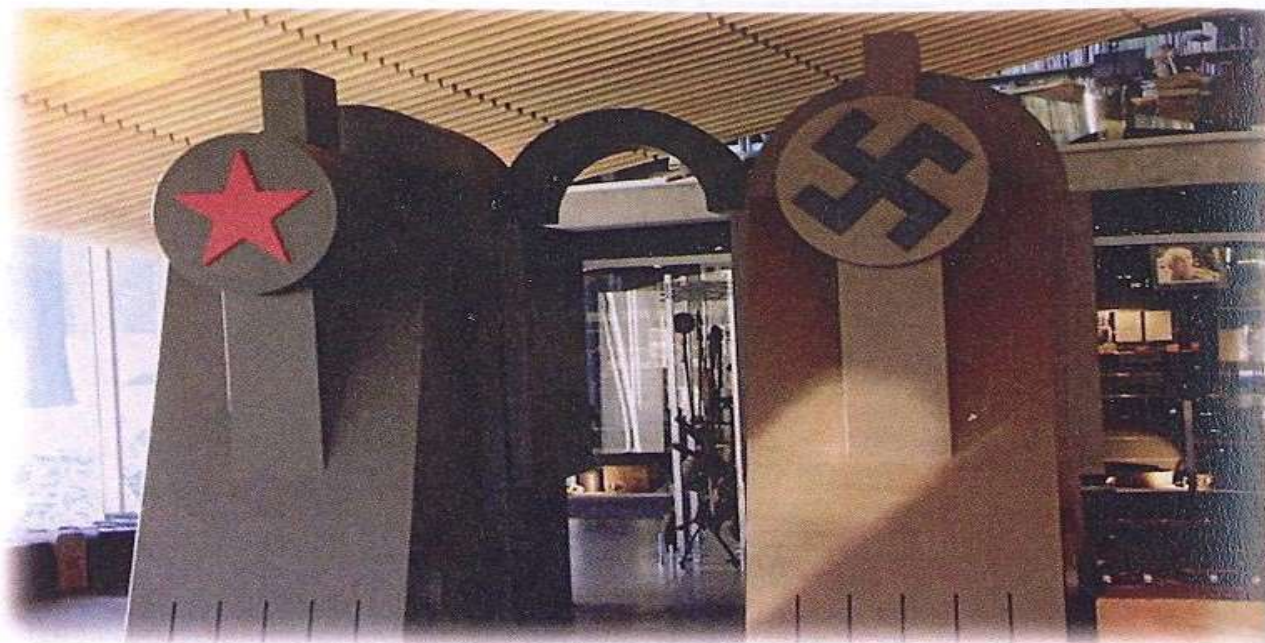
forças da União Soviética.



Forças do exército nazi



Forças do exército soviético



Museu da Ocupação em Tallinn

Assisti a uma peça de Tchaikovsky, no Est National Theatre em Tallinn, e fiquei estupefacto pelo silêncio que reinou na sala, enquanto a peça decorreu.



Ao fundo, Est National Theatre, em Tallinn

Quando me sentei com as minhas amigas num camarote reparei simultaneamente que havia um número apreciável de crianças o que me levou a deduzir que fizessem barulho durante o espectáculo.



Com as minhas amigas, no café do Teatro, antes de assistirmos à peça

Felizmente fiquei admirado e agradado pela sua forma de proceder, porquanto reinou durante toda a representação teatral um silêncio digno de ser salientado. Não se ouviu um rumor.



Interior do Teatro

A peça foi executada por verdadeiros artistas, tendo apreciado tão elevado desempenho.



Quando me dirigia para o camarote, com o objectivo de assistir à peça de Tchaikovsky



Todos os passeios que se encontravam cobertos de neve tinham areão, com a finalidade de terem uma melhor aderência

O parlamento estoniano também é digno de ser visitado.



Parlamento da Estónia

Defronte ao Parlamento Estoniano está a Igreja Ortodoxa Estoniana do Patriarcado de Moscovo. Tem milhares de fiéis e é a maior Igreja Ortodoxa da Estónia. Uma visita feita com calma e serenidade a esta igreja enche qualquer um de satisfação.



*Igreja Ortodoxa Russa,
na capital da Estónia*

Visitei alguns estabelecimentos de ensino, onde fui apresentado a alunos, pessoal auxiliar, professores e directores, mercê da influência de algumas amigas minhas, uma vez que eram professoras do ensino secundário.



University of Technology International

Sublinhe-se que da primeira vez que fui à Estónia, tendo ficado quase duas semanas na capital, as minhas amigas fizeram questão em me acompanhar praticamente todos os dias. Exceptuando dois dias em que andei sozinho deambulando pela cidade.



Quando andava só pela cidade. Aqui encontro-me defronte do Palácio do Presidente da República

Contudo nesses dias e devido à sua permanente preocupação, a cada passo falávamos mutuamente, através do telemóvel trocando constantemente informações sobre as minhas andanças pela cidade.



Misturando-me com a população, como se fosse um estoniano

A preocupação que tinham por mim era constante. Era uma preocupação visível, real, verdadeira, pela qual lhes agradei muito reconhecidamente. Felizmente, não tive problemas, visto que quase toda a gente sabia inglês, além do estoniano, como se depreende.

Quer na primeira viagem que fiz a este país, quer na segunda, não encontrei nenhum cidadão português. Um dia perguntei à gerente do hotel se havia, além de mim, mais algum português ali hospedado, tendo ela respondido que geria aquele hotel há três anos e nunca nenhum português ali havia estado naquela época do ano. Deu-me os parabéns pela simples razão de eu ser o primeiro português a ficar ali hospedado e perguntou-me se desejava beber uma chícara de chá ou uma cerveja.

Como se imagina não podia negar tão agradável oferta e bebemos com toda a tranquilidade um delicioso chá defronte a uma rica lareira que enviava para nós um calor agradabilíssimo, tornando a temperatura ambiente surpreen-

dentamente acolhedora. Demorámos a bebê-lo precisamente 30 minutos. Durante esse espaço de tempo tivemos uma amena conversa informal em que abordámos diversos temas da actualidade mundial, desde o futebol ao cinema, passando pela política, etc. Interrogou-me o porquê de eu visitar a Estónia em Janeiro tendo-lhe respondido que pelo simples motivo de gostar do frio e ser precisamente nesse mês que as temperaturas chegavam a atingir mais de 30 graus negativos.



*Avenida
Livalaia*

*Cerveja de
fabrico estoniano,
"A. Le Coq"*



*Inverno realmente
gélido: -30° C*

Como nunca havia estado em nenhum local cujas temperaturas descessem tão baixo havia decidido visitar a Estónia nessa altura de Inverno com o intuito de experimentar essas temperaturas glaciares e diga-se, sem fugir um milímetro à verdade, foi uma experiência de que gostei imenso. Para concluir, disse-lhe que havia gostado da experiência e que um dia repeti-la-ia, visitando o seu bonito país, que ficaria hospedado no seu hotel e que podia reservar desde já o quarto. Como se depreende, ela soltou uma grande risada.



Num restaurante cuja temperatura rondava os 25° C, contrastando com a temperatura exterior

Ela começou a rir à gargalhada e deu ordens à empregada para nos servir dois cálices de vinho do Porto que bebemos descansadamente e aproveitámos ainda para falarmos informalmente sobre variados temas. Também me disse que no tocante aos clientes que mais solicitavam os serviços do hotel eram americanos e ingleses, o que não motivou qualquer estupefacção da minha parte. Respeitante aos portugueses também lhes estava muitíssimo grata, porquanto havia muitos turistas portugueses que procuravam aquele estabelecimento hoteleiro, embora só no Verão.

Fazendo um balanço relativamente à minha primeira viagem à Estónia ele é francamente positivo e prova cabal desse balanço ser tão marcante é o facto de deixar aquele país báltico com a firme determinação de lá voltar o mais urgentemente possível que pudesse.



Avenida Livalaia (Tallinn), uma das mais importantes da capital

Regressei a Portugal recordando-me das muitas e hilariantes facetas vividas naquele território que jamais esquecerei e com o firme propósito de ali voltar logo que os meus afazeres o permitissem.

Tal como havia pensado, a segunda viagem à Estónia veio a ter lugar em Julho de 2012. Como não havia saído da capital Tallinn na primeira viagem que efectuei em Janeiro, desta feita preparei tudo detalhadamente, no sentido de visitar não apenas a capital mas outras cidades do país e se possível visitar nações limítrofes tais como por exemplo a Letónia a Finlândia e a Lituânia. Isso veio efectivamente a acontecer, o que ficou a dever-se ao facto de tudo ter sido previamente bem planeado. O programa meticulosamente elaborado foi cumprido na íntegra. Não houve o mínimo desvio ao que havia estabelecido o que me deixou manifestamente satisfeito.

Segunda viagem à Estónia

1º Dia

O avião da Luftansa partiu do Aeroporto da Portela, em Lisboa, às 8:00 horas da manhã, rumo a Tallinn, via Aeroporto Internacional de Frankfurt (Alemanha).



*Frankfurt
(Alemanha)*

Durante a viagem perguntei, em inglês e com toda a amabilidade, pois a educação cabe bem em todo o mundo e há sempre o receio de magoar susceptibilidades, a uma das hospedeiras de que nacionalidade era e retribuíu-me de igual modo, isto é, com toda a simpatia, que era de nacionalidade alemã. Perguntou-me também em inglês se eu era alemão tendo respondido que não, que era de nacionalidade portuguesa. A partir dessa pequena conversa informal e até Frankfurt perguntou-me diversas vezes se estava tudo bem comigo e se necessitasse algo que não me deixasse de solicitar o que pretendesse, pois atender-me-ia o mais urgentemente possível. Manifestei-lhe a minha simpatia e gratidão por tão simpática postura. Ao meu lado viajou uma japonesa com quem conversei animadamente em inglês, até Frankfurt. À chegada, no interior do aeroporto, que é um dos mais importantes do mundo, aguardei duas horas pelo avião

das Linhas Aéreas da Estónia, que me levaria à capital daquele país Báltico, Tallinn.



Aeroporto Internacional de Frankfurt, um dos maiores do mundo

Anunciaram em Inglês para me dirigir à porta 20; volvidos 10 minutos dizem que, por motivos imprevistos, não nos devemos encaminhar para a porta 20 mas sim para a porta 22 e por último ainda alteram, dizendo que era para a porta 24. Relatei este episódio sobretudo para aconselhar todos aqueles que não tenham conhecimentos suficientes de inglês que não se devem meter sozinhos nestas andanças, pois se o fizerem as probabilidades de terem gravíssimos problemas serão enormes. A viagem de Frankfurt até Tallinn decorreu sem quaisquer motivos de registo. À chegada ao Aeroporto de Tallinn e conforme estava combinado, a minha amiga Anne lá estava, esperando-me pacientemente. Após a troca dos cumprimentos da praxe fomos para o Café Vabaduse, já referenciado anteriormente e que, recordo, significa liberdade na língua estoniana.

Conversámos animadamente pelo menos duas horas nesse esplêndido local e em simultâneo bebemos delicioso chá e café.

*A minha amiga
Anne quando se
encontrava à minha
espera no aeroporto*

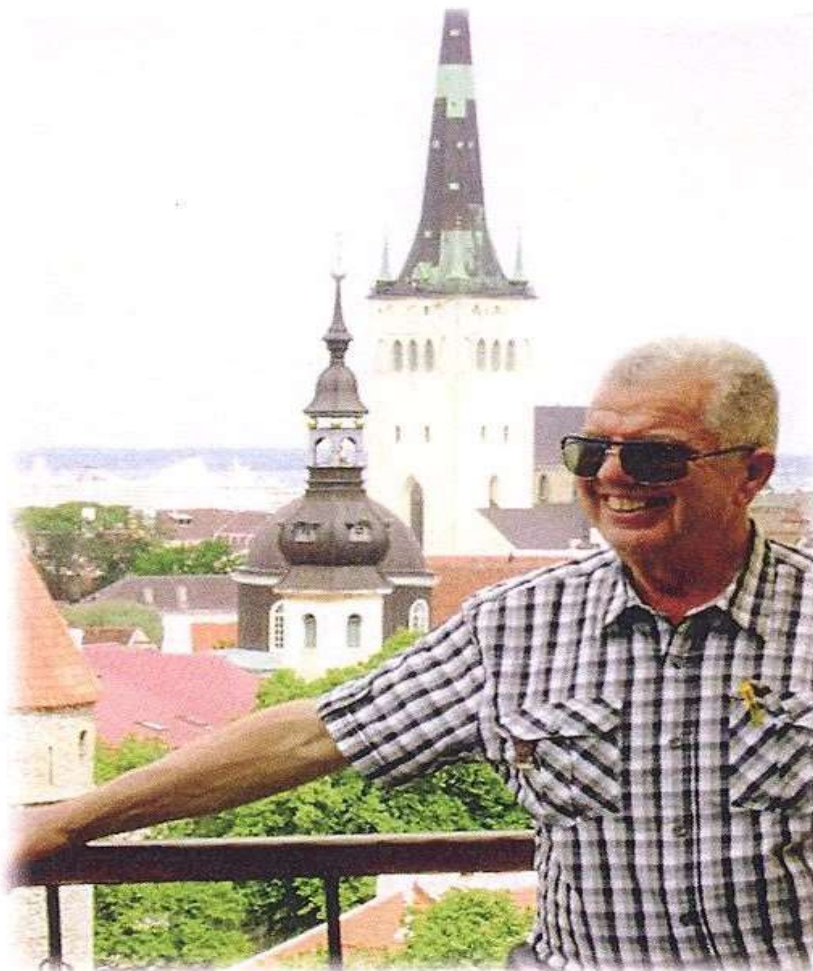


2º Dia.

Levantei-me às 11:00 horas, aproximadamente, e dirigi-me a casa de outra grande amiga cujo nome é Maaria. Levou-me a visitar tudo o que havia de mais interessante na capital, essencialmente museus, onde pude obter informação com toda a pormenorização do que era o quotidiano na Estónia quando esteve integrada na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (U.R.S.S.). Calcorreei a parte velha de Tallinn, que é digna dum visita aprofundada.



Parte velha de Tallinn



Na parte velha da cidade



Tallinn - Com um amigo que é um verdadeiro artista de teatro



Parte moderna de Tallinn

Há locais na capital estoniana que merecem por parte dos turistas uma atenção minuciosa, designadamente na parte velha da cidade, tal como já fiz referência. Nesse dia tinha lugar um enorme evento desportivo. A contar para o Campeonato Europeu de Futebol, Categoria sub-18, defrontavam-se as equipas de Portugal e Espanha no *A. Le Coq Arena*, em Tallinn.



O estádio de futebol mais importante de Tallinn. Fotografia tirada aquando da primeira visita a Tallinn



Fotografia do estádio em Janeiro, no rigor do Inverno, em que as temperaturas rondam os 30 graus centígrados abaixo de zero.

As bandeiras de Portugal e Espanha nos mastros do estádio, aquando do jogo entre as duas seleções



O nome do estádio provém de uma conceituada cerveja de fabrico estoniano. Fui vêr este empolgante encontro internacional, conjuntamente com alguns amigos e amigas da Estónia e não fiquei defraudado com o que me foi dado assistir.

Este estádio, de piso sintético, tinha uma assistência razoável a assistir ao jogo.

As pessoas que me acompanharam fizeram questão em levar cornetas para se tornarem audíveis e só com o objectivo de torcer pela turma portuguesa. Eu transportava a bandeira portuguesa que havia levado de Portugal já com a intenção de ir presenciar este jogo de futebol e tentava a todo transe, berrando alto e bom som, Portugal, Portugal, Portugal, chamar

a atenção do muito público que se encontrava nas imediações do estádio de que eu era português e por conseguinte um apoiante da selecção de Portugal.

Fiquei admirado quanto ao custo dos bilhetes. Fui para a bancada central e paguei a módica quantia de três euros. Reconheço que não tem nada que ver com o preço dos bilhetes em Portugal. Quem é que não ficaria agradado com preços tão acessíveis?



Portugal e Espanha (Cat. Sub-18) defrontando-se em Tallinn para o Campeonato Europeu de Futebol.

Assistindo ao jogo com diversas amigas estonianas



Quanto ao jogo foi muitíssimo bem disputado pelas duas seleções. Foi um duelo ibérico, impecavelmente bem jogado e que deu para perceber que a breve trecho alguns daqueles jogadores subiriam inevitavelmente à selecção A. A Espanha, por seu turno, mostrou inequivocamente que não é por acaso que no futebol são campeões, em todas as categorias. A exibição da equipa portuguesa foi a todos os títulos extraordinária.

Foi um jogo onde imperou um tipo de futebol apoiado e com passes curtos. Houve um fio de jogo impressionante. A ligação em todos os sectores foi irrepreensível. Qualquer amante de futebol teria gosto em presenciar uma partida deste género. No final do emocionante encontro registou-se um empate a 3 que, no meu entender, correspondeu à forma como as equipas de Portugal e Espanha se bateram e por isso nenhuma delas merecia sair dali derrotada.

Fiquei agradado pelo facto de os espectadores estonianos terem manifestado o seu incessante apoio a Portugal, durante a partida. Foi um apoio inalterável por banda dos estonianos, do princípio ao fim, que me apraz registar com toda a simpatia. Ainda questionei a razão pela qual a equipa das quinas havia sido aplaudida tão fortemente, por banda dos estonianos, mas obtive respostas um tanto ou quanto contraditórias. De todas elas a que recolhi com mais consistência, no meu fraco entender, foi uma que me expressou a minha amiga Anne com a qual concordo inteiramente. Ela disse-me que Portugal era maior do que a Estónia, mas muito mais pequeno do que a Espanha. E este seria o ponto base que motivou o apoio da claque estoniana. Era pelo facto de Portugal ser muito mais pequeno que a Espanha e os estonianos, por sistema, salvo raríssimas excepções, gostam de apoiar os mais pequenos. Dei-lhe os parabéns por tão agradável opção. Convenhamos que é uma opção plausível.

Saí do A. Le Coq Arena indiscutivelmente satisfeito, não apenas pelo resultado, pois empatar com a Espanha é sempre um resultado digno de registo, mas também e sobretudo pela inesquecível exibição da equipa portuguesa.



Os espectadores estonianos aplaudiam incessantemente a selecção portuguesa

3º Dia

A Maaria e eu andámos seguramente dez quilómetros a visitar jardins, museus e tudo o que tivesse interesse debaixo duma óptica de melhorar os meus conhecimentos, principalmente relacionados com a história universal. À noite fui convidado para ir ao Festival da Cerveja, cujo evento tem lugar, anualmente, em Tallinn. Não me fiz rogado e aceitei tão amável convite de pronto e sem pestanejar.

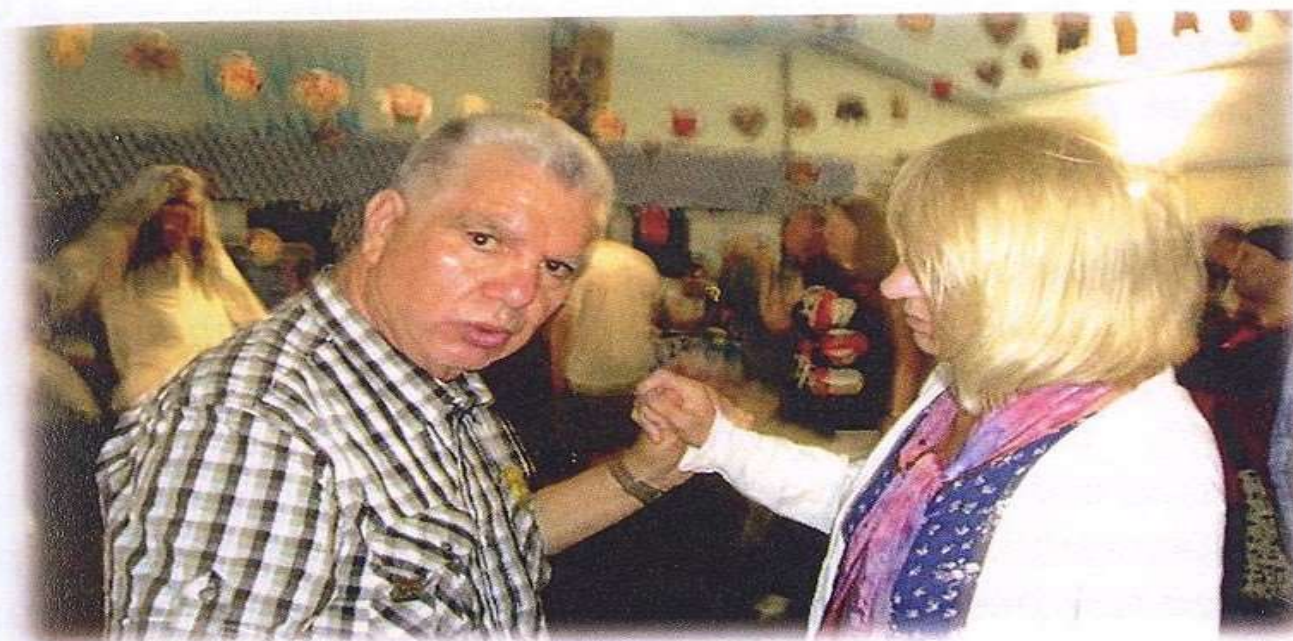
Apanhámos um autocarro no centro da cidade e dirigímo-nos para o local, que é relativamente próximo do Palácio Presidencial, onde esse fantástico certame já havia começado.

Ali chegados, eu, Imbi e Anne, sentámo-nos próximo do conjunto musical, que estava em plena actuação. Na sala encontravam-se aproximadamente 1000 pessoas. Convidei de pronto a Anne para dançar e ela com um largo sorriso, não aceitou, dizendo que se sentia envergonhada. A Imbi havia-me sussurrado ao ouvido que não a convidasse pois não iria dançar visto ter trabalhado arduamente no dia anterior.



O Palácio do Presidente da República

Porém essa sua desculpa não me convenceu minimamente pois tratava-se simplesmente de uma hábil artimanha e evidentemente não era merecedora de qualquer crédito. Estava simplesmente a brincar comigo e eu aceitei de bom grado tal brincadeira. Apesar de me ter confessado que estava cansadíssima devido a ter trabalhado no dia anterior de uma forma desmedida eu insisti e convidei-a a avançar em direcção à pista com o intuito de dançar. Respondeu-me que iríamos dançar logo que fosse possível não especificando o tempo que levaria a tomar essa decisão. Disse-lhe que estava tudo ok, mas pensando voltar à carga volvidos breves minutos e esperando ser melhor sucedido. Solicitei a presença do empregado do restaurante e pedi-lhe para trazer algo para as minhas amigas comerem e beberem. Para mim pedi uma cerveja bem fresquinha pois estava com sede e a temperatura no recinto convidava a que bebesse algo bem fresco. Veio o que solicitei e voltei à carga com o objectivo de dançar, como não podia deixar de ser. Acabaram por aceitar e passámos uma noite inolvidável dançando alegremente e ininterruptamente durante três horas, até ficarmos completamente exaustos.



Dançando com a Imbi na festa da cerveja.



Dançando com a Anne

Fiz questão em não beber bebidas alcoólicas em demasia e tentando a todo o custo preservar a minha sobriedade. Quanto a isso, posso afirmar que tive um comportamento inigualável. Fui solicitado para me dirigir ao palco, pois os responsáveis reconheceram que era merecedor de receber um prémio devido à minha calorosa participação no espectáculo, que

consistiu em dar início ao baile, pois aparentemente existia uma certa inércia quanto ao seu arranque.

Logo que começámos a dançar inúmeros pares seguiram as nossas pisadas e invadiram a pista dançando com desusada alegria. Dançou-se ininterruptamente durante três horas com uma alegria esfusante por parte de todos. No entender dos responsáveis pelo certame eu e as minhas amigas teremos sido os grandes catapultadores da alegria, do grande entusiasmo, do grande brilhantismo que se revestiu o espectáculo desde o início até final. Como prova de reconhecimento quiseram brindar-me com um prémio. Fui solicitado para ir ao palco receber o prémio pelo facto de a minha performance ter sido merecedora de tal distinção. Como os meus conhecimentos de estoniano eram e são de tal maneira escassos, a Anne acompanhou-me ao palco e quando deu a informação à vasta assistência de que eu não era da Estónia, mas sim de Portugal, dispensaram-me uma calorosa ovação em pé que eu jamais esquecerei.



O responsável máximo do conjunto

Agradei em Inglês a delicadeza que haviam tido para comigo e recebi nova onda de aplausos. Foi realmente excepcional. Foi um momento deveras empolgante e que jamais esquecerei. Aquele momento marcar-me-á para sempre, pela positiva. A vida do ser humano é recheada de bons e maus momentos e como é normalíssimo o que acabei de narrar vai direitinho para o lugar dos bons momentos.

4º Dia

Levantei-me tardiamente e sentia-me cansadíssimo pelo facto de ter dançado intensamente no dia anterior. Tomei um banho reconfortante e passei a sentir-me bastante melhor. Após tomar o banho de chuveiro, que faz parte integrante da minha higiene quotidiana, preparei-me o mais urgentemente possível e passei pela recepção apenas para cumprimentar a recepcionista que é dotada de um rosto e olhos de uma invulgaridade extraordinária. Esta funcionária tem manifestado ser uma pessoa com uma simpatia fora do comum, uma postura impecável, falando um inglês claro e conciso, em suma, uma funcionária que qualquer empresário gostaria de ter como empregada. Dirigi-me a pé, até ao Boulevard Café, que se situa no centro da capital.



Café Boulevard era o meu favorito, atendendo a que era um espaço onde reinava o sossego, não era permitido fumar e os empregados eram de uma simpatia invulgar

Este lugar passou a ser o meu local preferido, para saborear uma cerveja, comer algo ou conversar, devido especialmente ao sossego que era uma característica daquele espaço e ainda pelo facto de não ser permitido fumar.

Havia planeado com a Anne que encontrá-la-ia naquele local ao meio-dia e ela havia-me sussurrado ao ouvido, para não comer no restaurante, pois levar-me-ia a casa de sua filha, que estava a preparar um verdadeiro banquete de recepção.



Esta família tem a deferência de ser minha amiga

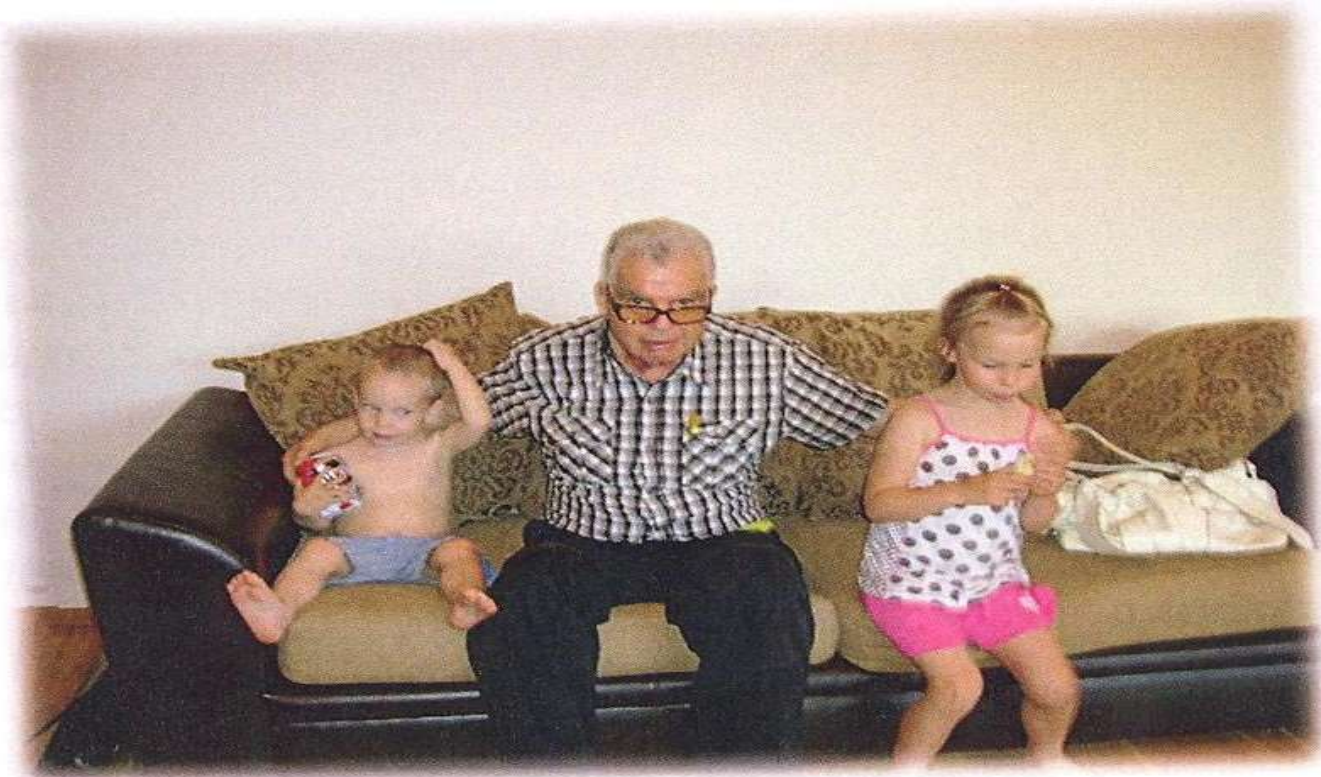
Por conseguinte, segui estritamente o seu conselho e não comi o que fosse. Levou-me a casa de sua filha que dista de Tallinn quinze quilómetros. Quando fui recebido pela filha da Anne em sua casa e após ser apresentado a toda a família e amigos, fui convidado a sentar-me à mesa para darmos início ao banquete. As crianças, logo que me avistaram, desataram a chorar como se tivessem visto o diabo. Tentei que aquela situação, que era indiscutivelmente negativa, não se prolongasse por demasiado tempo. Com a ajuda dos presentes e principalmente por lhes ter dado alguns brinquedos, que estavam inteiramente de acordo com a sua idade, volvidos breves minutos aquela irreductibilidade, aquela maneira de agir inamistosa que aparentavam em relação a mim, eclipsou-se

completamente. Operou-se uma reviravolta de 180 graus e o seu comportamento passou de besta a bestial, como se diz na gíria futebolística. Num abrir e fechar de olhos a sua maneira de estar passou de um negativismo preocupante para um altamente positivo. A princípio a sua conduta estava muito distante dos padrões de amizade que eu idealizava. Felizmente operou-se uma grande transformação que foi benéfica para todos. O Mico de 3 aninhos de idade e a Tully de 7, já brincavam comigo, especialmente o Mico, como se fossemos amigos há muitos anos. Quando chegou a altura de nos despedirmos reconheci que o Mico tinha o semblante deveras carregado e notava-se que estava possuído de uma tristeza profunda. Estava expectante no que se iria passar e aconteceu o que havia previsto momentos antes. O Mico deixou escorrer algumas lágrimas pelo seu simpatiquíssimo rosto, dando provas evidentes, perante esta atitude que a nossa amizade era de uma robustez inquebrantável, bem alicerçada, solidificada e que inevitavelmente será duradoura. Tornámo-nos dois grandes amigos e brevemente ver-nos-emos, pois nos meus planos inerentes a visitas ao estrangeiro está contemplada mais uma visita à Estónia que será a terceira que farei àquele bonito país báltico. Desde o meu regresso a Portugal tenho falado com ele através do Kan Talk e estou plenamente convicto que nos voltaremos a ver num futuro próximo.



*Depois do
banquete*

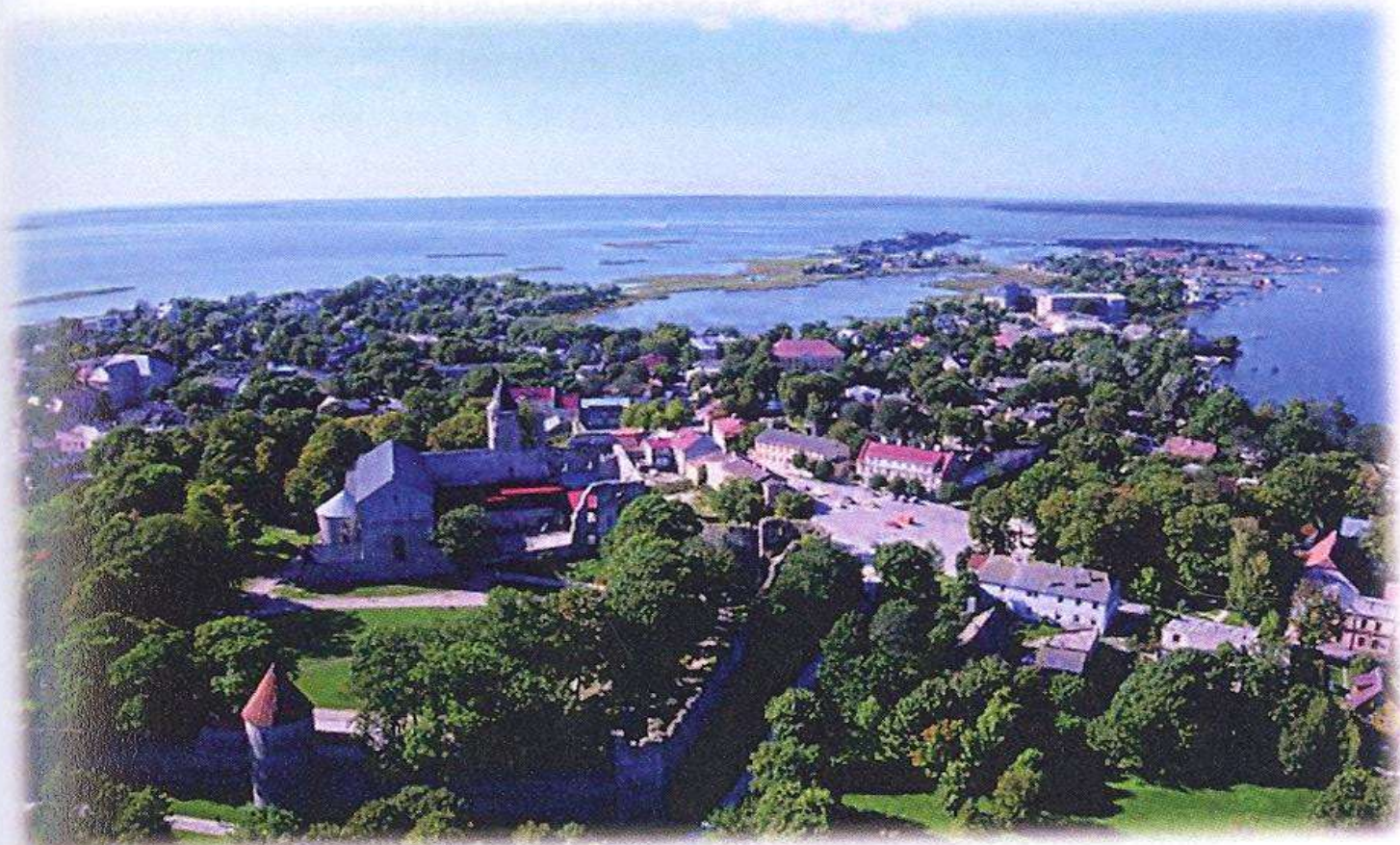
Antes, porém, aquando da entrada na residência, verifiquei que toda a gente se descalçava e colocava os sapatos no fundo das escadas. Há um provérbio que diz “*Em Roma, sê Romano*”, por isso segui rigorosamente este provérbio e descalcei-me num ápice, como se tudo aquilo me fosse familiar. Não existe qualquer ligação de cariz religioso pelo facto de toda a gente se ter descalçado. Esta prática está inteiramente dissociada da religião, pois a principal razão é a manutenção da casa limpa. No que diz respeito ao banquete em que a filha da Anne tanto se esmerou, predominou essencialmente a fruta.



Aqui já davam mostras de alguma tristeza porquanto brevemente iria ausentar-me para Tallinn

5º Dia.

Por volta das 7:00 horas da manhã tomei o autocarro na estação rodoviária principal para Haapsallu, que dista de Tallinn cento e cinquenta quilómetros.



Cidade de Haapsalu

Nesse dia disputar-se-ia mais um jogo de futebol a contar para o Campeonato Europeu de Futebol de sub-18, desta feita entre Portugal e Grécia e que seria disputado naquela cidade.



*Portugal
vs
Grécia*

A viagem entre Tallinn e Haapsallu demorou sensivelmente 3 horas.



Antiga estação ferroviária de Haapsalu

Como o encontro tinha o seu início marcado para as 15:00 horas, tive muito tempo para visitar a cidade. De Tallinn até Haapsallu a paisagem que se desfruta é de um verdadeiro encanto, uma paisagem totalmente verdejante, como se fosse um jardim de fadas. Um espectáculo magnífico que tive o privilégio de contemplar.

Chegado a Haapsallu sentei-me num banco de um jardim público, nas imediações do estádio onde a partida iria ter lugar e fui abordado por uma senhora estoniana, que começou a falar a língua daquele país Báltico e respondi-lhe que não era estoniano. Perguntei-lhe se sabia falar inglês, respondendo-me negativamente. Supliquei-lhe encarecidamente para falar em inglês ou português mas por mais que lhe pedisse para falar em inglês ou português, ela continuava incessantemente a falar

estoniano o que em abono da verdade me estava deixando perturbado. A sua maneira de proceder não alterava um milímetro. Era de uma inflexibilidade incontestável. Estava a ficar um tanto ou quanto titubeante. Não sabia como agir para me livrar daquela melindrosa situação que estava descambando para um ponto bastante degradante. Repentinamente ocorreu-me dar-lhe um euro. Todavia pensei e se ela considera uma ofensa a oferta? Contudo, arrisquei, dei-lhe um euro, desejando que com esse acto pudesse por termo àquela situação embaraçosa. Instantânea e imperturbavelmente agradeceu-me com um largo sorriso, deu-me um vigoroso aperto de mão e seguiu o seu caminho, deixando-me completamente aliviado.

Após este delicado episódio e depois de recarregar bem as baterias, decidi calcorrear as principais artérias da cidade e ver tudo o que achasse de mais interessante, até às 14:00 horas, pois a esta hora tinha que estar na fila da bilheteira para adquirir o bilhete que me daria permissão para assistir ao Portugal-Grécia. Havia presenciado a actuação da equipa nacional em Tallinn, que tinha sido de alto gabarito frente à poderosa formação espanhola. Na minha mente só havia um resultado possível, que era a vitória da nossa selecção, atendendo à soberba exibição proporcionada frente à Espanha, como já referi. Na minha ideia só a vitória era possível diante do conjunto heleno. Para mim era impensável outro resultado além do nosso êxito. A equipa de Portugal tinha tudo para vencer diante da Grécia se bem que, como é sabido não há dois jogos iguais. Dirigi-me à bilheteira com o intuito de adquirir o bilhete o que consegui com extrema facilidade e um segurança chamou-me a atenção, que só podia levar a bandeira. O pau onde ela estava enfiada, devia deitá-lo para o contentor. Acatei de pronto sem a menor contestação o que o segurança me sugeriu porquanto as regras são para se cumprirem. Perguntou-me ainda se eu era americano ou inglês tendo-lhe respondido que era português e mostrei-lhe a bandeira nacional portuguesa, com todo o orgulho.



Portuga Ivs Grécia

No tocante ao jogo disputado por Portugal e Grécia a exibição foi completamente o oposto do que havia acontecido em Tallinn. Na capital foi uma exibição de gala, aquando do jogo com a Espanha. Em Haapsallu, frente à Grécia, foi uma exibição dum mediocridade de bradar aos céus, notando-se aqui e ali laivos de verdadeiro tecnicismo por parte de alguns promissores jogadores, mas que no cômputo geral não trouxeram nada de benéfico para a nossa turma e portanto não foi de estranhar que o resultado final tenha sido favorável ao conjunto grego, por 2-1. Acresce dizer, e sem quaisquer equívocos, com total merecimento pois foram durante toda a partida claramente superiores dentro das quatro linhas. A equipa grega fez uma exibição espantosa e quando assim é não há contestações a fazer, por muito que nos custe.

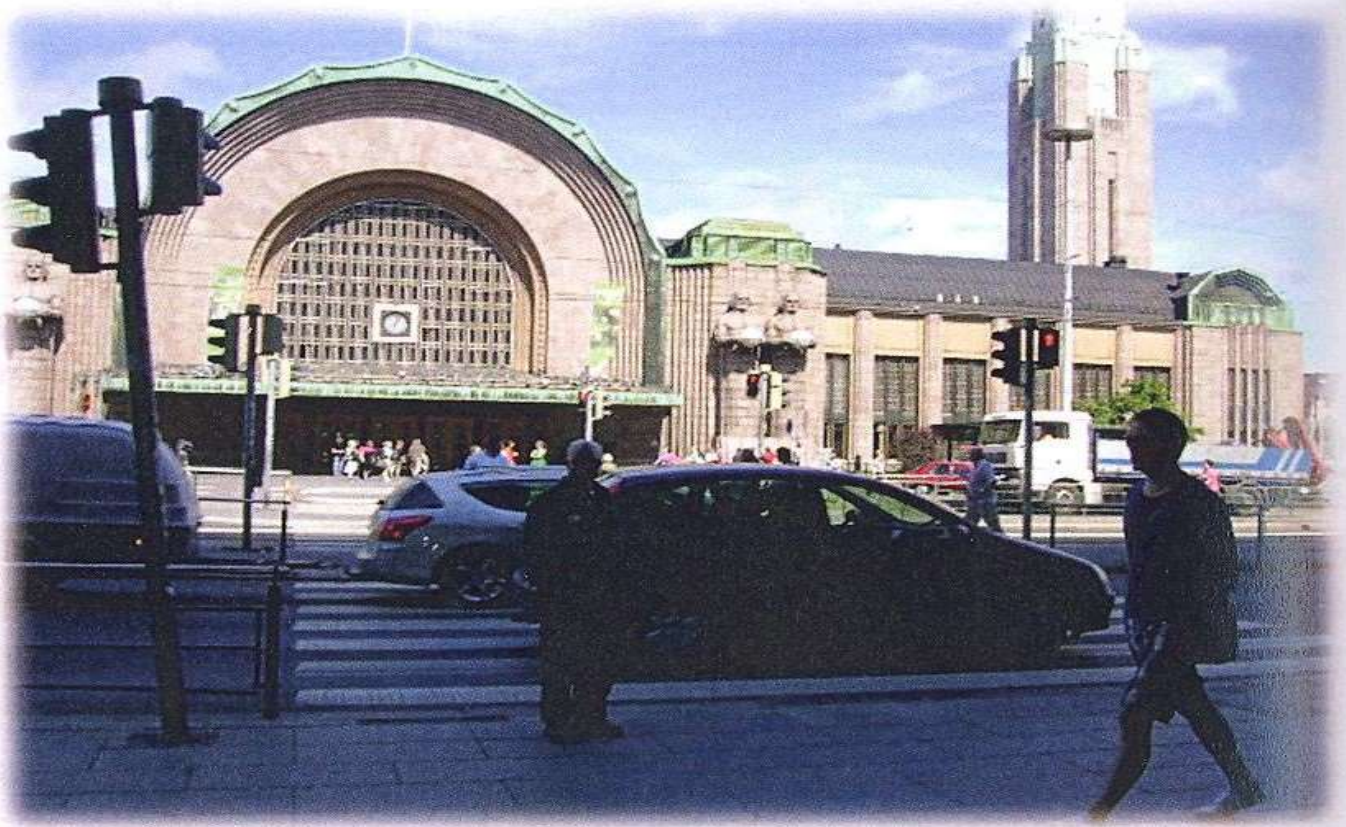


Aspecto da assistência nas bancadas do estádio

Regressei a Tallinn cabisbaixo, pois o que havia acontecido suscitou em mim uma fortíssima revolta interior e sentia-me algo nervoso porque o que tinha acabado de presenciar ficou muito aquém das expectativas. Foi deveras humilhante para Portugal. Cheguei ao hotel, rondavam as 22:00 horas mas ainda havia sol, pois nesta altura do ano o dia solar é muito mais longo que a noite. Antes de me deitar ainda tive o ensejo de cavaquear com uma cidadã estoniana sobre diversos temas e fui para o quarto às 23:00 horas. Deitei-me e dormi profundamente até às 6:00 horas da manhã. Despachei-me o mais urgentemente possível e saí com destino à estação Rodoviária de Tallinn.

6º Dia

Havia acertado com a Maaria encontrarmo-nos na estação rodoviária de Tallinn, para apanharmos o autocarro que nos levaria até ao cais de embarque, a fim de seguirmos rumo à capital da Finlândia, Helsínquia. A estação rodoviária é muito movimentada pois é uma constante haver autocarros a entrar e a sair, de e para diversas cidades de países periféricos tais como São Petersburgo, na Rússia, Riga, na Letónia, Vilnius, na Lituânia, etc., etc..



Junto à estação dos caminhos-de-ferro de Helsinquia

Às 7:00 horas, conforme tínhamos planeado, chegámos, praticamente em simultâneo, à estação. Tomámos o autocarro em direcção ao cais de embarque. Embarcámos no cais de Tallinn após termos feito o check in, que foi realizado rapidamente.

A travessia Tallinn-Helsínquia demorou sensivelmente duas horas e a viagem decorreu dentro da normalidade. Na capital da Finlândia fomos ao mercado e adquiri algumas lembranças

para levar à família e amigos, aquando do meu regresso a Portugal. Fiquei admirado pelo facto de ali se vender feijão, cereja, pêssegos, etc., ao litro, e não ao quilo.



Porto de Helsínquia



Produtos vendidos ao litro



Mercado em Helsínquia

Atendendo a que a casa da filha da Maaria ficava distante do centro da capital, apanhámos o metro que nos transportou até lá. Almoçámos e fomos para um parque a um quilómetro de distância onde havia frondosas árvores e mantivemo-nos ali um bom par de horas, desfrutando a magnífica paisagem que dali se podia contemplar. Perguntaram-me se estava interessado em ir para outro lado tendo respondido, negativamente. Regressámos a casa onde tomámos uma xícara de chá e aproveitámos para falar sobre diversos temas como, por exemplo, futebol e política.

A filha da Maaria transportou-nos no seu Mercedes Benz ao cais de embarque para regressarmos a Tallinn. Cumpridas as formalidades alfandegárias, partimos para a capital da Estónia, tendo a viagem decorrido sem quaisquer inconvenientes. Em Tallinn e uma vez que íamos passar relativamente perto do Boulevard Café, aproveitámos para beber uma cervejinha naquele magnífico local. Depois disso, o Ardo transportou-nos às nossas respectivas casas.

Levantei-me às 8:00 horas e fui até ao restaurante onde me serviram um succulento mata-bicho. Tinha de ir bem alimentado,

na medida em que ia visitar o local onde existiu uma base nuclear de submarinos e um museu ao ar livre e podia demorar. A base foi instalada na altura em que a Estónia pertencia ao bloco da U.R.S.S..



Filhos de uma família amiga, na capital da Finlândia



Boulevard Café

7º Dia.



Local onde esteve instalada uma Base Nuclear de Submarinos no tempo da União Soviética



Os meus amigos Pear e Anne estão planeando um investimento em larga escala no local onde existiu a base nuclear

Encaminhei-me para o meu café favorito e aguardei pela Anne que mediante acordo mútuo me viria buscar no seu automóvel, dentro de duas horas. Houve um atraso considerável devendo-se ao facto de aquela manhã ter sido anómala, devido ao trânsito automóvel. Partimos para a região onde há algumas décadas existiu a base de submarinos nucleares. Ali comemos algumas sandes, visitámos o local minuciosamente e no final bebemos uma garrafinha de Casal Garcia, que havíamos comprado num supermercado da capital. No retorno a Tallinn aproveitámos para visitar um museu ao ar livre.



Museu ao ar livre

Acabado de chegar a Tallinn e antes de me deitar, ainda fui ao meu bar predilecto beber uma cerveja estoniana, que na minha opinião é de excelente qualidade.

8º Dia

Logo que terminei o pequeno-almoço encaminhei-me para o Boulevard Café. O céu estava muito nublado, a temperatura

rondava os 15 graus positivos e havia começado a chover. Muitos passeios na capital da Estónia não são apenas para transeuntes mas também para ciclistas. Aconteceu quase ter sido colhido por um ciclista que me ultrapassou a uma velocidade nada aconselhável. Havia assentado com a Maaria, através do telemóvel, que nos encontraríamos no meu café preferido. Aquando da minha chegada, notei que havia cerca de 100 pessoas no café, mas o barulho era relativamente pouco, contrastando nitidamente com a barulheira por vezes ensurdecadora, que é peculiar dos latinos. Estive a falar cerca de 10 minutos através do telemóvel com a Maaria e inadvertidamente, pude constatar que alguns utentes do bar me lançavam olhares, porventura censuráveis, por estar a falar demasiado alto. A Maaria chegou, aproximou-se de mim e apresentou-me duas amigas. Depois da apresentação uma delas chamou-me e sussurrou-me ao ouvido que gostava de me dizer algo, mas a sós.

Disse-me em tom baixo e expressando no seu olhar a sua boa disposição, que eu quase lhe ia esmagando a mão, quando a cumprimentei. Como se calcula foi apenas brincadeira da sua parte, evidentemente. Tendo a total concordância de todas, mandei vir algumas bebidas e paguei integralmente tudo o que eu havia pedido.

Fomos visitar o Boulevard Olimpia Hotel e demos um longo passeio pela cidade. Interessei-me em ver minuciosamente como foram construídos edifícios de grande envergadura nos tempos da União Soviética e fiquei com a firme ideia de que os construtores portugueses eram, nessa altura, manifestamente superiores.

No meu entender, no que respeita à construção civil, somos dos melhores a nível mundial. Por vezes nós, portugueses, elevamos a fasquia num sentido demasiado alto enaltecendo desmesuradamente tudo o que se faz no estrangeiro, em completo atropelo com aquilo que nós somos capazes de realizar e muito melhor. Não nos podemos sentir diminuídos em nada perante o que se faz lá fora, porquanto somos, não direi os melhores do mundo, mas somos inquestionavelmente dos

melhores em todos os domínios a nível mundial. Entrementes fomos surpreendidos por uma forte chuvada e não tínhamos onde nos refugiar. Ficámos totalmente encharcados até aos ossos o que nos forçou a interromper o passeio e a regressar às nossas casas mais cedo do que havíamos previsto. Depois deste incidente de carácter metereológico a vontade em prosseguir o passeio dissipou-se e optámos por permanecer nos nossos apartamentos. Por isso deitei-me e dormi profundamente até às 8.00 horas da manhã.



Edifício construído no tempo da União Soviética

9º Dia

Acordei às 6:45 horas, hora da Estónia, 8:45 hora portuguesa e comecei a ponderar nas saudades que iria sentir, logo que deixasse a Estónia, devido às amizades contraídas e que iriam ter preponderante importância na minha vida. As relações que mantive com todos foram sempre de âmbito extremamente cordial e respeito mútuo. Enquanto estava refletindo relativa-

mente a este tema, toca o telemóvel e reconheço que é o número da Maaria. Ligou-me a informar que naquele dia não podia comparecer devido a encontrar-se febril e com dores de cabeça. Obviamente os planos que havíamos programado foram radicalmente alterados. Os planos programados consistiam em irmos a Tartu, visitar a Universidade que é uma das mais velhas da Europa. Esse plano abortou devido às dores de cabeça e febre que a Maaria sentiu. Devido ao imprevisto e perante a impossibilidade de não poder ir visitar tão importante estabelecimento de ensino, optei por ir sozinho até à cidade velha admirar a sua beleza incomparável. Andei vagabundeando aproveitando para falar com turistas que são muitos naquela época do ano e não desperdicei o ensejo para comprar algumas lembranças para presentear os meus amigos em Portugal.



Deambulando pela cidade

Já de regresso ao meu café favorito e quando subia a Avenida Livalaia, tocou novamente o telemóvel. Era a Anne a convidar-me para um piquenique e informando-me que estariam nessa festa algumas amigas suas, que teriam manifestado vontade em me conhecer. Aceitei imediatamente

esse convite, sem quaisquer comentários. Ficou acordado que me viria buscar ao Boulevard Café. Por conseguinte, fui até àquele importante espaço e aguardei ali conversando com as funcionárias pacientemente até que Anne me viesse buscar. Assim aconteceu, uma hora depois. Porém, antes disso, ocorreu-me telefonar para Portugal para as minhas filhas, dando-lhes conta das minhas andanças pelas terras daquele país báltico. Um grupo de pessoas olhou para mim inexplicavelmente, com aspecto de ficarem surpreendidos, não sei por que motivo. Seria que estava a falar alto? Não cheguei a descortinar o motivo. E também encontrei inoportuno questionar os motivos.

Entretanto recebo uma chamada da Anne, informando-me que não iria comparecer à hora estipulada, devido ao tráfego automóvel intenso que se verificava àquela hora, nas principais artérias de Tallinn. Esta cidade tem cerca de 400.000 habitantes e o tráfego automóvel é bastante intenso sobretudo nas horas de ponta; exceptuando esse período o trânsito é normalíssimo.



Em conversa amena com vendedeiras

Disse-me ainda que não comesse o que fosse, porque o picnic que estaria a ser minuciosamente preparado em minha honra seria algo de surpreendente e que não seria nada aconselhável limitar-me a ver comer. Tinha que comer como todos os presentes. Anne conduziu-me a um local paradisíaco onde foi servido um requintado picnic e actuou um cantor estoniano cuja performance foi admirável para gáudio de todos. Dançámos animadamente durante a fausta merenda e bebemos bebidas alcoólicas, porventura mais do que é aconselhável mas sem beliscar minimamente a minha sobriedade. Transportaram-me ao hotel por volta da meia-noite e felizmente sentia-me bem-disposto e totalmente sóbrio. A propósito de sóbriedade tenho de tecer mais alguns comentários. A sobriedade é fundamental e devemos ter sempre em atenção as sábias palavras de Hermann Melville *“Prefiro embarcar com um animal sóbrio do que com alguém civilizado e bêbado”*, ou de Alfred Musset *“Saboreiem do amor tudo o que um homem sóbrio saboreia do vinho”*. Sempre que bebam bebidas alcoólicas reflitam nas palavras dessas duas importantes personagens. Finalmente transportaram-me ao hotel, por volta da meia-noite.

10º Dia



Num jardim público em Tallinn

Eram 6:00 horas da manhã quando me levantei, atendendo a que tinha encontro marcado com a Maaria às 8:00 horas, junto à Assembleia da República. Do hotel até lá demora-se, pelo menos, uma hora a pé. Havia sido convidado a participar num concurso de culinária cujo evento teria lugar em Tallinn, num jardim público.

O concurso consistia em cozinhar 1 kg de carne ou peixe. Já havia decidido o que iria confeccionar, seria peixe. Iria cozinhar uma caldeirada de peixe. Já estava tudo preparado para o concurso quando subitamente se abateu sobre Tallinn uma tromba de água que não permitiu que o evento se viesse a realizar. Fiquei deveras desiludido pois já tinha tudo pensado e, no meu fraco entender, iria ter um bom resultado. Todavia, essa expectativa em ficar nos lugares do pódio, quiçá conquistando a medalha de ouro, desmoronou-se como um baralho de cartas devido às condições atmosféricas adversas para a realização do concurso. Ficou assente que a realização do certame teria lugar passados quinze dias. A minha amiga sugeriu-me para irmos a Riga, capital da Letónia, que dista de Tallinn 250 Km. A estrada de Tallinn a Riga é praticamente uma recta.



Estrada Tallinn-Riga

Não é auto-estrada, mas tem um piso excelente. Podemos verificar a verdura, quer do lado direito quer do esquerdo. Quanto a fogos na época de Verão é de longe menos preocupante, comparativamente com o que se passa em Portugal. Há uma justificação plausível. Enquanto as temperaturas em Portugal, no Verão, atingem valores na ordem de 35 a 40 graus centígrados, na Estónia e Letónia ficam muito àquem desses valores, daí haver mais humidade no solo. Tendo isso em linha de conta os incêndios, que são uma enorme praga em Portugal, ali praticamente não existem. Porém a moeda da Letónia não é o euro, como acontece na Estónia, e talvez tendo isso em consideração deu para verificar que efectivamente tudo, ou quase tudo, era mais barato do que na Estónia. O lats, moeda nacional da Letónia, já nesta altura estava prevista ser extinta para dar lugar ao Euro.



Camara Municipal de Riga

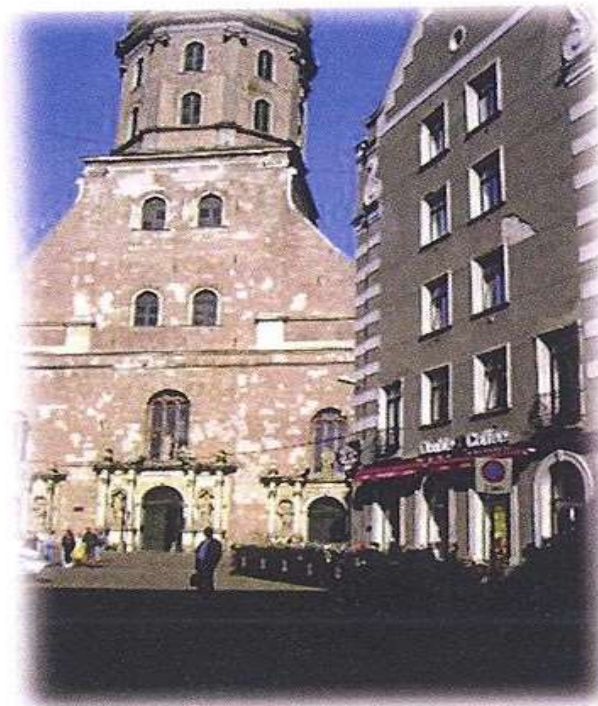
A fundamentar esta ideia registo, ter comido um rico prato de arroz de camarão por dois euros. No que diz respeito aos combustíveis também os preços são mais acessíveis, na Letónia. Visitei Riga, parte velha da cidade e fiquei surpreendido, positivamente, com o que me foi dado observar.

A cidade velha de Riga é considerada Patrimônio Mundial da U.N.E.S.C.O. (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) a Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura. E com inteira justificação.



*Capital
da Letónia*

É um local aprazível para passear, absorver a atmosfera, apreciar a majestosa arquitectura e aprazíveis praças. Há imensas torres de igrejas, catedrais e outras maravilhas arquitectónicas. Algumas delas incluem o Saint Peter Church que é uma igreja que se destaca pela sua altura e que foi originalmente construída em 1209.



*Igreja de
São Pedro,
em Riga*



A vista do alto da torre dá excelentes vistas de Riga



Casa do Gato Preto. A casa do gato preto tem algo de interessante que deve ser explicado detalhadamente

O proprietário do imóvel era um abastado homem de negócios letão e adquiriu a obra artística depois da sua pretensão em fazer parte integrante da confederação do comércio (situada do lado oposto da rua) ter sido liminarmente rejeitada. Considerando uma provocação à confederação comercial os seus representantes accionaram uma queixa em

tribunal exigindo que o animal fosse colocado numa posição não tão insultuosa. Ganharam a questão e o gato foi colocado consoante se pode ver até aos dias de hoje.

Outros destaques de toda a parte antiga da cidade são a Casa dos Cravos, Câmara Municipal e o Castelo de Riga.

Regressámos a Tallinn tendo a viagem decorrido sem problemas.



Ponte construída no tempo da União Soviética

11º Dia

Não sabia exactamente para que hora estava marcada a final de futebol na categoria sub-18, a disputar em Tallinn. Este jogo para mim era imperdível tendo em consideração o valor extraordinário das equipas que se iam defrontar. Telefonei à Anne e informou-me que o desafio disputar-se-ia às 20:00 horas. Decidi ir até ao Boulevard Café, com a intenção de me inteirar pormenorizadamente com tudo o que tivesse que ver com o importante encontro. A chuva persistia em cair, havendo períodos em que caía fortemente. No café e em amena cavaqueira com alguns estonianos e quando já havia decidido deslocar-me ao estádio para presenciar o encontro, eis que recebo um telefonema de uma das minhas amigas avisando-

me que quando o encontro terminasse não haveria transportes públicos, exceptuando táxis e que estes eram demasiado caros.



Táxi em Tallinn

Por consequência, aconselhou-me a não ir ao estádio e após breve reflexão segui o seu conselho e fui para o hotel, começando a preparar a bagagem, pois no dia seguinte partiria para Portugal.

12º Dia

Tive almoço superabundante. As minhas amigas esmeraram-se e serviram-me um almoço excelente no meu restaurante favorito, que é o Boulevard Café. Conversámos animadamente das 14.00 horas até às 16.00 horas e comemos uma refeição fabulosa. O tema da nossa conversa incidiu mais na temática futebolística se bem que tivéssemos abordado outros temas. Às 16.00 horas transportaram-me ao aeroporto de Tallinn, para regressar a Portugal. As formalidades no Aeroporto de Tallinn são as mesmas de qualquer aeroporto internacional. Apanhei o avião para Lisboa, via Frankfurt. A viagem Tallinn-Lisboa decorreu sem qualquer anomalia.

Os momentos inesquecíveis que passei na Estónia fazem com que pense neles diariamente, o que forçosamente me levará a visitar de novo e a breve trecho aquele país báltico.

Alemanha

Ultimamente visitei diversas capitais europeias, nomeadamente Berlim, Londres, Atenas, Paris e Madrid.

Quem for a Berlim tem obrigatoriamente de fazer uma visita à torre de televisão, com os seus 369 metros de altura. Da altura de 204 metros poderá através do seu olhar abranger quarenta e cinco quilómetros, em dias claros. Esta gigantesca obra de engenharia foi levada a cabo entre 1965 e 1969 pela então denominada República Democrática Alemã. A torre é facilmente visível de todo o centro da cidade, e perpetua-se como um símbolo deveras importante para a capital da Alemanha.



*Junto ao
Muro de
Berlim*



*Torre
Berlim
à noite*

*This is to certify that
Simões.- Carlos Alberto
visited The Guards
Museum, Wellington
Barracks, London
on 13th August 2005
and became a
Guardsman
for the day*



Museu da Guarda em Londres

Por que não ir a Londres e vaguear pelas ruas, visitando museus, estações de metro e exercitar o seu inglês? É uma sugestão que merece ser cuidadosamente ponderada. Tenha sempre nos seus pensamentos que o inglês é falado em todos os cantos do mundo. Uma viagem de metro é extremamente fácil, pois a sua sinalização é simplicíssima. O metro de Londres tem sensivelmente 400 quilómetros de extensão. Mesmo assim, não é difícil viajar nesse meio de transporte pois todo o seu planeamento foi executado por verdadeiros profissionais.

London Underground também designado é um sistema de metropolitano que serve grande parte de Londres e as suas áreas vizinhas de Essex, Hertfordshire e Buckinghamshire, constituindo o mais antigo e extenso metro do mundo.

Em Londres não deixe de visitar o Museu de Cera onde se encontram representados os que mais se distinguiram na política, teatro, desporto, música, etc.. Como não podia deixar de ser, temos lá um grande português que se tem notabilizado no campo desportivo como treinador que é José Mourinho.

Suba também à London Eye e desfrute da magnífica vista da cidade.



*London
Victoria
Station*



*O meu
neto
Carlos,
junto ao
Parlament
o Inglês*

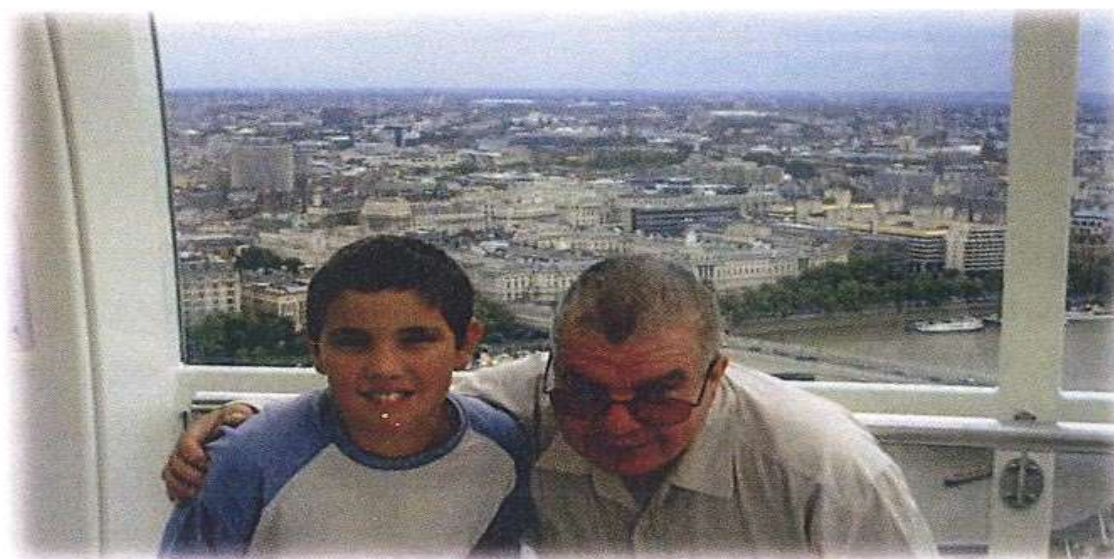
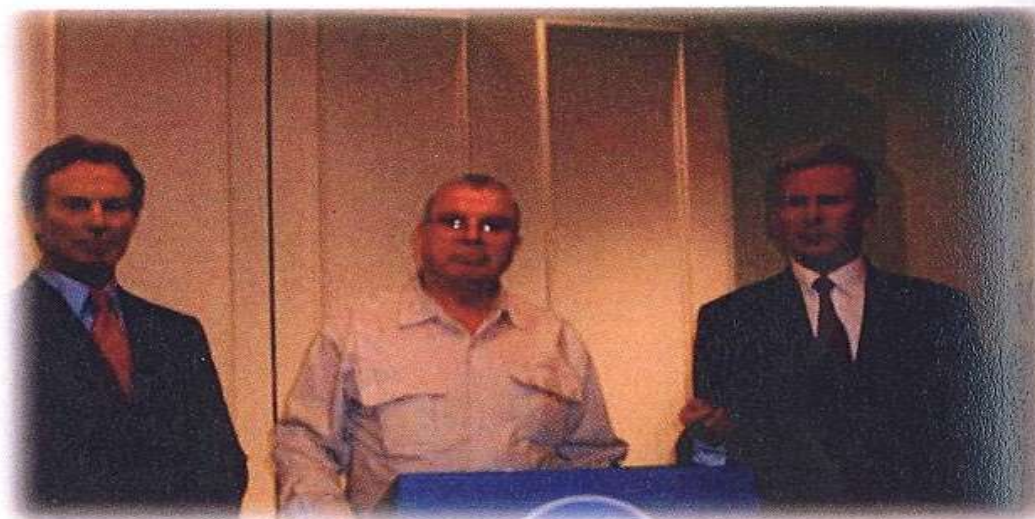
Dê um pulo e visite o Museu Britânico. Este museu foi fundado em 1753. Abriga mais de sete milhões de objectos de todos os continentes, ilustrando e documentando a história da cultura humana, desde os seus primórdios até ao presente. Um dia que possa visitar este museu aprecie com a calma que se impõe pois são milhões de peças que terá à sua disposição

para admirar e tenha em consideração, isto é um dado fundamental, que é inteiramente grátis, exceptuando nos casos de algumas exposições especiais de carácter temporário.



*Em
Trafalgar
Square*

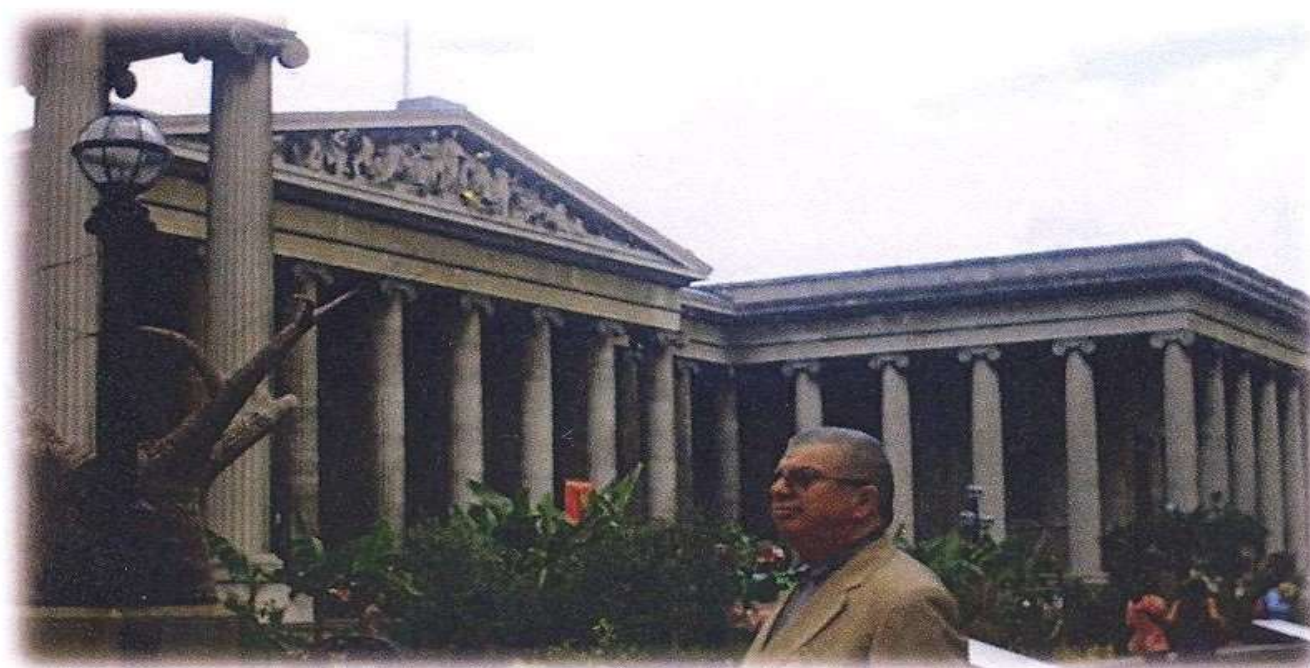
*No meio de
George W. Bush e
Toni Blair*



*Na torre
London Eye,
com o meu
neto Carlos*



Típico táxi londrino



Junto ao Museu Britânico

Grécia

Atenas, capital da Grécia, cidade antiquíssima com os seus monumentos sempre apinhados de turistas, cidade dum simbolismo extremamente notável pois foi ali que nasceu o sistema democrático que é seguido por quase todas as nações do mundo.



Cidade de Atenas



*Partenon de
Atenas*

Uma ida à Praça Omonoia ou praça Omónia, que é uma das principais praças de Atenas, é meritória. É servida pelo metro de Atenas e tem geralmente tráfego muito intenso a todas as horas, dada a sua centralidade. Esta praça está rodeada de hotéis e muitas vezes é palco para a celebração das vitórias de carácter desportivo, como pôde ser visto após a conquista do Campeonato Europeu-Euro 2004, que se realizou em Portugal e de má memória para nós, pois perdemos na final frente aos gregos.

França

Paris, capital da França. Ir a Paris e não visitar a Torre Eiffel jamais poderá fazer parte dos seus planos. Tornar-se-á uma imperdível oportunidade ir a França e não visitar a Torre Eiffel, construída em 1889.



Torre Eiffel

Foi planificada inicialmente para ficar de pé por apenas 20 anos. É considerada actualmente o principal símbolo da cidade

e da França. A torre, de 324 metros de altura, é de uma importância emblemática indiscutível, em toda a França.

Espanha

Faça uma visita a Madrid e proceda como eu procedi, indo conhecer o Valle de Los Caídos, que em português, quer dizer Vale dos Caídos.



Uma das principais avenidas de Madrid

É um memorial franquista monumental e a Basílica foi erguida entre 1940 e 1958. Situa-se a cerca de quarenta quilómetros de Madrid, no município de San Lorenzo de El Escorial. Foi mandado construir em memória dos nacionalistas, mortos na guerra civil espanhola de 1936-1939. Foi mandado erguer pelo ditador espanhol Francisco Franco que, apesar de não ser uma vítima da guerra civil, também está enterrado no Vale, juntamente com outros 33.872 combatentes nacionalistas. Inclui uma basílica escavada dentro da rocha na qual estão sepultados os mortos de ambos os lados que se enfrentaram

na citada guerra. No mesmo complexo há uma biblioteca. Foi a visita que mais me marcou em Espanha. É espantoso.



Vale dos Caídos

Egipto

Uma ida à capital do Egipto, Cairo, e não visitar as pirâmides é o mesmo que ir a Itália e não visitar o Vaticano.

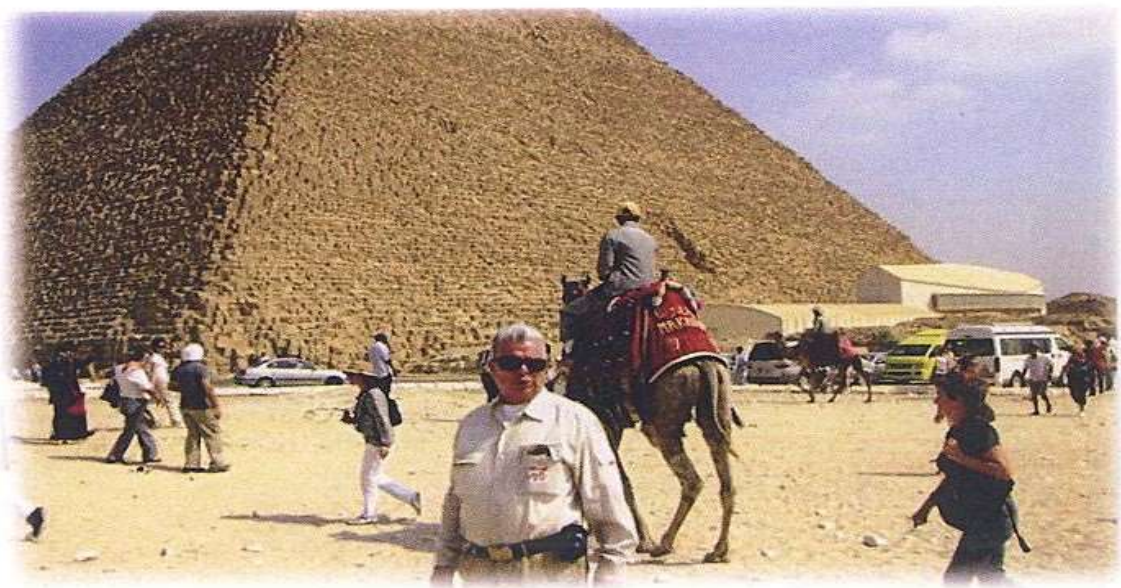


Cidade do Cairo

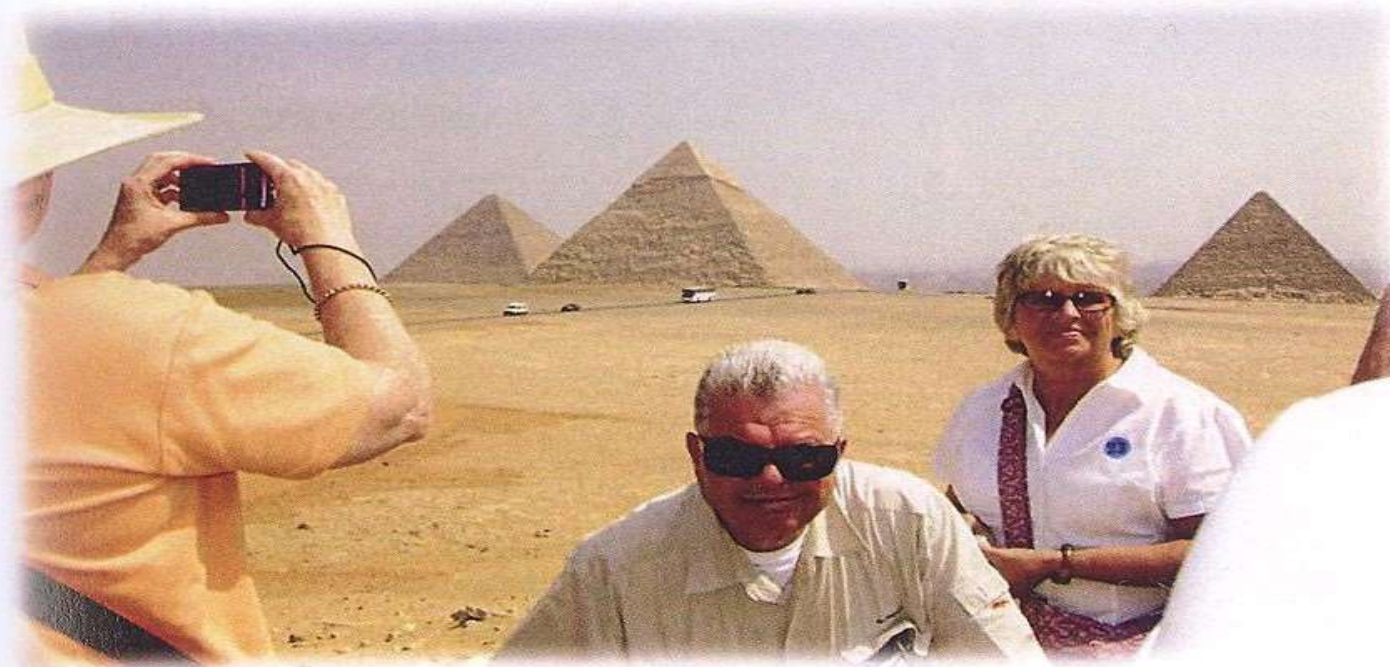


Port Said-Egipto

As pirâmides do Egito são magníficos monumentos construídos em alvenaria, no Antigo Egito. Como o nome indica, são formadas por uma base quadrada de quatro faces triangulares, que convergem para um vértice. As três mais famosas pirâmides estão localizadas no planalto de Gizé, na margem esquerda do rio Nilo, próximo do Cairo. Fiquei perplexo quando me encontrei defronte de tão importantes construções que remontam já há alguns milhares de anos.

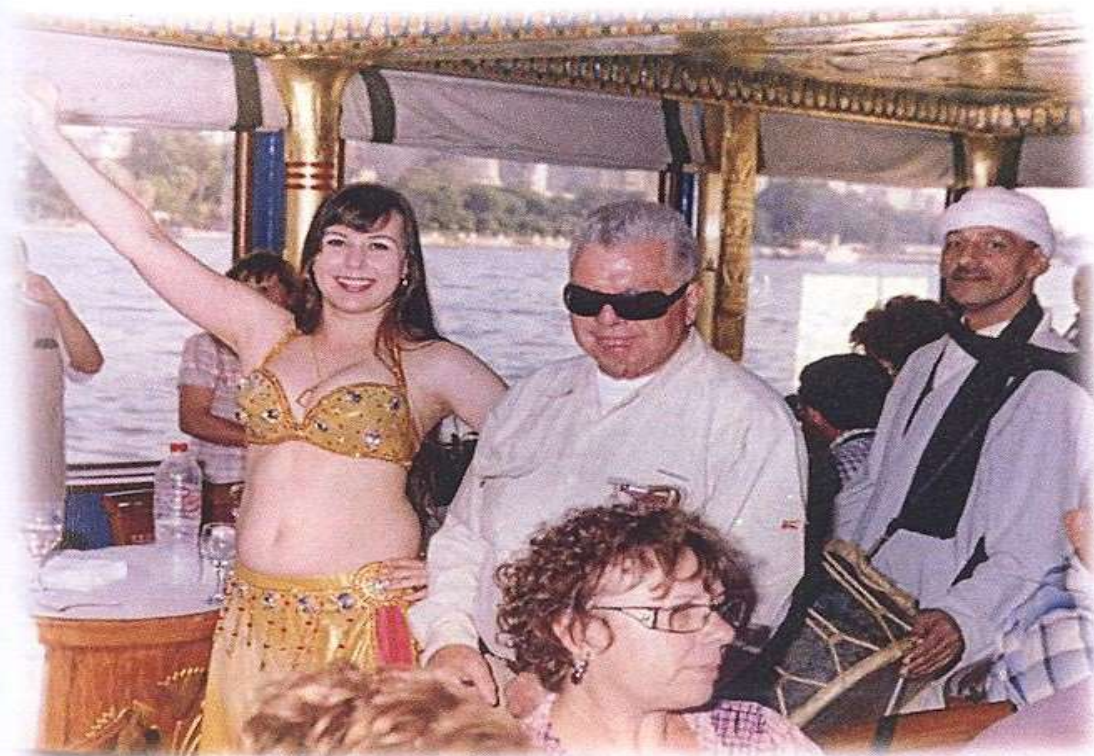


Junto às pirâmides



Visita às pirâmides

Uma viagem ao rio Nilo, que é o maior do mundo, é algo que irá perdurar para sempre na sua memória. Uma viagem num ferry-boat, que é uma réplica dos antigos barcos usados pelos faraós, acompanhada de uma dança de ventre executada por artistas de alto gabarito, como tive ensejo de presenciar, é algo que irá permanecer na minha mente eternamente.



Com uma extraordinária bailarina da dança do ventre



No rio Nilo

“A nação egípcia é uma dádiva do Nilo” disse o célebre historiador Heródoto e com razão. A civilização daquele país africano, de clima desértico, só foi possível por causa do famoso rio. As suas cheias anuais cobrem boa parte da terra de ambos os lados, fertilizando-a e tornando-a própria para a agricultura. Quando as águas voltam ao leito normal deixam muita matéria orgânica que aduba naturalmente o solo. Com toda a naturalidade a população instalou-se nessa área privilegiada.



Foz do Rio Nilo, no Cairo

Turquia

Istambul, grandiosa cidade turca.



Istambul

A sua população supera em muito a de Portugal. Indo a Istambul, forçosamente tem de visitar o grande bazar, também conhecido por Bazar Coberto, ou Mercado Coberto, que é provavelmente o maior e um dos mais antigos do mundo. Está situado no bairro histórico de Eminom, distrito de Fatih, na própria cidade. Abriu portas no já longínquo ano de 1461. É muito conhecido, sobretudo pela joalheria, cerâmica, especiarias e tapetes. Possui mais de sessenta ruas cobertas, ultrapassando as 4.000 lojas. É frequentado diariamente por 300.000 a 400.000 pessoas. Calcula-se que cerca de 20.000 pessoas exerçam ali a sua actividade.

Uma vez que visita Istambul, não deixe de visitar a capital turca, que é Ancara, atravessando Istambul da parte Europeia para a Asiática, através da ponte do Bósforo, no estreito do mesmo nome. Esta ponte é extremamente parecida com a Ponte 25 de Abril, em Lisboa.



Vestido de Emir



Ponte sobre o Bósforo, que liga a Ásia à Europa

De novo em Israel

Como referi, trabalhei em Israel numa Companhia Americana e desloquei-me inúmeras vezes às cidades mais importantes daquele país, como por exemplo Telavive, Jerusalém, Jerico, Nazaré, etc.. Entretanto, também já regresssei a este país. As visitas que se seguem dizem respeito aos dois momentos em que ali estive.



Nazaré (Israel)

Obviamente tinha de visitar o Mar Morto, que se encontra a mais de 400 metros abaixo do nível médio das águas do mar. Chama-se Mar Morto devido à escassez de vida, que resulta da grande quantidade de sal das suas águas, dez vezes superior à dos demais oceanos.

Qualquer peixe que seja transportado pelo rio Jordão morre imediatamente logo que entre neste mar de água salgada, que na realidade é um grande lago, pois não liga com nenhum oceano aberto. Em termos de concentração e em comparação com a concentração média dos restantes oceanos, em que o teor de sal por 100 ml de água não passa dos 3 g, no Mar Morto essa densidade é de 30 g por 100 ml. Tendo em

consideração a sua alta densidade, mesmo que não saiba nadar poderá ler um jornal, pois não se afundará!



Mar Morto

Desloquei-me diversas vezes à cidade velha de Jerusalém, na qual se situa o Muro da Lamentações, símbolo máximo do Judaísmo, o Santo Sepulcro, principal monumento dos católicos e a mesquita de Al Aqsa, local de grande simbolismo para os muçulmanos. Estes são locais que qualquer pessoa deverá visitar com toda a tranquilidade, independentemente da sua religião.

Em Israel as modalidades desportivas mais preponderantes são o basquetebol e o futebol. Portugal jogou, no início da década de oitenta do século passado, com Israel, tendo sido copiosamente derrotado por 4x1. Foi uma frustração, atendendo a que todo o mundo que estava ligado ao futebol dava como altamente favorito Portugal e isto não veio a acontecer. Inclusive, os comentadores desportivos israelitas diziam que Portugal era muitíssimo mais forte e que não tinham quaisquer hipóteses de vencer o encontro. Havia grande expectativa em seu redor. Em Portugal e todos os Portugueses,

não só os que residiam em Portugal mas todos aqueles que se encontravam disseminados pelos quatro cantos do mundo, estavam piamente convictos de que a nossa turma venceria a partida. Uma vez que trabalhava em Israel e sendo o local de trabalho relativamente próximo fui ver o jogo. Entrei no estádio duas horas antes. Este estádio de futebol, denominado Ramat Gan, é o maior do país. Está provido com aproximadamente 42.000 lugares. Após o desafio a montanha havia parido um rato. Fomos cilindrados, a nossa exibição foi de uma enorme mediocridade e houve um vencedor justo, devido ao seu apego à luta e à sua vontade férrea em triunfar.



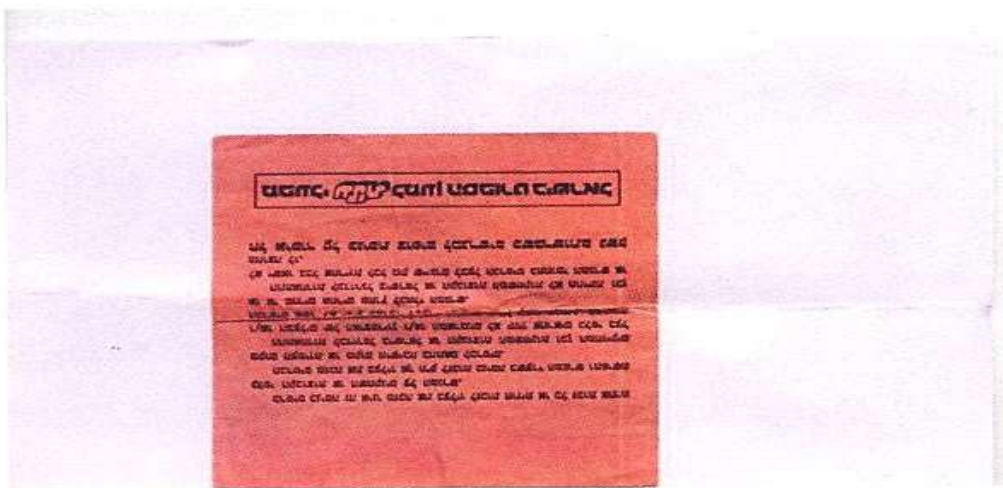
Muro das Lamentações



*Santo
Sepulcro*



Cúpula da Rocha (Jerusalém)



Bilhete Israel vs Portugal em 1981



Foi um jogo em que fomos totalmente aniquilados pela selecção de um país cuja modalidade futebolística nem era a que estava em primeiro lugar. Em Portugal o futebol era, e é, o desporto-rei, mas em Israel era o basquetebol. Nos primeiros 15 minutos de jogo deu para ver sem qualquer esforço que a equipa portuguesa se encontrava desgarrada; o entendimento entre os seus sectores era uma pura miragem e perante tão patente lacuna o desfecho final não augurava nada de positivo para Portugal. Ao invés, a sua congénere israelita demonstrava uma apurada técnica, uma força visível e uma táctica irrepreensível. O jogo terminou como havia começado, isto é, sempre com uma notória superioridade evidenciada pela equipa judaica. Os jornais israelitas da área desportiva deram eco bem expressivo e em letras garrafais do bónus que os jogadores portugueses receberiam caso saíssem vitoriosos. Em contrapartida, os jogadores israelitas também receberam algo como prémio pela vitória obtida. Em caso de vitória o prémio que seria concedido aos portugueses era altíssimo. O bónus dos israelitas comparativamente aos portugueses era única e simplesmente residual!

Por terras portuguesas

Há um cartaz publicitário que nos recomenda, *“vá para fora cá dentro”*.

Seguindo esta simpatiquíssima sugestão também já percorri Portugal, designadamente as duas cidades mais importantes, Lisboa e Porto.

Estas duas cidades não se podem excluir das que se encontram no topo das mais importantes, quer a nível europeu, quer mundial. É importante conhecer outros países, sobretudo aqueles onde as culturas sejam diferentes das de Portugal, para termos uma ideia das diferenças, mas prioritariamente temos, como que por obrigatoriedade, de conhecer a nossa pátria. São dignas de serem visitadas as grandes cidades portuguesas de Lisboa e Porto que figuram num lugar de

proeminência no agrupamento das cidades mais importantes do mundo.

Lisboa com a sua majestosa Avenida da Liberdade, que tem 90 metros de largura e 1100 de comprimento, é algo de admirável, sob todos os aspectos.

Lisboa, a capital

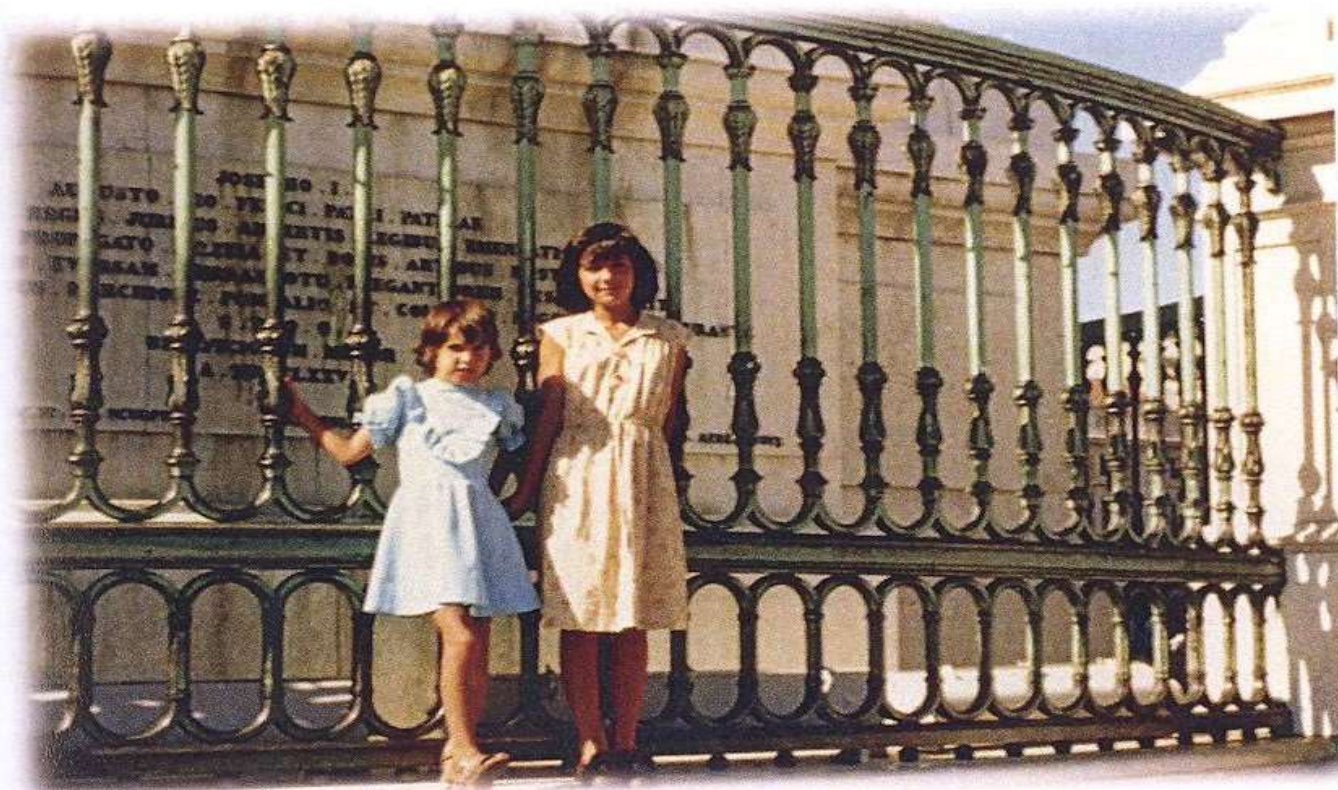


Avenida da Liberdade

A Praça do Comércio, ou Terreiro do Paço, é umas das maiores e mais belas praças da Europa.

Foi nesta praça que foram assassinados, em 9 de Fevereiro de 1908, D. Carlos, rei de Portugal e o seu filho Luís Filipe, quando ali passavam no seu coche. Esse coche poderá ser visto no Museu dos Coches, que está localizado perto do Palácio Cor de Rosa, ou Palácio do Presidente da República em Lisboa. Uma visita feita calmamente ao Museu dos Coches enchê-lo-á de contentamento, porquanto ser-lhe-á dada a possibilidade de consultar um autêntico livro aberto sobre a história portuguesa daquela época. Inúmeros coches,

armamento diverso, fardamento extremamente variado, estão ali expostos e descrever-lhe-ão, com muita clareza, o que foi a acção dos portugueses numa época de verdadeiro esplendor para a nossa nação.



As minhas filhas, junto à estátua de D. José, no Terreiro do Paço.



Placa assinalando o assassinato de D. Carlos e do Principe D. Luís Filipe

Mesmo que não tenha grande apetência para a história portuguesa, o tempo que perder visitando este museu seguramente não será dado como tempo perdido. A exposição de todo o material está organizada de uma maneira simples e portanto completamente acessível a qualquer pessoa, independentemente do seu nível académico. Por outro lado, se o seu interesse sobre a história de Portugal for o período republicano, visite o Museu da Presidência da República onde os seus conhecimentos relacionados com a República melhorarão seguramente.



Coche onde viajava o Rei D. Carlos e o Príncipe D. Luís Filipe quando foram assassinados

O Rossio e a Praça da Figueira são considerados os locais mais importantes da cidade de Lisboa. Esta zona é, incontestavelmente a parte da cidade mais movimentada da cidade.

O cidadão anónimo passa por estas praças inúmeras vezes e nem sempre se apercebe da beleza que o rodeia. O Rossio e a Praça da Figueira foram sujeitas a obras há relativamente pouco tempo mas não houve qualquer descaracterização na sua originalidade, o que se deve realçar.

Por consequência, Lisboa possui, não diria apenas dois corações importantes, mas vários corações disseminados por toda ela, mas sem qualquer dúvida os do Rossio e da Praça da Figueira são os mais importantes. Todavia, não é meu objectivo menosprezar os restantes.



Rossio

Inquestionavelmente estes são os pontos mais proeminentes da capital portuguesa. Considerando que da Praça do Comércio as ruas da Madalena, Fanqueiros, Prata e Ouro ligam estes locais de Lisboa no sentido ascendente e tendo em conta que no sentido descendente todo o trânsito proveniente das avenidas dos Aliados e Almirante Reis aflui ali, estes locais são bem adjectivados de famosos. Está em consonância com o movimento desusado, quer de pessoas, quer tráfego automóvel, próprio de uma grande cidade como é Lisboa. Uma vez que faço menção ao trânsito automóvel, devo dizer que naquela área o trânsito flui com relativa facilidade e os engarramentos se verificam esporadicamente, embora em tempos recuados não tenha sido assim.

Estes espaços são calcorreados por milhares e milhares de portugueses e turistas provenientes dos mais diversos cantos

do mundo. Para alegrar, designadamente os mais pequenos, há imensos pombos que tornam aqueles lugares deveras fascinantes.



Teatro D. Maria II

O quotidiano reveste-se de uma tipicidade ímpar; ali se ouvem ainda os pregões que só os alfacinhas sabem fazer, à lotaria, às flores, às castanhas e uma diversidade de produtos, sobretudo alimentares. Não muito longe destes locais pode deslocar-se até ao Chiado pois é uma visita a ter em conta e verifique que depois do violento incêndio que eclodiu, já lá vão bons anos, não encontrará agora qualquer vestígio. Detenha-se junto da magnífica estátua de D. Pedro IV que na sua base tem quatro figuras femininas que querem dizer Justiça, Sabedoria, Força e Temperança, dotes atribuídos a este rei. Na Praça da Figueira encontra-se a estátua equestre de D. João I, ali colocada em 1971 e cujo autor foi Leopoldo de Almeida.



Estátua de D. Pedro, no Rossio

Uma vez que vai à Praça do Rossio, ou à Praça da Figueira, dê um pulinho e contemple a igreja de São Domingos, pois fica a escassos cem metros; veja detalhadamente e não se arrependerá do tempo que desperdiçou, defronte a um pequeno memorial relacionado com a Inquisição.

As mortes na fogueira, as perseguições impiedosas, as torturas cometidas no supremo nome da Fé, transformaram a Inquisição num dos mais negros períodos históricos, assinalado

nos manuais com milhares de vítimas, na maior parte dos casos mortas na fogueira em nome da Fé e da Igreja.



Praça da Figueira



Memorial das vítimas da Inquisição

Em Portugal a Inquisição começou a funcionar em 1536, em Évora, onde a corte residia, e marcou o império durante quase três séculos. Perseguições, torturas e outros actos do género, foram a verdadeira dimensão dos horrores do Santo Ofício.

Porto, a cidade Invicta

Temos a segunda cidade de Portugal, a escassos 200km de distância da minha terra natal; sendo as estradas modernas e funcionais mas infelizmente ainda há muita gente destas paragens que não conhece minimamente o Porto.



Avenida da Liberdade, no Porto

A cidade do Porto, conhecida por Cidade Invicta. E por que razão?

O Porto teve um papel preponderante na defesa dos ideais do liberalismo, nas batalhas do século XIX. Aliás, a coragem com que suportou o cerco das tropas miguelistas durante a

guerra civil de 1832-1834 e os feitos heróicos, cometidos pelos seus habitantes, o famoso cêrco do Porto, trouxeram-lhe mesmo a atribuição, pela Rainha D. Maria do título, único, entre todas as cidades de Portugal, de invencibilidade. Daí, Cidade Invicta.



Cidade do Porto

Evidencia-se no Porto o mercado do Bolhão, que é um símbolo arquitectónico do comércio tradicional, onde se encontram as famosas vendedeiras, que são uma das mais poeminentes características da cidade.

Se vai ao Porto terá de ser feita forçosamente uma visita à Torre dos Clérigos.

É considerada o ex-líbris da cidade. Tem seis andares e 75 metros de altura, que sobem por uma escada em espiral com 240 degraus. Era nessa época o edifício mais alto de Portugal.

Tem motivos mais do que suficientes para ir até ao Porto e conhecer para além dos já narrados, o valor a nível nacional e internacional do vinho do Porto.



Torre dos Clérigos



Porto, Rio Douro e Vila Nova de Gaia

Não obstante a produção de uvas se fazer nas encostas do Douro, muito para lá da cidade, a armazenagem do vinho, sobretudo nas caves de Vila Nova de Gaia, fez com que o vinho ficasse conhecido por “Vinho do Porto”, a partir da segunda metade do século XVII, por ser exportado para todo o mundo, a partir desta cidade. Vila Nova de Gaia é, por isso, o local com maior concentração de álcool, por metro quadrado, do mundo!

Coimbra, a cidade estudante

Seria falta de solidariedade, em relação aos conimbricenses, não fazer alusão a Coimbra. Estive mais do que uma vez em Coimbra, fundamentalmente com o objectivo de visitar a Universidade de Coimbra e o Museu Machado de Castro.



Universidade de Coimbra

A Universidade de Coimbra é uma das mais antigas, ainda em actividade, da Europa e do mundo, e a mais antiga em Portugal. A sua história remonta ao século XIII, mais concreta-

mente ao ano de 1290. Organizada em oitos faculdades diferentes, de acordo com uma diversidade de campos de conhecimento, a Universidade oferece uma panóplia de graus académicos, em arquitectura, educação, engenharia, direito, etc. A Universidade possui aproximadamente 20.000 estudantes, abrigando uma das maiores comunidades de estudantes internacionais em Portugal, sendo inequivocamente a mais cosmopolita. Para além disso, é o membro-criador do grupo Coimbra, uma rede de universidades europeias, cujo objectivo é a colaboração académica.



Museu Machado de Castro

Visitei todas as províncias de Portugal, todas sem qualquer excepção. Fiquei admirado, porquanto Portugal é realmente belo. Fui ao Algarve, terra de turismo, terra cosmopolita por excelência e que continua ainda a ser conhecida por terra de amendoeiras e figueiras. O médico havia-me recomendado para não comer figos, mas eu não fiz caso da sua recomendação e comi imensos, com total satisfação. Havia-me dito para

não comer figos atendendo a que esse tipo de fruta é incompatível com a diabetes.



Parte IV

Em Alfândega da Fé, de onde sou natural, há montanhas a lembrar os Pirenéus com os seus vales sombrios, vejo a água dos altos montes despenhar-se nos rios.



Alfândega da Fé

Alfândega da Fé terra abençoada, onde nasci, linda vila, com gentes extremamente afáveis, honestas e trabalhadoras. Pessoas de uma terra denominada de Alfandagh, diz-se do seu nome, que parece vir dos tempos do domínio dos mouros e a que mais tarde foi adicionada a palavra Fé, pelo facto de, conta a lenda, um grupo de cavaleiros ter posto termo a um acto abominável de pura e ultrajante humilhação do *rei* Mouro que, entre outras provocações aos cristãos, impunha o tributo das donzelas, que se baseava no direito de poder dormir com as donzelas cristãs no dia do seu casamento.

Depois de ferocíssimos combates e levando em conta a sua fé inquebrantável, os cristãos de Alfandagh e de outras localidades limítrofes venceram os mouros, muito embora estes

tivessem sido em número exageradamente superior e o equipamento de combate de que dispunham ser manifestamente de melhor qualidade.



Apresentação da Lenda dos Cavaleiros das Esporas Douradas

Quando a luta já indiciava a derrota das hostes cristãs dá-se uma reviravolta miraculosa, devido à fé inabalável dos cristãos e com a ajuda milagrosa de uma senhora vestida de branco que desceu dos céus dando grande alento aos cristãos e curando os feridos com o bálsamo que trazia na mão. Desta forma, foi possível inverter radicalmente o desenrolar da batalha passando os cristãos a superiorizarem-se, o que os levou ao triunfo total. Ao nome de Nossa Senhora de Bálsamo na mão o povo simplificou-o, séculos mais tarde, para Nossa Senhora de Balsamão, ou Balsemão. Depois de tão rotundo êxito e devido à Fé incontestável dos cavaleiros de Alfandagh, esta passou a denominar-se de Alfândega da Fé.

Visitar Alfandega da Fé, sobretudo aquando da festa da cereja, é uma sugestão que deixo e faço votos que a aproveitem para saborear este delicioso fruto, cujo paladar é inconfundível.

FESTA DA CEREJA

ALFÂNDEGA DA FÉ

08 A 10, JUNHO



Dia 8, 6ª Feira



18h30 **Abertura Oficial da Festa da Cereja**

21h00 Animação de Rua | **TAFÉ**

21h30 Orquestra Ligeira de Alfândega da Fé

22h00 **Grupo Costa Verde**

01h00 Cereja Party | Performance DJ

***Experiências MapAventura |** Pelos pomares de cereja

15€ Passeio de **burro**

10€ Passeios de **bicicleta**

15€ Visitas em **viaturas TT** e apanha de cereja

7,5€ Passeios **pedestres**

*Todos os dias da **Festa da Cereja 2012**

Dia 9, Sábado



14h30 2ª Corrida de Carrinhos de Rolamentos

16h00 Lançamento do Livro Escola de Pais.nee
Celmira Macedo
Auditório Casa da Cultura

17h00 Grupo de Cantares do IPB

18h30 Grupo de Cantares de Sambade

19h30 Grupo de Cantares de Vilarchão

22h00 **Grupo Função Pública**

01h00 Cereja Party | Performance DJ

Dia 10, Domingo



09h00 Maratona e Meia Maratona BTT

14h30 **II Trial 4x4 das Cerejas**

15h00 Banda Municipal de Alfândega da Fé

16h30 Grupo Mirandanças

17h00 Concurso de Sabores com Cereja

17h30 Grupo de Cantares de Parada

18h30 Grupo de Cantares de Alfândega da Fé

22h00 **Puzzle Inacabado**

01h00 Cereja Party | Performance DJ

Cartaz da Festa da Cereja 2012



Cereja de Alfândega da Fé

Tendo em atenção essa característica a sua produção tem um futuro promissor, que irá seguramente continuar a servir de alavanca ao desenvolvimento de Alfandega da Fé e de todo o interior.

Combater a solidão

Os anos que já levo de vida colocam-me na chamada terceira idade embora, como é sabido, isso seja apenas a designação de um grupo etário, não tendo necessariamente de significar inactividade.

Entre os meus mais destacados anseios que ambiciono se venham a concretizar será erradicar, ou pelo menos atenuar, a solidão que as pessoas da terceira idade são obrigadas a suportar.

É imprescindível a convivência, comunicar-se, solidarizar-se e associar-se. A participação de todos é importantíssima. Naturalmente todos temos, como é óbvio, de reservar momentos para o silêncio, a solidão que são indispensáveis

para a reflexão, a auto-análise, ao culto da nossa vida interior que é também um complemento da nossa vida social.

Esses momentos são de extrema utilidade para cada um de nós. Porém eu faço referência à solidão que mata que destroi inexoravelmente o ser humano. Para combater essa epidemia tem que ser travada uma luta titânica, não diria para se extirpar a solidão radicalmente, porque isso jamais seria possível devido aos tentáculos nocivos deveras enraizados que possui, mas para suavizar essa circunstância que caracteriza a generalidade dos mais idosos, sobretudo aqueles que vivem sozinhos. Para se alcançarem os objectivos pretendidos é fundamental grande esforço de todos nós. Sem esse esforço jamais se atingirão resultados palpáveis.



Câmara Municipal de Alfândega da Fé

A actuação da Senhora Presidente da Câmara Municipal tem-se caracterizado numa atitude digna de realce nesta área, mediante o sólido apoio que tem vindo a dar à L.A.C.S.A.F (Liga dos Amigos de Centro de Saúde de Alfândega da Fé). Por outro lado, a L.A.C.S.A.F tem aproveitado em pleno essas

ajudas provenientes da Câmara e tem feito um trabalho altamente meritório em prol da população designadamente daquela que apresenta maior vulnerabilidade social. Tem diversas estruturas sob a sua alçada, tais como a Universidade Sénior de Alfândega da Fé, a organização Jovens de Outrora, etc..



Terceira idade

Pese embora os cortes constantes nas verbas destinadas à autarquia provenientes do Orçamento Geral do Estado, a Câmara Municipal de Alfândega da Fé, lutou e conseguiu que este magnífico espaço, o antigo Centro de Saúde, fosse uma realidade incontestável tendo como meta principal o apoio à população da terceira idade.

Cumpre-me endereçar à Senhora Presidente da Câmara, Professora Dra Berta Milheiros Nunes, os meus parabéns pelo trabalho relevante que desempenhou para que este empreendimento fosse uma realidade. Toda a temática de cariz social, nomeadamente a direccionada para as pessoas mais carenciadas, tem sido uma preocupação constante do seu trabalho como autarca, o que me apraz registar. É uma opção que vai solucionar, embora provisoriamente, situações de verdadeiro dramatismo com que se debatem algumas famílias do nosso concelho. A vertente social jamais deve ser

descurada e relativamente a essa matéria ela tem dado provas de uma preocupação ilimitada que deve ser realçada.

Por tudo o que tem vindo a fazer sobretudo em prol da população envelhecida e de maior vulnerabilidade, tendo por objectivo que a população desta faixa etária possa viver menos isoladamente, para que possa existir um clima de mais respeitabilidade e pela preocupação evidenciada na procura de meios básicos para uma melhor qualidade de vida eu dir-lhe-ia apenas, continue na luta para que a vida das pessoas desta faixa etária não seja tão ignorada. Desde já aceite o meu obrigado.

Presentemente, apenas 30% da população idosa do nosso concelho tem um envelhecimento activo. Os responsáveis estão lutando encarecidamente para que esta percentagem possa ser dilatada e quanto mais depressa melhor. Admitamos, porém, que o cenário era muito pior num passado recente. Há que salientar que as entidades associativas e oficiais, tais como a Liga dos Amigos do Centro de Saúde e a Câmara Municipal, não têm regateado esforços numa luta constante contra essa adversidade concelhia. Como corolário da luta empreendida pela Liga dos Amigos foi criada a Universidade Sénior de Alfândega da Fé, já há dois anos.

Instalada no antigo Centro de Saúde, a Universidade Sénior está direccionada sobretudo para pessoas com sessenta ou mais anos de idade e de há dois anos a esta parte oferece um leque apreciável de áreas de aprendizagem a todos os que pretendam atenuar a sua solidão e simultaneamente melhorar o seu nível intelectual.

Para comemorar a data de encerramento do ano lectivo 2012/2013 a Liga dos Amigos do Centro de Saúde de Alfândega da Fé levou a cabo um evento comemorativo que teve inúmeros pontos de notoriedade, sendo o mais destacado a entrega de diplomas a professores e alunos, cerimónia que decorreu no Auditório Dr. Manuel Faria.

Para abrilhantar o acontecimento deslocou-se a esta vila o Grupo Coral da Universidade Sénior de Espinho que interpretou diversos temas de maneira primorosa, para gáudio

da vasta assistência que se encontrava na plateia. Foi uma interpretação fenomenal.



Liga dos Amigos do Centro de Saúde de Alfândega da Fé



Casa da Cultura de Alfândega da Fé



Grupo Coral da Universidade Sénior de Espinho

Também actuou o Grupo de Cantares Jovens de Outrora, que tiveram um comportamento exemplar, recheando de júbilo a plateia.



Grupo de Cantares Jovens de Outrora

Todas estas actividades são inequívocos exemplos de que a população idosa está determinada em combater a solidão, ou pelo menos atenuá-la, tendo como meta um envelhecimento mais activo.

Existem imensos provérbios relacionados com o saber. Memorizei dois, já lá vão algumas décadas, que dizem o seguinte; *“Há três coisas que jamais voltam que são, a flecha lançada, a palavra dita e a oportunidade perdida.”* e *“Não saber é mau, mau, mau, mas não querer saber é muitíssimo pior.”*!

Por consequência tenha em atenção a mensagem que estes provérbios nos transmitem. Não permita que esta ocasião soberana colocada à sua disposição para melhorar os seus conhecimentos e marginalizar a solidão seja uma oportunidade desperdiçada. Dê particular atenção ao segundo daqueles ditados e aproveite as oportunidades que lhe são proporcionadas.



*Universidade Sénior
de Alfândega da Fé*



Edifício onde funciona a Universidade Sénior

No que respeita à Universidade Sénior de Alfândega da Fé aprez-me destacar que é um meio excelente para, como se diz numa frase tradicional, “matar dois coelhos só com uma cacetada”! Inscrevendo-se e participando nas actividades não só se atenua a solidão como se melhoram os conhecimentos. Todos são bem-vindos, independentemente da sua faixa etária, muito embora, como se disse, esteja mais direccionada para pessoas que tenham ultrapassado os sessenta anos de idade. Por isso, decida e quanto mais rápido melhor. Tenhamos sempre presente que a vida é uma escola e portanto enquanto vivemos aprendemos. Permitam-me a expressão, *“mais vale aprender velho do que morrer ignorante”*.

Digam resolutamente alto e bom som:

Solidão vai-te embora,
Fica de mim ausente
Estás comigo a toda a hora,
Não te posso aturar sempre.

Quer de noite quer de dia

Estás sempre à minha beira
Será que eu não podia
Viver doutra maneira?

Indubitavelmente que pode viver de outra maneira. Dirija-se à Universidade Sénior, onde se poderá inscrever, desde línguas estrangeiras (Inglês e Francês) passando pela História, Alfabetização, entre outras áreas. Inscreva-se nas que mais se coadunam com a sua vocação. Ao tomar esta atitude fique convicto de que a solidão não se erradicará totalmente, mas atenuar-se-á, disso não tenha qualquer dúvida. Há funcionários altamente competentes na recepção que o informarão de tudo e ajudá-lo-ão no preenchimento dos formulários.

Lecciono Inglês na Universidade Sénior já lá vão dois anos. O meu inglês não é igual ao de um “native speaker” (falador nativo) isso é um facto indiscutível. Todavia, os meus conhecimentos de inglês permitem-me leccionar esta língua, através da Internet (Programas Kantalk e Skype) duas a três horas por dia, para alunos do Vietname, Philipinas, Rússia, China, Espanha, etc..



Dando uma entrevista à TVI, sobre a Universidade Sénior

Faço questão em me dirigir a todos, designadamente aos que tencionam aprender esta língua, que é falada em todos os cantos do mundo. Inúmeras vezes oiço comentários com uma dose forte de negativismo que todos nós não podemos nem devemos dar a mais pequena reputação. São comentários totalmente nefastos e desprovidos de optimismo. É essencial imperar determinação e sobretudo optimismo para quem está determinado em aprender a língua de William Shakespeare.



William Shakespeare

Esses comentários não correpondem minimamente à verdade e não têm lugar para morar, por bem pouco tempo que seja, em pessoas que estejam dotadas de vontade para atingir os seus objectivos. Se quisermos, conseguimos atingir os nossos objectivos, não tão facilmente como quando éramos jovens, isso é incontestável, mas conseguimos. Os ingleses dizem - I CAN DO IT, I CAN DO IT, I CAN DO IT, que significa dizer três vezes, Eu consigo fazê-lo, Eu consigo fazê-lo, Eu consigo fazê-lo.

A frase apresentada significa tão simplesmente que se estivermos determinados em avançar resolutamente tendo por meta o êxito será indiscutível que o alcançaremos. Queiramos nós.

Por isso, aqueles comentários referidos anteriormente são totalmente desprovidos de racionalidade. Temos de acreditar que podemos aprender seja o que for, desde que tenhamos força e determinação. Frequentemente desistimos dos nossos planos por manifesto comodismo. É uma luta que terá que se suportar em cada momento, derrotando todas essas maléficas ideias que o invadem. Quiçá, algumas vezes, esses pensamentos negativos já o tenham atormentado.

Imagine esta situação. Certo dia resolve que quer aprender Inglês. Na sua maneira de pensar é uma ideia realmente sensacional e sente-se bastante motivado, vislumbrando finalmente inúmeras coisas que poderá fazer quando por fim, aprender. Pensa no inglês às refeições, quando dorme, pensa e respira, essa magnífica ideia todo o dia. Attingiu um investimento preciosíssimo e de repente sem motivos que justificassem tal comportamento única e simplesmente pára radicalmente. Porventura já lhe aconteceu? Isso acontece com muitos que enveredam pela aprendizagem de inglês. Muitas vezes somos acometidos de pensamentos que são autênticas desculpas para não continuar a aprendizagem.

1º- Já ouviu volta e meia, *eu não consigo aprender isso*. Há provérbios que se dizem amiudadamente tais como, “*Burro velho não toma andadura e se a toma pouco dura*”, “*Burro velho não aprende línguas*”, “*Papagaio velho não aprende a falar*”, “*Hábitos antigos são difíceis de abandonar*”, “*Burro velho mais vale matá-lo do que ensiná-lo*”, etc. etc..

Esses pensamentos têm que se eliminar o mais urgentemente possível.

Efectivamente, todos nós somos capazes de aprender, seja o que for. Por consequência nada nem ninguém pode impedi-lo de alcançar os seus objectivos exceptuando você mesmo. Não dê azo, em situação alguma, de ser você mesmo a tornar-se o seu maior inimigo. Tenha sempre presente que se quiser ter sucesso conseguiu-lo-á. Prossiga a linha antecipadamente traçada e não dê ouvidos a algo ou alguém que o possa desanimar e remova este ou aquele obstáculo, com toda a firmeza e serenidade.



Papagaio Velho



Burro Velho

2º- Eu não vou a lado algum. Depois de passar horas e horas a fio estudando Inglês através dos mais variados métodos, aparentemente nada está indo consoante eu desejaria. Longe de mim sentir-me cabalmente satisfeito. Se se sente como se estivesse com os pés cravados no chão, como se não conseguisse mover-se, como proceder para contornar esta delicada situação?

Esta situação terá que ser contornada e encontrar outro método de aprendizagem. O método que tem utilizado, porventura, não é o que mais se coaduna consigo. Existem alternativas eficientíssimas para aprender a língua de Shakespeare.

3º- Eu não sei que fazer de seguida. Está determinadíssimo a obter conhecimentos de Inglês e encontrou um método eficaz que o enche plenamente de contentamento. Sente-se esperançado e sabe com total exactidão os passos que são necessários para alcançar em toda a plenitude o sucesso desejado. No entanto, embora estude cada vez mais afinadamente está encontrando imensas dúvidas e dificuldades. Aqui estão algumas sugestões que poderão erradicar completamente os obstáculos que tanto o preocupam. Faça pesquisas. Naturalmente quando emergirem quaisquer incertezas que tenham que ver com algo de novo que aprendeu esta atitude tornar-se-á imprescindível para neutralizar essas dúvidas. Não tenha aversão ao trabalho e seja um sério autodidacta. Venturosamente vivemos numa época em que temos toneladas de informações gratuitas disponíveis apenas à distância de um clique. Se porventura tem dúvidas, clique em qualquer motor de busca na internet, como exemplo o Google. Há imensas probabilidades de outras pessoas já terem tido antes as mesmas dúvidas e certamente questões similares às suas já foram respondidas por alguém.

4º- Por que não pedir ajuda? Não há nada de criticável se pedir ajuda a outras pessoas, quando tiver dúvidas. Pessoalmente já contactei incontáveis vezes com pessoas disseminadas por todo o mundo no sentido de tirar dúvidas relativamente à língua inglesa e não fiquei diminuído, em nada, por esse facto.

A participação em fóruns é de extrema importância. É altamente recomendável para qualquer pessoa que queira aprender inglês. Se encontrar um fórum tome uma posição perentória e seja resolutivo, participe, pois daí só advirão benefícios. Participe tentando responder a tópicos com perguntas pertinentes. Obviamente receberá algumas respos-

tas utilíssimas e poderá criar relacionamentos com outras pessoas oriundas de qualquer nação do mundo, que lhe poderão ser de grande utilidade.



Forúm no Centro Cultural de Alfândega da Fé

5º- Eu não tenho tempo de praticar inglês. Certamente que tem 10 minutos diários que poderão ser direccionados para aprendizagem do inglês. É um erro crasso pensar que são necessárias duas ou três horas por dia para essa actividade. O caminho mais eficiente de praticar inglês consiste na repetição. É altamente recomendável praticar toda a matéria aprendida todos os dias, nem que seja 10 minutos, do que deixar para o fim de semana e praticar três ou quatro horas. A razão está em como a nossa cabeça capta e conserva toda a informação recebida, quanto mais procedemos à sua repetição em curtos períodos de tempo mais facilidade ela tem para registar essa nova informação.

6º- Eu perdi o interesse, para quê preocupar-me?

Sugiro-lhe que regresses atrás no tempo e tenha em linha de conta qual a razão que o levou a aprender inglês. Recorde-se da altura em que lhe ocorreu aquela vontade de aprender um

novo idioma. Tudo aquilo era excitante, não era? Havia algum motivo em particular, não havia? Indubitavelmente que sim. Quiçá, pelo simples motivo de pretender viajar e conseguir entabular uma conversa com americanos ou ingleses. Ou eventualmente para ter oportunidade de arranjar um emprego melhor remunerado. Independentemente das razões que o deixaram motivado, jamais as pode deixar no esquecimento. Coloque-as imediatamente em primeiro plano, não permita que caiam no entorpecimento. Se observa que tem forçosamente de parar, pare. Recarregue as suas baterias. Se os resultados ficam aquém do desejado, pare durante alguns meses e depois retome a sua actividade.

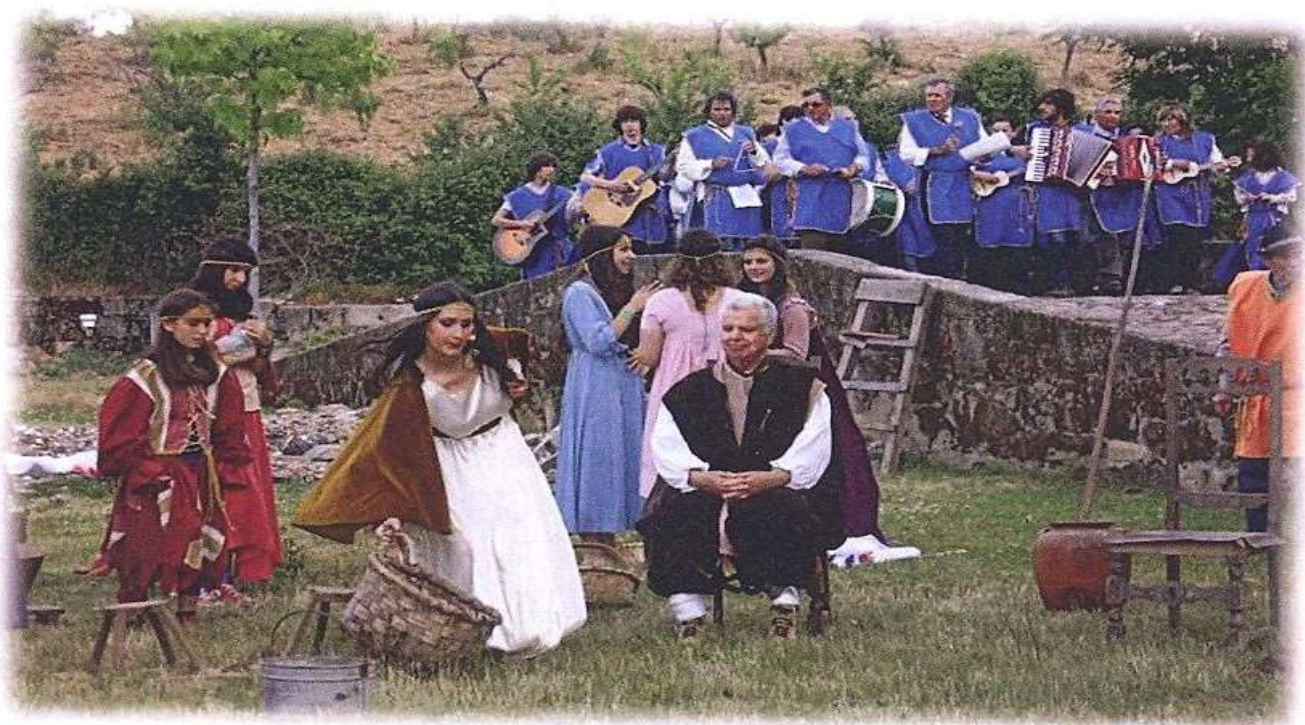
Muitas vezes a nossa cabeça necessita de descansar. Possivelmente o meu objectivo não é tão bom como havia pensado, dirá. Se isto lhe ocorrer, é facilímo pensar que todo o empenho, toda a dedicação que havia tido se dosmoronou. Que a aprendizagem estava sendo em vão. A tenacidade deve imperar em circunstâncias deste melindre e tem que ter pensamentos positivos. O que conseguimos de útil se se apoderar de nós a ideia de que a aprendizagem de inglês é um pensamento sem sentido?

Pensemos sempre positivamente. Às vezes é normal ouvir-se, o Manuel ou o Joaquim começaram a aprender esta língua há relativamente pouco tempo e já sabem mais do que eu. Não se sinta complexado e se pensa que é a única pessoa em Portugal ou no mundo, que não consegue aprender inglês tão rapidamente como desejaria está inteiramente enganado. Obviamente isso ocorre com muitas pessoas em todo o lado, pois que cada pessoa tem as suas habilidades, cada um de nós é diferente. Há pessoas que possuem uma extraordinária apetência para a aprendizagem de inglês e conseguem aprender imensa matéria num curto espaço de tempo. Todavia, há outras que têm mais dificuldades na sua aprendizagem, sendo isso completamente normal. Se verdadeiramente deseja aprender, vai aprender, disso não tenha qualquer dúvida. Haja vontade e conseguiu-lo-á.

Ainda respeitante à aprendizagem da língua de Shakespeare

nós que nos candidatámos a conseguir isso, pese embora as muitas dificuldades com que nos iremos deparar pelo caminho, jamais poderemos abdicar dessa meta e em tempo algum poderemos apoiar o cepticismo. Esta palavra tem que ser banida radicalmente do nosso vocabulário. Temos que confiar naquilo que à *priori* estamos habilitados a fazer. O céptico é uma pessoa que não acredita, que duvida ou se apresenta como descrente. Porém e felizmente não pertencemos à equipa do cepticismo, somos do lado oposto, somos da equipa da crença que seguramente nos catapultará para a aprendizagem do inglês, disso estou completamente seguro.

Ainda dentro desta luta contra a solidão da população, principalmente da terceira idade, a Câmara Municipal de Alfandega da Fé, em parceria com a Companhia de Teatro Filandorra, de Vila Real, criou o grupo teatral denominado T.A.F.E. – Teatro de Alfandega da Fé. Podem fazer parte do grupo todas as pessoas que queiram e que tenham alguma vocação, independente da sua idade. O T.A.F.E. tem relativamente pouca idade, mas já deu passos seguros e importantíssimos como já devem ter constatado.



Lenda das Esporas Douradas pelo Teatro de Alfândega da Fé – T.A.F.E e pela Filandorra de Vila Real



Apresentação da Lenda dos Cavaleiros das Esporas Douradas

Apesar de ser ainda um grupo muito recente já apresentou algumas peças de verdadeira importância, para gáudio dos alfandeguenses, nomeadamente uma réplica das Lendas das Esporas Douradas aquando da Festa das Cerejas. A breve trecho esta colectividade irá apresentar a peça “A Farsa de Inês Pereira”, de Gil Vicente. Por tudo isso, a população, independentemente da sua faixa etária, tem aqui um espaço que poderá partilhar, fugindo a períodos de verdadeira melancolia que a afligem constantemente quando se encontra sozinha.



Patrões e empregados do restaurante D. Maria

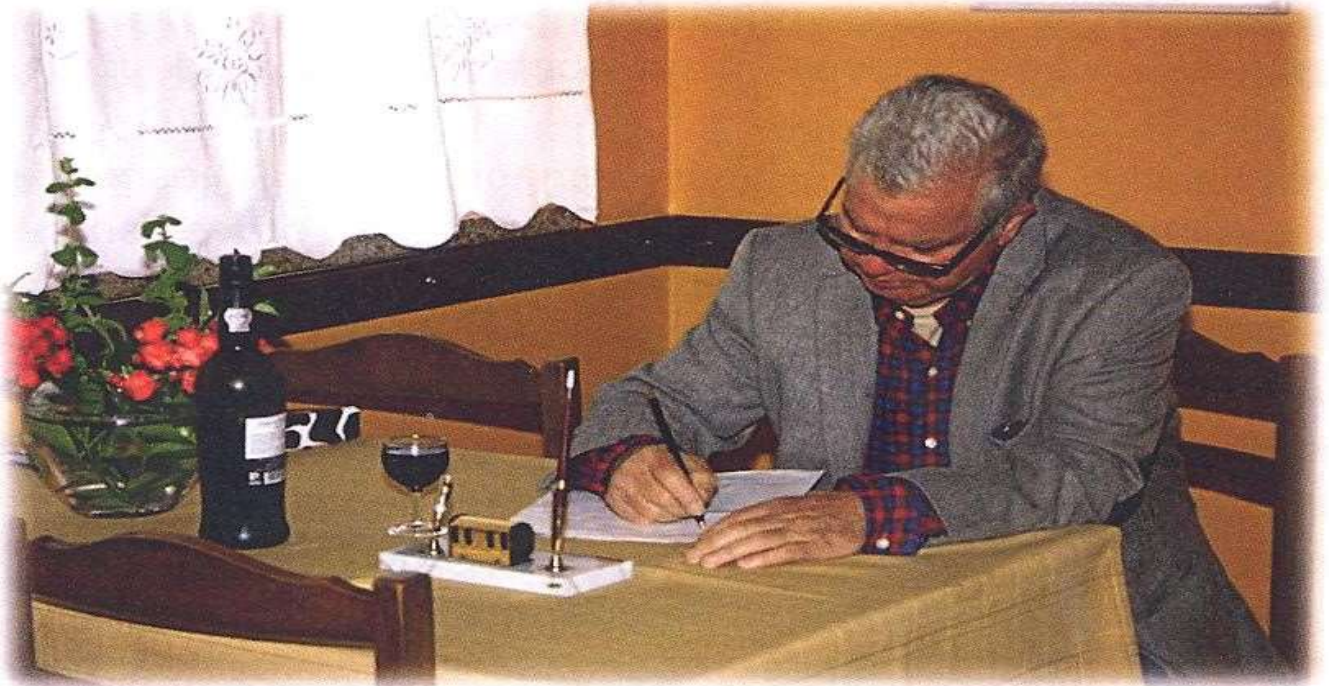
Esta é a equipa constituída por patrões e empregados que desempenha um excelente trabalho no restaurante D. Maria. Faço menção ao Restaurante da D. Maria, em Alfândega da Fé, sem qualquer cariz de carácter publicitário, mas sim pelo facto de ter escrito este livro quase na sua totalidade naquele espaço e particularmente pelo facto de a resolução de avançar com esta empreitada ter sido ali decidida mediante o entusiástico apoio incondicional recebido por parte de inúmeros frequentadores.

Foi neste restaurante que, à medida que ia escrevendo, simultâneamente ia auscultando opiniões provenientes de pessoas de todos os quadrantes culturais que contribuíram de uma forma determinante para a conclusão deste trabalho. Jamais poderia omitir um lugar onde se passaram factos que perdurarão na minha memória para sempre e que me apraz registar com total agrado. Isso reveste-se de um simbolismo especial.

Há outro factor deveras importante que é merecedor de registo que foi a grande preocupação manifestada pela D. Maria e de todo o pessoal que trabalhava sob a sua chefia, no que diz respeito ao Vinho do Porto. É que, sempre que me sentava à mesa com o intuito de trabalhar, a D. Maria, ou

qualquer outra pessoa da sua equipa, empenhava-se o mais rapidamente possível em servir-me um cálice de Vinho do Porto, na maioria das vezes graciosamente. O trabalho ali desempenhado é de uma verdadeira turma cujo patamar dominante é o de prestar o melhor serviço possível à sua estimada clientela. A sua metodologia, no que respeita ao trabalho, faz-me lembrar o provérbio que diz, *“unidos venceremos, divididos cairemos”*.

Nota-se com toda a facilidade que há uma coesão na equipa digna de registar e faço votos que essa solidez, essa concórdia, perdurem por muitos e felizes anos. Esta equipa, felizmente, está inteiramente apta a servi-lo o mais eficazmente possível e, conseqüentemente, recomenda-se. Para concluir tomo a liberdade de declarar que se porventura não fizesse alusão ao local onde se desenrolaram passagens extremamente importantes relacionadas com este simples trabalho isso seria, sem qualquer sombra de dúvida um acto inamistoso, inconcebível, inexplicável e irreparável da minha parte. O motivo pelo qual faço referência ao local, creio, que está pormenorizadamente explicado.



Escrevendo e tendo ao lado a minha bebida predilecta, o vinho do Porto

Carlos Alberto Simões: Autobiografia

Data de nascimento: 26 de Abril de 1942. Naturalidade: Alfândega da Fé. Estado civil: viúvo. Habilitações literárias: antigo quinto ano. Local do exame: Liceu Salvador Correia em Luanda, Angola. Tenho imenso orgulho em ser alfundeguense e amo Alfândega da Fé pois foi esta simpática terra que me viu nascer. Até aos 17 anos, altura em que fui para Angola, vivi nesta linda terra cujas gentes são extremamente afáveis e trabalhadoras. Nesse período vivi momentos inesquecíveis na medida em que tive o privilégio de encontrar quer na escola primária quer mais tarde aquando dos desafios de futebol rapazes da minha geração que interagíamos como se fôssemos verdadeiros irmãos de sangue. Recordo com saudade as traquinices que todos nós tínhamos e que eram de uma dinâmica extraordinária... A minha ida para Angola e permanecendo ali 16 anos foi extremamente benéfica em todos os domínios. Actualmente dentro das minhas possibilidades vou ensinando inglês e algo mais do que aprendi, designadamente através das viagens que fiz ao estrangeiro. Adoro ajudar os meus amigos e gosto de fazer algo proveitoso em prol da comunidade.

Índice

Nota de edição	7
Prefácio	9
Toda a vida é caminho, por Anne	11
Saudação a um viajante, por Francisco José Lopes	13
Sobre o autor, por David Carvalho	15
Introdução	17
Parte I: Alfândega da Fé, 1942-1959	19
Parte II: Por terras de Angola	35
Parte III	67
Autobiografia	195



Município de
Alfândega da Fe



UM HOMEM NA ESTRADA

Autor: **Carlos Alberto Simões**

Foto da capa: Estrada Tallinn - Riga

Edição: Município de Alfândega da Fé
Setembro de 2015

Depósito Legal: 398189/15

Produção gráfica Produção Independente

Av. Infante D. Henrique

Edif. Translande, lj 41

5340-204 - Macedo de Cavaleiros

278106420 | geral@poetica-livros.com

poetica-livros.com/loja

producaoindependenteedicoes.blogspot.com

Impressão e acabamento:

Várzea da Rainha Impressores, S. A.

Rua Empresarial nº 19

Zona Industrial da Ponte Seca

2510-752 Gaeiras – Óbidos

Telef.: +351 262 098 008

Fax: +351 262 098 582

www.varzeadarainha.pt

Aprender sempre ao longo da vida e fazer de cada situação uma oportunidade de aprendizagem!

Este livro de Carlos Simões mostra-nos uma pessoa que apesar de todos os problemas que teve de enfrentar ao longo da sua vida, tem uma postura optimista que o ajudou sempre a ultrapassar as situações difíceis e a aceitar desafios superando-se.

Alguém que saiu de Alfândega da Fé, uma comunidade isolada e muito pobre na altura da ditadura de Salazar para Angola, já jovem adulto, mas que apesar das suas circunstâncias sempre olhou o novo e o diferente com curiosidade e admiração.

Berta Nunes

Presidente da câmara de Alfândega da Fé

